

organização

Andréia Teixeira Ramos

Márcio José Andrade da Silva

Rodrigo Barchi

ECOLOGISTA É A EDUCAÇÃO

cartas, relatos e diálogos

organização

Andréia Teixeira Ramos

Márcio José Andrade da Silva

Rodrigo Barchi

ECOLOGISTA É A EDUCAÇÃO

cartas, relatos e diálogos

I São Paulo I 2025 I



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E19

Ecologista é a educação: cartas, relatos e diálogos /
Organização Andréia Teixeira Ramos, Márcio José
Andrade da Silva, Rodrigo Barchi. – São Paulo: Pimenta
Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-439-1

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-439-1

1. Perspectivas Ecologistas de Educação. 2. Cotidianos
Escolares. 3. Educação Ambiental. 4. Ecologia Política.
5. Narrativas. I. Ramos, Andréia Teixeira (Org.). II. Silva, Márcio
José Andrade da (Org.). III. Barchi, Rodrigo (Org.). IV. Título.

CDD 372.357

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação Ambiental

Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Marta Catunda Giovanni Paolo Bona
Tipografias	Acumin, Belarius Poster, Field Gothic
Revisão	Davi Fernandes Costa
Organização	Andréia Teixeira Ramos Márcio José Andrade da Silva Rodrigo Barchi

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 5

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza

Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos

Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrel Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal do Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Mauricio José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patrícia Biegling

Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves

Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton

Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior

Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite

Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos

Domimidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis

Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos

Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiane Borges Leal

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior

Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo

Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva

Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva

Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento

Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira

Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



À Marta
In memoriam

*Galho trisca trinca ferro/
Crista galo solfejando solar/
Vem chegando sorrateiro/
Como flor da cor de se pintar*

(Pé de Vento - Tetê Espíndola e Marta Catunda)

<https://www.youtube.com/watch?v=hPU-IBKZpdg>

SUMÁRIO

<i>Alda Regina Tognini Romaguera</i> Prefácio	15
<i>Andréia Teixeira Ramos</i> <i>Márcio José Andrade da Silva</i> <i>Rodrigo Barchi</i> Apresentação	19
CAPÍTULO 1 <i>Andreia Teixeira Ramos</i> Antes do começo	26
CAPÍTULO 2 <i>Ariane Diniz Silva</i> “Nossa, quanta mulher forte nessa família!”: carta da Ariane ao Marcos.....	45
CAPÍTULO 3 <i>Daniele de Oliveira Garcia</i> Dezenove de Agosto de Dois Mil e Dezenove. Eram três da tarde, mas o céu ficou cinza	66
CAPÍTULO 4 <i>Eder Rodrigues Proença</i> A influência da perspectiva ecologista de educação de Marcos Reigota na trajetória de um caipira do Brasil profundo	77

CAPÍTULO 5

Íris Adriane Santoro Cardoso

Provocações 114

CAPÍTULO 6

Márcio José Andrade da Silva

Confissões 129

CAPÍTULO 7

Maria Aparecida dos Santos Crisóstomo

Os que vêm das margens podem falar 143

CAPÍTULO 8

Maurício Massari

Íris Adriane Santoro Cardoso

Kleber Trevisan

Desencontros, encontros e reencontros:
interloquções ecologistas..... 154

CAPÍTULO 9

Rodrigo Barchi

**Ecologias extremas, cotidianos brutais,
democracias radicais:**
ou de três retornos da morte 185

CAPÍTULO 10

Tânia Aversi

**Um livro e os deslocamentos
de uma professora pesquisadora**..... 208

Marta Bastos Catunda

Marta ao Éder 215

Marta Bastos Catunda

Laura de Aro

Eder Proença

Giar Influxo 217

Marta Bastos Catunda

Nota de Voz – Rio Sorocaba 218

Thiago Henrique Barnabé Corrêa

Posfácio 220

Por elas mesmas e por eles mesmos... 223

Índice remissivo 228

PREFÁCIO

Alda Regina Tognini Romaguera¹

Escolhi navegar por este livro na companhia das imagens e do pensamento alado de Marta Catunda. Cada imagem da Marta que vem compor essas páginas nos convida a um percurso errante e brincalhão pelas dobras leibniz deleuzianas que desenham sua barroca arte:grafia. Nelas, nosso olhar encontra correntes de ventos, caminhos de aves, árvores de olhos e penas, montanhas e marés, moradas de estrelas do mar; penas, cantos, voos de pássaros, palavras, se escondem e se revelam imagens de ocas e torres e sereias e rios e o que mais pudermos descobrir, inventar, sonhar... Isso mesmo: sua arte:grafia amplifica a potência da criação artística no conceito reigotiano de bio:grafia, que corre-percorre algumas das narrativas. Arte:grafia é também a dobra sonora que se ativa nas composições de Marta e no seu pensamento cantante em melodiosa voz; somos herdeiras e herdeiros de seu alfabeto freire deleuzeano e de tantos outros legados, dos quais destaco sua amorosidade passarinha e a delicadeza de sua amizade. Já faz um tempo que Marta voou, mas enquanto esteve entre nós foi (ins)piração para muitos destes autores e autoras aqui presentes; acompanhou e co-orientou defesas de dissertações e teses das doutoras e doutores formados na perspectiva ecologista em educação.

É Marta quem me toma pela mão, me convida ao sobrevoo e me sopra ao ouvido que podemos fazer composição com as palavras destes capítulos, entran(çan)do neles uma dimensão poética presente nas conversas com seus textos.

E lá vamos nós, sobrevoando este livro que se faz elogio reigotiano, não apenas ao ecologista, educador e pensador contemporâneo, mas ao Reigota professor/orientador dessas pessoas que se reúnem

1 Professora...

aqui. Trata-se de encontros e reencontros compostos por narrativas, prosa poética, que resultam em uma tessitura de cartas com imagens, conceitos, experiências e memórias que alteraram modos de produção de sentidos para todas e todos nós.

Andreia Ramos tece uma carta-corpo de coloridas vestes, impregnada de imagens, poemas e sons, movimenta a força de mulheres capixabas, congueiras e oaxaqueñas numa dança entre culturas, educação, arte de viver em cotidianas re-existências. Seus cartões postais, cujos selos trazem a imagem de um beija-flor, selam a delicadeza com que ela se aproxima *das questões de gênero e dos movimentos de pensar o feminismo das oprimidas, das mulheres que vêm das margens.*

Ariane Diniz nos presenteia com uma carta-testemunho a Marcos Reigota, na qual narra suas angústias, medos e descobertas diante das aproximações teóricas com um outro campo de conhecimento. Suas cartas, relatos de experiência e discussões se espalham e inspiram outros tantos encontros com colegas durante seu processo de doutoramento. Re-colho aqui um fragmento com trechos dessa coletânea, quando Ariane em sua tese escreve cartas aos amigos do doutorado; seguem pequenos trechos dessas cartas: Um desejo de caminhar sem cabresto, nos dizeres do André, pela “terra rasgada” a vivenciar educações ambientais em conexões das redes cotidianas, como nos diz a Andreia, para vivenciar uma Universidade Comunitária (Venâncio) e experiências transnacionais (Eder). Além disso, ressaltar os encontros com Nita Freire e os processos de mestrado e doutorado (Mauricio Massari). E extrair diálogo, discussão e reflexão da prática ao preparar os encontros do Reletran (Carmem), tornando-os espaços de interlocução, possibilidade criativa que amplia e replica possibilidades acadêmicas (Marta). São potências subjetivas das dimensões política e pedagógica para praticar, com a arte, uma educação que está nos humanos (Cristiane).

Daniele nos oferece uma carta furta-cor narrando suas aproximações com as perspectivas ecologistas e sua opção por resistir aos tons cinza-catástrofe, por uma educação do encontro, e por uma escrita acessível às pessoas.

Éder apresenta sua trajetória na construção de uma poética pela narrativa do vivido. Poética esta que se faz com e pelos acessos a múltiplas manifestações e artefatos culturais, que cria com vidas e obras de artistas como Pedro Lemebel, Bispo do Rosário e Leonilson, Pablo, Amara Moira e os grupos de música que emergem nas mídias sociais. Uma poética que se extrai das ruas, do funk, e ressoa vidas (in)visibilizadas (Mc Linn da Quebrada). Poética que cria campos de resistência lá no chão de escola e faz vibrar uma política pelos tantos modos de existência a se reinventar. Poéticas *trans* de uma pedra rolada que, ao desejar ser muro colorido, virou foi pássaro e alçou voos que nos convidam a resistir educações com e pelos cotidianos, nos contagiando com esses encontros de crianças com o sensível do mundo, transformando o longe em aqui e agora na busca pela paz.

Íris escreve produzindo sentidos em suas práticas com turmas de estudantes, provocando-os aos deslocamentos. Ela, que se desloca e costura escritas e fazeres educacionais com cotidianos e narrativas.

Márcio nos traz uma escrita recheada de imagens-textos, permeada de historicidade (numa aproximação com o conceito de bio:grafia), de mãos dadas com a pedagogia freireana. A narrativa, instrumento de sua *autopoéticapesquisa*, entrelaça os fios dos fatos de suas memórias com acontecimentos políticos e sociais na perspectiva da historicidade, conceito que migra da filosofia clínica.

Cida escreve ao Marcos revestida por uma força da oralidade, da ancestralidade narrativa que revela sua negritude feminina contadora de histórias. Suas conversas e andanças vão nos apresentar

mulheres-flores em sua relação com a flor-pesquisadora Cida e com sua pesquisa. É nesta relação que o Buquê se torna completo, em seus sentidos plurais!

Maurício, ao buscar “entender que corpo e mente não podem ser separados”, foi transformando práticas pedagógicas, mudando referenciais teóricos e in-corporando vida às suas aulas. No doutorado, estes *saberesfazeres* ganharam força e passou a pensar Educação e territórios, fluxos do cotidiano, meio ambiente enquanto relações sociais, políticas e históricas. Construiu a tese em rede, apostando neste conceito enquanto potencializador de conhecimentos, ao mesmo tempo em que a narrativa se fez nos/dos/com enredos cotidianos que se constituem Educação, em sua aproximação com a Educação Física. Um dos resultados deste encontro é a geração mútua de um contágio que se multiplica, em-red-ando a todas e todos no seu percurso.

Tânia se faz andarilha para percorrer e/ou dançar, ensaiar passos para uma dança freireana ao som das perspectivas ecologistas. Faz

É com Éder e Laurinha que Marta se junta pra fazer coro de vozes e imagens na poli-cromo-fonia que compõe este livro.

Rodrigo nos provoca a pensar e a resistir nos ritmos das músicas extremas, extraindo potências vibrantes e necessárias para seguirmos.

E seguimos!

Parafraseando Marta, no convite-desejo de compor este livro:

Aí essa escrita vai assim, como se tivesse um eco de todas e todos nós, sabe? Para mostrar a reverberação da perspectiva ecologista, né?

APRESENTAÇÃO

ECOLOGISTA É A EDUCAÇÃO... E VICE-VERSA:
UM LIVRO DE PRESENTES, HOMENAGENS E AMIZADES

*Andréia Teixeira Ramos
Márcio José Andrade da Silva
Rodrigo Barchi*

*Eu estou com a vontade/
À flor da pele/
Querendo viver tudo/
Nesse momento*

(Bodoque - Tetê Espíndola e Marta Catunda)

<https://www.youtube.com/watch?v=EgXpdR4GIJo>

Este livro quase não saiu. Não era para ter sido lançado. Ele quase foi enterrado. Por muito pouco os avanços do neofascismo apagador de sentidos fizeram com que o que agora está em tuas mãos e telas, leitora e leitor, não nascesse. E não porque fomos perseguidos, impedidos ou mesmo assediados para que não o lançássemos. Pelo contrário. É ótimo, no universo da produção acadêmica em que todos que aqui estão, lançar livros, textos, homenagens e seja lá o que for, que se some àquilo que produzimos.

Mas ele quase não foi completo e lançado por uma profunda sensação de infecundidade e esterilidade, por ser mais um texto que, apesar de sua força, não viesse a ser mais do que palavras jogadas ao vento, para serem apreciadas por amigas/os e estudantes, e mais nada. Principalmente perante o avanço de uma sensação na qual ou se submete aos ditames dos novos tempos de competitividade,

individualização e acomodação a um assédio contra a cooperação e o coletivismo, ou não se obterá mais nada dessa vida.

Sim, por pouco o rompante que tivemos foi justamente aquele de que nada daquilo que viríamos a fazer teria a força suficiente para lutar contra a destruição, não somente dos projetos ecológicos que queríamos fortalecer e expandir, mas também da nossa própria capacidade de indignação, reação, resistência e associação.

Mas foram justamente os nossos alinhamentos e amizades que deram um “peteleco” em nossos espíritos, e, pelo menos para nós, mostraram que Spinoza sempre esteve certo ao dizer que há a perseverança na existência e que, apesar daquilo que vem do mundo e tenta nos amassar, destruir e apagar, somos seres constituintes compostos de radicais recusas, e também de desejos de uma vida mais que não-fascista, mas ecologista.

O que também havia nos impedido mais de seguir adiante foi que acreditávamos que tudo o que poderia ser falado sobre as perspectivas ecologistas em educação, já havia magistralmente sido organizado e sistematizado pelo belíssimo libelo de Thiago Henrique Barnabé Corrêa (que escreve o posfácio desse livro) e Leonardo Mendes de Bezerra, lançado em 2023 (Corrêa; Bezerra, 2023). Aquela obra já registrava o legado reigotiano dos diálogos entre a ecologia e a educação, nos trazendo, para além do que Marcos já havia criado, a ideia na qual o quanto ecologista é a educação, e vice-versa. Nesse sentido, o “impeditivo” era alegre, e o que trazíamos aqui seria supérfluo e excessivo.

No entanto, não. Havia muito mais a ser dito. Não somente as coisas menores e intersticiais, mas principalmente as viscerais, daquelas que só a abertura ao relato do cotidiano em seus pormenores, em textos que pudessem ser escritos como delícias a serem saboreadas em um sábado à tarde dos antigos – quando ainda

existentes – outonos pré-catastróficos, ainda podem ser ditas. E trazidas como saberes construídos e inventados a partir de afetos construídos enquanto cada um dos colegas que aqui estão, banhavam-se nas/das/com as perspectivas ecologistas em educação.

Esta coletânea é um conjunto simultâneo de arborescer, florescer e frutificar que surgiu no meio da pandemia que nos assolou entre 2020 e 2021. Surge de uma tentativa de fortalecer as perspectivas ecologistas em educação, se não diretamente a partir do elaborador da proposta, Marcos Reigota, mas de algumas de suas amigas e amigos, alinhadas e alinhados ao seu pensamento marginal em ecologia, educação e ciência.

Não era um livro de homenagens, quando ele começou a ser gestado por nós – inicialmente somente Rodrigo e Andréia – no início de 2021. Mas uma bricolagem de abraços, de encontros, de sensações e de alinhamentos éticos, estéticos, políticos e ecológicos, que se fizeram até menos a partir das orientações, das aulas, dos seminários, das bancas e dos diversos processos formativos orquestrados por Marcos, do que das amizades e cuidados não somente com as pessoas, mas com os legados.

Este livro estava profundamente adormecido. Andreia jura de pés juntos que a obra estava somente “jiboiando”, ou seja, esperando pacientemente em um estado de “semi-dormência”, até o momento em que os sentidos se aguçam e percebem a hora certa de acordar e dar o bote, e voltaria no momento necessário. Já Rodrigo, em quase erro taciturnamente fatal para esse belo conjunto que se apresenta, afirma que havia deixado 99,9% de lado o trabalho, alegando que tudo havia mudado na proposta e na perspectiva que pautava o chamado às e aos colegas. Mas foi devido justamente à responsabilidade com as camaradagens, foi que Márcio, convidado pelos dois primeiros a escrever também, em 2023, inquiriu:

“Ô gente, o livro que vocês estão organizando já está para sair?”

“Ô Márcio, a gente não vai conseguir lançar, não. São muitas coisas que aconteceram nesses dois últimos anos, estamos envolvidos em uma série de outras coisas, e não sabemos se daremos conta.”

“Mas a obra estava organizada e o material estava entregue, ou só eu havia enviado?”

“Que nada, Márcio! Já estava quase tudo pronto. Imagine que até um amigo de infância do Rodrigo, um caricaturista genial chamado Giovanni Bona, havia feito umas caricaturas do Marcos Reigota conversando com Paulo Freire?”

“Ah, não! Eu quero ver isso daí. Vocês têm esse material?”

“Temos sim. Está na ‘nuvem’ e vamos compartilhar com você. Estão ali os textos que enviaram, os nossos, as caricaturas, e as artes que a Marta Catunda, semanas antes de ir embora, havia feito para nós colocarmos entre os capítulos, e também os projetos de artes de capa.”

“Eu posso ver, de curiosidade?”

“Pode sim, Márcio!”

Uns meses depois, Márcio escreve a Rodrigo e Andréia, dizendo que havia mandado a obra para uma editora e feito um orçamento. Rodrigo vai e fala que, se a Andréia quiser, os dois poderiam publicar tranquilamente a obra e, que se quisessem, ele poderia enviar um texto e nada a mais, devido às incumbências, orientações e o próprio trabalho na organização dos livros da Música Extrema, que já estavam no terceiro volume.

“Ah, não, Rodrigo. Tem que ser nós três. Você e a Andréia tiveram todo o trabalho de leitura e correção, e tem que ter o nome dos dois.”

“Mas Márcio, eu estou sem condições, agora!”

“Olhe, sem vocês eu não vou lançar, pois não é justo. E se uma obra dessa não for lançada – e a Andreia já aceitou – é uma lástima absurda.”

E a obra está aqui... Depois de ter “jiboiado”, arboresceu!

Emitimos um longo e-mail à Ariane, à Daniele, ao Éder, à Íris, ao Kleber, ao Maurício, à Maria Aparecida, à Laura de Aro e à Tânia, que aqui publicam, pedindo desculpas pelo longo hiato, e pela falta de respostas, visto que não comunicamos a suspensão do livro. Não foi desleixo, mas sim, aquele 0,01% da esperança ativa freireana que nos impediu de dizer “Não vai ter mais!”

“Jiboindo”, nós esperamos...

Escrevemos à Alda, que havia, lá em 2021, aceitado escrever o prefácio, que confirmou seu texto. E chamamos Thiago Corrêa, para escrever o posfácio, pois adoramos e copiamos literalmente a ideia do seu livro com Leonardo Bezerra ter um texto de fechamento da obra.

Escrevemos à Marcia Catunda e à Flávia Catunda – irmã e filha, respectivamente, a quem agradecemos aqui incondicionalmente – solicitando a autorização do uso das artes que a Marta havia nos enviado, assim como os três áudios: um de Marta ao Éder Proença, na preparação para este livro; “Giar Influxo”, feito em parceria também com Éder e Laura de Aro; e outro dela, às margens do Rio Sorocaba, enviada e cedida por nós pelo Éder. Eles poderão ser acessados pelo QRCode da versão impressa, e escutado diretamente na versão em e-book. Os três áudios estão devidamente transcritos, pois, apesar dos desejos de Marta de que fosse um livro também de ruídos, entendemos que a transcrição atende às perspectivas democráticas de acessibilidade, das quais tanto prezamos e pelas quais incessantemente lutamos. As artes, os áudios e as transcrições também são uma forma de tentarmos

levar e eternizar – spinozanamente – todo o brilhantismo, doçura e esperanças de Marta Catunda.

E tudo sem o Marcos saber...

Este é um livro sobre as perspectivas criadas por Reigota, mas em homenagem à Marta. E ao homenagearmos a Marta, nós fortalecemos as perspectivas. Que aqui, nós insistimos no plural: perspectivas...

E longe delas se calarem, elas estarão vivas até a última das aves – às quais Marta se alinhava ética, estética, política e fraternalmente – cantar. Cada pio é uma recusa. Cada grito, um enfrentamento. Cada harmonia, uma esperança. Foi isso que as perspectivas, em Marcos, nos fizeram entender. E como diz, Alda Romaguera, em ressonância ao Marcos, é disso que se trata!

No entanto, é um presente a ele. Não como “reconhecimento” por toda a “contribuição” que ele deu aos estudos em ecologia política e educação ambiental no Brasil e no mundo. Isso já foi amplamente feito, apesar de entendermos que ainda menos do que deveria. Mas porque aos amigos e amigas damos presentes pelo “simples” – pequeno, menor, marginal, entrincheirado – fato de que gostamos deles e delas.

Não vamos, nesta apresentação, falar sobre cada um dos textos que aqui estão. Tanto pelo fato de Alda já ter feito isso com brilhantismo, quanto pelas autoras e autores já terem se expressado sobre Marcos, em afeto, por si só. Além disso, recomendamos que a leitora e o leitor não esperem uma sequência ou coesão entre os textos, no que diz respeito aos gêneros da escrita estarem alinhados e/ou sistematizados. São cartas entrelaçadas a relatos, diálogos, ensaios, manifestos, confissões e agradecimentos. Nesse sentido, o livro poderá ser lido em qualquer ordem e, tanto na versão impressa quanto na digital, o que se sugere é navegar a esmo.

No entanto, é necessário que se perceba, na leitura deste conjunto, que as intervenções aqui presentes, uma a uma, se caracterizam por serem pequenos regalos, para que Marcos nunca esqueça daquilo que proporcionou em sua militância, sua recusa, sua freireana indignação e seus esperanças. Os quais nos fizeram compreender e perceber que mundos outros só serão inventados com coragem, compromisso, esmero e paixão.

1

Andreia Teixeira Ramos

ANTES DO COMEÇO...

Na tarde de primavera do dia 13 de novembro de 2018, tive a honra de defender minha tese de doutorado em Educação, intitulada... "Mulheres no Congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares". O texto¹ a seguir foi preparado para ser lido nesse dia muito especial. Depois de 4 anos de comprometimento ético e político com a pesquisa, chego na fase final do doutorado em Educação (Uniso/PPGE/Capes). Gratidão sem medidas! Chegou o dia! Dia da conquista de um povo! Dia da defesa da minha tese.

Eu, Andreia Teixeira Ramos, a primeira de toda uma geração familiar a se tornar doutora em Educação. Momento de alegria sem limites. Uma tese-vida que expressa histórias de uma mulher que insiste, resiste e re-existe, nas lutas cotidianas a favor da vida, do amor, da paz, da dignidade e da democracia. E como nos orientou Paulo Freire "Estudar é um ato revolucionário!" A nossa luta é todo dia!

É preciso dizer que o doutorado foi um desdobramento do mestrado (Ufes/PPGE/Capes), no qual pude olhar para as mulheres do e no Congo. Isso mudou minha percepção sobre minha própria história no meu lugar de mulher negra. Minha narrativa, portanto, não é individual, são narrativas coletivas que carregam elementos da história de um povo, que é também a minha história.

Para esse momento tão especial, preparei itens das terras capixabas: mini casaca, panelinhas de barro das paneliras de Goiabeiras Velha e uma toalha costurada pela mamãe, Maria de Lourdes, para enfeitar a ocasião. Preparei também Cartões Postais

1 É importante destacar que uma versão deste texto "*Escribir, una tesis de doctorado en educación, en tiempos de cólera*" foi apresentada, em espanhol, no Coloquio "*ESCRIBO... LUEGO EXISTO*" *EXPERIENCIAS DE ESCRITURA ACADÉMICA EN POSGRADOS DE LA AMÉRICA LATINA HISPANOAHABLANTE*", realizado em 2019 na Universidade de Córdoba, na Argentina. Essa apresentação foi fruto de uma parceria com meu orientador de doutorado, o professor Marcos Reigota.

para deixar como lembrança da pesquisa com as pessoas presentes na defesa. Quem os recebeu e olhou com atenção notou que cada postal tem um selo com um beija-flor e orquídeas: uma homenagem discreta ao naturalista e ecologista capixaba, professor e pesquisador Augusto Ruschi, defensor incansável da natureza. Esta homenagem se inscreve também no tecido das sacolas costuradas por mamãe Maria de Lourdes, que abrigaram os volumes das teses entregues aos docentes da banca, e nas toalhas usadas para enfeitar as mesas no dia da defesa.

Além disso, o momento foi uma composição de temperos, cheiros, sabores e afetos, com bolo de fubá e um delicioso café com prosa para continuar mantendo os corações aquecidos de amor. Compartilhar alimentos é um ato de amor e afetos. Afetos com compromisso ético, estético, político e pedagógico tecidos com inspirações freireanas. Finalizo esta breve apresentação com um fragmento do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo:

[...] Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (2017, p. 109-110).

Desejo uma boa leitura! Bom proveito!

AQUECENDO OS TAMBORES

Para iniciar, desejo uma bonita tarde a todas e todos que estão aqui comigo hoje.

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, professor Marcos Reigota, pela sua generosa atenção e por suas valiosas orientações durante esses quatro anos.

Agradeço as professoras Alda Romaguera, Maria Aparecida, Eliete Nogueira, Marta Catunda, e aos professores Leandro Belinaso e Rodrigo Barchi, pelo aceite na composição da banca avaliadora.

Começo essa leitura, lembrando que, quatro anos parece pouco tempo, mas, também parece muito tempo. Durante o período em que estive no doutorado, o Brasil ferveu com a primavera secundarista, com as ocupações das escolas públicas de Ensino Médio e universidades em 2016, aquelas contra o Temer, e por fim, aquela conhecida pelo seu mote #EleNão. Foi preciso fôlego para escrever uma tese entre tantos tremores, temores e tempestades, e recentemente, a maior delas, a eleição de um candidato fascista para presidir o Brasil. Foi necessária força para resistir e reinventar possibilidades outras de vida no presente, e pensar como seria um trabalho com mulheres no Congo, o que são práticas de re-existência ecologista.

Penso que as vitórias são pequenas e miúdas, mas acontecem, como mostrou o resultado da eleição para a casa legislativa de 2018, em que elegemos uma bancada de candidatos envolvidos com a solidariedade, a cidadania e a democracia para todas e todos. E assim, seguimos com alegria de viver, de conviver, de estar com pessoas para conversar, escutar e conhecer suas histórias. É isso que potencializa ecologias outras, existentes nesses movimentos de amizade, amor, pois é pelas brechas que podemos resistir com amorosidade.

Gostaria de continuar a leitura deste texto, citando um trecho que está na carta que escrevi para minha filha Maria, e que compõe o capítulo “Antecedentes” da tese. Conto uma história que foi um acontecimento que marcou minha infância, e que somente há pouco tempo fui entender o que de fato aconteceu comigo, porque eu “Não entendia como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe, sua cor”², como dizia o poeta Renato Russo da banda Legião Urbana.

A vida funcionava assim:

Dona Judite, uma senhora branca, bordadeira, começou a ofertar vagas para ensinar crianças a bordar. Eu e minha coleguinha de infância, Maresa, fomos nos oferecer para participar das aulas de bordados. Recordo que, nas primeiras aulas, Dona Judite apresentava certa impaciência em me orientar na arte de bordar, até que um dia ela me disse:

— Você não tem jeito para bordar, porque sua mão é suja!

E eu disse:

— Vou lavar bem as minhas mãos para ficarem limpinhas e eu poder participar das aulas e aprender a bordar.

E ela repetiu:

— Você não tem jeito para bordar, porque sua mão é suja!

Neste dia, saí descontente da aula e nunca mais voltei. Cheguei em casa e lavei muito minhas mãos para tentar limpá-las da sujeira que Dona Judite disse que estava nelas. Passei a acreditar de fato que eu não tinha habilidades para tal arte. Recentemente, lendo crônicas e contos escritos por mulheres escritoras negras, é que “entendi como a vida funcionava”. O que vivi foi uma atitude

discriminatória em relação a minha etnia e classe social na infância. Discriminação que mostrava sua cara de muitas formas. Minha mãe fazia questão de manter meu cabelo preso, bem penteado, e às vezes cortava curtinho, para evitar constrangimentos, só que mesmo assim, constantemente, ouvia alguém dizer:

— *Prende esse cabelo, está muito armado...*

Na minha infância era comum ouvir coisas desse tipo e foi preciso resistir para superar o desprezo que impera na sociedade brasileira, e, como criança negra, ressignificar sentidos outros para re-existir diariamente, já que nos lugares que eu habitava havia poucas negras e negros.

Nessa caminhada de re-existências, foram muitas aprendizagens, criação de amizades e invenção de solidariedades. Vivi uma ecologia outra. Ecologia dos que vêm e vivem nas margens e que nas margens muito contribuem com os seus movimentos de resistência aos processos de colonização, produzindo conhecimentos com suas leituras de mundos, como pensou Paulo Freire.

E assim as narrativas das Mulheres no Congo do ES, como práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares, constituíram as travessias da pesquisa e me constituíram nesse longo caminho, desencadeando algumas problematizações: de que modo pensar as narrativas das Mulheres no Congo como práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares?

Começo pelo meio, com inquietudes e inacabamentos, problematizando e me problematizando como mulher, educadora, pesquisadora e cidadã, voltando meu olhar para estas mulheres e sua prática que, ausentes em minha pesquisa de mestrado em educação concluída em 2013, quando estudei o congo de máscara, começaram a emergir e a gritar dentro de mim no meu ingresso no doutorado, e para as práticas pedagógicas que se enlaçam com o congo.

Assim, o doutorado é um desdobramento do mestrado, onde pude olhar para as mulheres do e no congo. E fazer isso mudou minha percepção sobre a minha própria história no meu lugar de mulher. Minha narrativa, portanto, não é individual, são narrativas coletivas que carregam elementos da história de um povo, que é também a minha história.

Na tessitura dos fios da rede metodológica, esta pesquisa se aproxima dos estudos com os cotidianos, e mais especialmente dos trabalhos e publicações do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação, buscando criar encontros na travessia do campo da pesquisa. Trago as perspectivas ecologistas de educação com inspirações freireanas, pois durante a pesquisa Paulo Freire sempre esteve presente e nunca deixou de me acompanhar nessas trilhas investigativas, em que apostei e exercitei o compromisso ético, estético e político, que envolve a ideia de cidadania planetária, dialogando com as macro e micropolíticas que atravessam gestos, conversas, narrativas, cheiros, sons, afetos, amizades, tensões, conflitos, negociações, ideias, sentimentos, experiências, que compõem os cotidianos da vida.

Nesse contexto, é importante nos perguntarmos como o fez Paulo Freire (2009, p. 77): “Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?”, questões estas que me acompanharam durante esses anos do processo de pesquisa e escrita. No esforço de responder tais perguntas, digo que estudo em favor dos *menores, aqueles que vêm das margens*, dos infames, dos invisíveis, dos apagados da história, exercitando aproximações com a esperança, a cultura da paz, os modos de existências solidários, por entre conversas amorosas. Estudo contra a opressão, as desigualdades e injustiças sociais, os preconceitos étnicos, de gênero, classe e religião. Estudo contra o sistema do patriarcado, contra os colonizadores, os opressores...

Respostas que ressoam no livro *Ensinando a transgredir*, de bell hooks (2013), onde a autora afirma que “o aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador” (hooks, 2013, p. 13). Ao ler seu livro, percebi que minhas práticas pedagógicas e minha vida de um modo geral, se aproximavam de pedagogias anticoloniais, feministas e antirracistas; entretanto, é preciso destacar que foi somente com o ingresso no doutorado, que consegui alimentar um crescimento-deslocamento intelectual, emocional e espiritual... Para mim, assim como para bell hooks, em consonância com o pensamento de Paulo Freire, a teoria foi uma prática libertadora. Porque muitas vezes chegamos a ela machucadas pelas violências que sofremos. Às vezes sequer sabemos o quanto machucadas estamos.

Tal como ela, acredito que “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público” (hooks, 2013, p. 90). Razão pela qual uma teoria que silencia, censura e desvaloriza as vozes das minorias, das mulheres, não cabe nessa pesquisa. A teoria que reforço aqui, pensando com bell hooks (2013, p. 97), “nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana”, nasce com as experiências como pesquisadora-conversadora nos *micro-lugares* com as mulheres do e no congo.

Pois é como pesquisadora-conversadora que sustento as vozes que soam nas narrativas que as mulheres no congo capixaba e as muitas professoras brasileiras e mexicanas compartilharam comigo, e os microlugares onde foram produzidas.

Muitas são as questões que me atravessaram e à pesquisa depois de escutar as contribuições das professoras e professores durante a qualificação, entre elas: o que vibra nas mulheres no congo capixaba, nas mulheres oaxaqueñas e nas mulheres que pesquisam

cotidianos escolares numa perspectiva ecologista de educação? De que diferentes modos os escritos freireanos fazem reverberar re-existências ecologistas com os cotidianos escolares? Quando as mulheres do congo falam e quando eu falo? São narrativas que eu escrevo ou que elas escrevem? De que ecologia eu estou falando? Como adensar a tese com as noções de resistência, re-existencia, perspectiva ecologista e geografia dos afetos?

No entanto, em razão do pouco tempo para nelas me debruçar com calma e com a atenção que merecem, me afasto do desejo de responder todas elas, e, com humildade, nessa versão do texto, apresento o empenho em dialogar com elas. Pois o tempo é de fato “compositor de destinos, tambor de todos os ritmos”, como disse o cantor Caetano Veloso em sua *Oração ao tempo*³. Quis o tempo que não houvesse tempo, por hora, para tudo de importante que desejei realizar nesta tese e que desejamos realizar neste país. Mas o que realizamos como pesquisadoras e pesquisadores, por pequeno que seja, nos transforma e transforma o nosso cotidiano.

Então ressalto a aposta em exercitar a perspectiva ecologista de educação, reafirmando uma posição política, porque age no mundo, ética, porque não ignora os tantos outros e outras, estética, porque criadora de existências belas e fortes, pedagógica, porque diz de um modo de conviver. Tudo isso para mim faz dos movimentos, movimentos de resistência. No caso desta tese, a prática de re-existência ecologista no congo acontece nas relações de solidariedade e amizade sementeadas entre os integrantes das bandas, que sustentam no seu agir, o diálogo amoroso no enfrentamento das tensões e conflitos, das relações de opressão e poder. E é por isso que o congo não desiste, mas insiste, persiste e resiste, ocupando por tantos séculos a terra capixaba.

3

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2iglhxA> Acesso em: 14/ fev. 2025.

QUANDO AS MULHERES FALAM

É importante ressaltar que, “pelo fato de as forças colonizadoras serem tão poderosas neste patriarcado capitalista de supremacia branca”, conforme coloca bell hooks (2013, p. 67), é também no congo que as mulheres são afetadas pelos ecos do regime patriarcal presente num sistema social em que os homens mantêm majoritariamente o poder e a liderança nos grupos de banda de congo, assim como em outros espaços de convívio.

Desse modo, por vezes, o colonizado/oprimido pode se tornar um opressor como afirmou Paulo Freire (2014, p. 71), exigindo que fiquemos atentas, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens e *as mulheres* se libertam em comunhão”. Nesse sentido, a libertação do patriarcado só pode ser coletiva e depende de todas e todos. No entanto, como esse regime é violento, adentrando todos os espaços, penetrando nos cotidianos, ele determina quem pode falar, silenciando os demais, e ao mesmo tempo tornando-os invisíveis. No caso das mulheres, apesar de serem em número maior e terem mais atribuições nos cotidianos, são menos ouvidas e vistas, de modo que sua luta para manter a prática do congo na vida cotidiana é também invisibilizada e suas narrativas silenciadas.

Assim, ao me aproximar das narrativas das mulheres do congo, notei a pouca frequência delas nos cotidianos escolares. Foi essa ausência que me levou ao encontro de mim mesma como mulher, negra, professora, pesquisadora, enfim, como cidadã, atizando meus sentidos para pensar a mulher negra na sociedade contemporânea, sua atuação, suas lutas, sua importância.

Por essa razão, a pesquisa se aproximou, embora sem aprofundar, das questões de gênero e dos movimentos de pensar o feminismo das oprimidas, das mulheres que vêm das margens.

Feminismo que se afasta da *casa grande*, que tenta furar os modos colonizadores e dominadores do patriarcado capitalista, racista, machista, moralista, conservador, elitista, branco, eurocêntrico, imperialista – adjetivos que em seu conjunto dão conta dos muitos modos de opressão presentes no cotidiano das mulheres.

Nas trajetórias e experiências em uma sociedade como essa, nós mulheres viemos sendo e somos contadas, narradas, pela ordem masculina do mundo, assim como as crianças, os indígenas, os negros, os loucos são contados como ninguém. Por isso, contar-se, narrar-se, é um ato de coragem, de resistência e re-existência. As artes de viver e fazer exigem de nós mulheres, hoje assim como ontem, força para criar nos cotidianos modos outros de existir e re-existir numa sociedade machista.

Por isso gostaria de destacar a importante pesquisa que Margareth Rago (2013) apresenta em seu livro *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Nele, a autora traz marcantes narrativas autobiográficas de sete mulheres militantes feministas, nascidas entre os anos de 1940 e 1950, que contam os enfrentamentos vividos nos violentos anos da ditadura militar no Brasil. Para a autora, “relatar-se é uma experiência intensa, miúda e constante de construção e identificação de outros modos de ser, pensar, agir e existir em prol da autonomia e emancipação, sobretudo quando se trata de mulheres.” (Rago, 2013, p. 28). A aventura de contar-se atravessa os caminhos da pesquisa, quando convido as mulheres do e no congo para contar suas histórias com o congo, e tomo como referência suas narrativas de contar-se, prática que considero como de re-existência ecologista, no sentido em que o narrar-se nos convida para uma reinvenção de si e da relação com o outro. A importância das lutas feministas tem a ver com a perspectiva ética que se abre a partir delas, instigando-nos a pensar “como as mulheres têm transformado o mundo e se transformado a si mesmas [...]” (Rago, 2013, p. 32).

Nessa caminhada sei que não estou sozinha... pois acompanharam-me nas travessias do meu pensar como mulher negra pesquisadora as ideias de diferentes mulheres negras ativistas comprometidas com as transformações sociais e políticas. Aqui, destaco duas estadunidenses: bell hooks (2013), escritora, professora e intelectual insurgente e inquieta, já citada anteriormente, Angela Davis (2016), professora da Universidade da Califórnia e ex-militante do Panteras Negras.

Além dessas mulheres norte-americanas, me fortaleci com os ecos dos escritos das mulheres latino-americanas. No Brasil, os textos de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, favelada, catadora de papel, apaixonada por livros e que, com sensibilidade e originalidade, escreveu seus diários em cadernos que encontrava nos lixos de São Paulo, narrando suas lutas pela sobrevivência cotidiana, e a condição de marginalização como moradora da favela do Canindé. Lélia Gonzalez, intelectual, feminista, negra, antropóloga, política, professora e militante, e Sueli Carneiro (2017), filósofa, educadora, militante feminista e antirracista que afirma que “somos mulheres que lutam, mulheres guerreiras, mulheres que nos trouxeram até aqui, mas a um custo incomensurável” (Carneiro, 2017, p. 14).

A voz de Nina Simone⁴, com suas potentes letras e canções, foi uma companhia constante, fortalecendo meu processo durante a escrita e reescrita da tese, além da marcante voz energizante de Elza Soares com a Mulher do fim do mundo⁵ onde eu sou, eu vou até o fim cantar, e Conceição Evaristo com sua literatura como arte de traçar uma *escrevivência*, em que afirma “A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda.” (Evaristo, 2017, p. 109-110).

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5jI9I03q8E> Acesso em: 14/ fev. 2025.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SWlwW9mg8s> Acesso em: 14/ fev. 2025.

No Espírito Santo, a literatura de Elisa Lucinda e Suely Bispo, ambas atrizes, pesquisadoras e poetizas, mulheres negras cujas vozes são inspirações de resistência que ecoam em mim e seus escritos fortalecem o meu viver cotidiano, para resistir e insistir para além de uma escrita acadêmica.

Por fim, as protagonistas da pesquisa, as mulheres congueiras do Espírito Santo. Mulheres que, com devoção, fé, memórias, re-existem nos cantos entoados, sustentando a vida e a força de uma prática cultural espalhada pelas terras capixabas.

Como foi recomendado pelas professoras e professores da banca de qualificação, criei o capítulo “Geografias dos afetos: 50 cartões postais dos percursos acadêmicos-afetivos”, nele reuni num único capítulo, um álbum imagético, uma pequena coleção de postais, que narra minhas passagens pelos lugares e aquilo que nos lugares passou por mim. Escolhi 30 eventos acadêmicos para expressar as viagens que fiz como pesquisadora pelo Brasil e 20 cartões postais para traduzir as experiências que vivi com o intercâmbio em Oaxaca, no México.

Gostaria de dizer que, ao traçar os percursos acadêmicos-afetivos, não tive o interesse em capturar fotos para produzir cartões postais, por isso, algumas imagens estão em baixa resolução, um pouco desfocadas e borradas. Nessas fotos o que importa não é a nitidez da imagem, mas a presença dessas tantas pessoas e o desejo de “marcar” aquele instante que já se esvai nos borrões. O desejo é fazer com que cada um sinta as intensidades dos movimentos, a vibração de cada foto e se afete pelos processos de pesquisa com uma geografia dos afetos que me constituiu durante o percurso do doutorado em educação. Por isso o cartão postal é um mensageiro, e aqui foi usado também como um modo de expressar o olhar de uma pesquisadora viajante.

Quem os receber e olhar com atenção, notará que cada postal tem um selo com um beija-flor e orquídeas: é uma homenagem discreta ao naturalista e ecologista capixaba, professor Augusto Ruschi, que nasceu no município de Santa Teresa, em 1915. Ele foi um defensor incansável da natureza, denunciando os impactos ambientais dos extensos projetos industriais e os perigos de desertificação no norte do estado, contribuindo para a criação de áreas de conservação no Estado do Espírito Santo. Esta homenagem se inscreve também no tecido das sacolas costuradas por minha mãe para abrigar os volumes entregues a vocês.

Durante minha qualificação a professora Alda recomendou o livro *Cartão-Postal: de Sócrates a Freud e Além*, de Jacques Derrida. A indicação me deixou feliz e curiosa, e ainda quando estava em São Paulo procurei o livro nas livrarias, porém estava esgotado. Consegui adquirir o livro em um sebo, mas custou muito a chegar. Por isso, o que pude fazer, quando recebi o livro tão esperado, foi folheá-lo, ler o sumário, a contracapa, as orelhas e alguns pequenos fragmentos. Mesmo assim, encontrei nele uma passagem muito inspiradora que nos faz pensar sobre os cartões postais e a quem endereçá-los. Nessas travessias do caminhar da pesquisa, decidi “endereçar” os cartões postais a todas as leitoras e leitores, que eu sequer sei quem são, onde moram, como vivem, convidando-os a especular e adentrar nas geografias dos afetos dos percursos trilhados com meu ingresso no doutorado em educação.

Bom, é como mulher insubmissa que chego finalmente à vital (in)conclusão da pesquisa, porque “onde há vida, há inacabamento”, há possibilidades. Dessa longa travessia povoada de tantas mulheres, lembro-me de uma passagem de um livro de Paulo Freire (1996, p. 50) em que ele diz: “E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da *esperança*. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (Freire, 1996, p. 52).

Foi acreditando nos possíveis, ao longo de todos esses anos, que ouvi muitas mulheres do e no congo. Escutei vozes de outras mulheres. Vozes que gritaram dentro de mim. Do clamor dessas mulheres, fiz também o meu. E é com a força dessas muitas vozes que convido vocês a adentrarem nos muitos modos de re-existência ecologista tecidos na solidariedade, na insistência, na esperança, na alegria e coragem presentes na vida cotidiana, porque “a noite não adormece nos olhos das mulheres, na rede de nossa milenar resistência”, como Conceição Evaristo retratou no poema que escreveu em memória de Beatriz Nascimento.

Escutando essas mulheres, a voz de cada uma ressoa em todas, pois ouvi-las é ouvir sobre um modo de ser mulher do Congo, de ser mulher no Congo, e não esquecer que há muitos modos de ser mulher no mundo.

Foi escutando as histórias de muitas “Marias” que pude dimensionar suas lutas pessoais e coletivas como mulheres do Congo que são também as lutas da cultura. Mas é na fala de uma insubmissa, de uma mulher negra, pesquisadora e professora que quero terminar este texto, texto que escrevo sem meias palavras, imersa nos acontecimentos e tensões do cenário nacional e global. Pois é preciso resistir e re-existir (sem *temer*) com coragem, amor e muita alegria.

Nesse turbilhão que vivemos no mundo contemporâneo, acredito que queremos uma educação a favor da vida, do direito, da convivência com o diferente. Queremos uma educação que reconheça os *sujeitos da história* que habitam os cotidianos escolares, que são gentes com emoções, desejos e sonhos. Queremos educar no sentido de pensar e exercitar uma educação dialógica, libertadora e problematizadora, se afastando de uma educação bancária. Uma educação compromissada com o amor, com o diálogo e com a esperança, exercitando o bem viver coletivo.

Assim, queremos educar pensando com bell hooks (2013), de modo inquietamente, amoroso, em uma pedagogia revolucionária de resistência e como prática de liberdade, uma pedagogia profundamente anticolonial, anti-imperialista, antirracista, que crie uma atmosfera em que se possa conversar sobre nossas diferenças. Uma educação que pratique a arte de viver sem fascismos e racismos, uma pedagogia transformadora que aceite outras maneiras de conhecer e de viver, praticando não somente os questionamentos das ideias, mas, sobretudo, os hábitos de ser com compromisso político descolonizador. Queremos um país em que pessoas possam viver, crescer, que se aceitem e se respeitem, aceitando e respeitando os outros, reescrevendo com *amorosidade* (Freire, 2014) nossas relações entre homens e mulheres com o mundo.

A nossa luta é todo dia, e para lutar contra aquilo que ameaça a vida, usamos o que temos, a poesia, a música, os livros, e tudo que aprendemos com as lutas das pessoas, pessoas sempre presentes.

Viva Zumbi dos Palmares!

Viva Dandara!

Viva Zapata!

Viva todos os Panteras Negras!

Viva Zacimba Gaba!

Quero terminar erguendo a voz e cantando até o fim, porque assim continuaremos uma luta que começou faz muito tempo, porque assim continuaremos resistindo para que “a carne mais barata do mercado” deixe de ser a carne negra!

Marielle Franco, PRESENTE!

Mestre Moa do Katendê, PRESENTE!

Todos os jovens negros que a cada 23 minutos são assassinados no Brasil, PRESENTE!

Todas as mulheres negras que são a maioria no alto índice de feminicídio no Brasil, PRESENTE!

Todos os 43 estudantes mexicanos que foram exterminados em setembro de 2014, PRESENTE!

Rafael Braga, PRESENTE!

Amarildo da Rocinha, PRESENTE!

Os meninos do Morro da Lagartixa, no Rio de Janeiro, PRESENTE! Damião e Ruan, do Morro da Piedade em Vitória, ES, PRESENTE!

Tomada pela riqueza íntima do meu inacabamento, sigo caminhando, na companhia de todos vocês, a quem sou muito grata.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Raça, estrutura e classe no Brasil. Entrevista concedida a Bianca Santana. **Revista Cult**, São Paulo, 9 de maio de 2017] 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividades. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SIMONE, Nina. **Ain't Got No, I Got Life**. Álbum: Nuff Said. RCA. Ano: 1968.

SOARES, Elza. **A mulher do fim do mundo**. Álbum: A mulher do fim do mundo. Ano: 2015.



Produção de Sentido

Produção de Sentido - Arte de Marta Catunda

2

Ariane Diniz Silva

**“NOSSA, QUANTA
MULHER FORTE
NESSA FAMÍLIA!”:**

CARTA DA ARIANE AO MARCOS

Sorocaba, 17 de abril de 2021.

Querido Marcos,

Acredito que deveria começar esta carta com um agradecimento, mas se você lembra bem das minhas qualificações e defesas, eu sempre deixava para o final, porque junto com os agradecimentos vinha sempre uma grande emoção.

Não consigo pensar em outra maneira mais gostosa de fazer isso, então desde o primeiro momento eu sabia que iria ser em formato de carta que iria te escrever. Esta carta é um presente oferecido pelos amigos Rodrigo Barchi e Andréia Ramos, uma grande oportunidade de recordar e refletir sobre todas as mudanças, e em caminhos nos quais você me acompanhou, tanto no mestrado como no doutorado. É com muito carinho e muito orgulho que me coloquei a pensar sobre todos os nossos encontros, sobre os atravessamentos que você, sua obra, seus pensamentos e suas ações tiveram em minha vida.

Quando entrei no mestrado, em 2009, eu não tinha ideia do que ia encontrar pela frente, me matriculei porque era recém-contratada como professora da Universidade de Sorocaba (Uniso) e o coordenador que me contratou disse que seria muito importante ter uma pós; ele mesmo me disse que o processo para aluno especial do mestrado da Uniso estava aberto. Lá fui eu, levei dois amigos juntos, que também estavam na mesma posição que a minha, já atuando como professores em busca da formação.

Você deve imaginar, Marcos, como foi difícil no começo, um universo totalmente diferente da minha formação, eu sempre fui muito prática, muito objetiva e tinha ali um universo totalmente desconhecido. Foi um grande desafio, desde o começo, mas eu nem imaginava como as coisas iam mudar com alguns acontecimentos.

Eu era da linha “Ensino Superior”, aí houve um grande corte de professores, sendo meu orientador desligado e essa linha de pesquisa,

extinta. Tinha apenas um projeto de pesquisa em mãos. Fui orientada a conversar com os outros professores e ver qual seria o melhor caminho a seguir. Enviei e-mail para os outros professores do programa e marquei com alguns para apresentar meu projeto. Lembro muito bem, Marcos, que quando vi o seu Lattes e as suas linhas de pesquisa fiquei bem impressionada e até com um pouco de insegurança para a nossa reunião.

Chegou o dia, você foi extremamente acolhedor, simpático, ouviu atentamente a minha situação e o meu possível projeto de pesquisa. Após eu falar, veio o veredito: você disse que não se interessava pelo meu projeto, mas sim pela minha formação, você via uma possibilidade de trabalho ligando a minha formação tecnológica com a área ambiental, e que você normalmente deixava o espaço para orientandos que se dedicassem a essa linha. Em um primeiro momento não me senti confortável com a ideia de abandonar meu projeto, não tinha nada muito concretizado ainda, mas dentro das possibilidades que até então tinham me oferecido, era algo mais prático, que eu entendia que podia conciliar melhor. Refleti bastante, conversei com alguns amigos e resolvi começar de novo, tudo de novo, nova linha de pesquisa, novo orientador e novo projeto.

Eu penso, Marcos, que cada orientando é um universo novo, do qual você começa a participar, e posso confessar que para mim era um ambiente muito desafiador, muito alheio de tudo que já tinha feito. Me lembro muito das primeiras escritas. Fazíamos a orientação, e você me passava alguns tópicos para escrever, e lá ia eu, um esforço, ficava horas e horas e conseguia escrever uma página, uma página e meia, eu tinha uma objetividade muito grande e isso dificultava muito o processo da escrita, não saía, não fluía.

Em um dos retornos de escrita, você pegou meu computador e foi reescrevendo, a cada parágrafo você estendia, e fazia virar três, quatro outros parágrafos, e você me disse em tom de brincadeira que eu não podia ir entregando logo o jogo, tinha que

fazer um charminho, um suspense. Ainda me sentia muito perdida e toda aquela enrolação, o não chegar direto ao ponto, ainda me incomodava bastante. Mas como era bom sentir alguém pegando na minha mão e me mostrando os caminhos possíveis. Ahh..., como aquele acolhimento, aquele respeito à minha singularidade me ajudou a transpor todos os desafios da escrita.

Apesar do seu apoio e dos colegas que foram chegando – Carmem Machado, Huarley Mateus, Maurício Massari, Maria Aparecida, Marta Catunda, Eder Proença, Cristiane Souza, Carmen Silvia Maria, dentre outros – ainda me via em um universo completamente diferente e desafiador. Me identifico completamente em seu texto sobre a contribuição política e pedagógica das pessoas que vêm das margens (REIGOTA, 2010), quando diz que:

“Os autores e livros ‘do mestrado’ carregam com eles um outro poder simbólico: o de obrigatoriedade inevitável. Como livros e autores ‘sagrados’ colocam aqueles que os desconheciam até então, em condição de subalternidade” (Reigota, 2010, p. 2).

Nossa, como era difícil ouvir aqueles nomes de alguns outros professores, de alguns companheiros de disciplina, nomes esses que nunca tinha ouvido; eles falavam, citavam, comentavam como se fosse algo corriqueiro, algo que fazia parte da vida deles; e da minha, nunca havia feito. Ouvir aqueles nomes obrigatórios constantemente era realmente muito desconfortável, só não era pior quando eu precisava pronunciá-los ou trabalhar com alguma literatura deles. Quantas disciplinas, Marcos, que infelizmente não agregaram muito e hoje eu só consigo me recordar do incômodo e do desconforto que tudo aquilo trazia.

Os nossos encontros em suas aulas eram mais leves, sempre em roda, sempre com o sorriso solto, em um ambiente de bate-papo entre amigos mesmo. Ainda não me sentia tão parte daquilo, mas sem dúvida aquele ambiente acolhedor me fazia sentir melhor. Lembra da

minha primeira apresentação, Marcos? Eu, toda vez que lembro, me divirto. Em uma das disciplinas precisávamos, antes de apresentar o tema, fazer um breve relato sobre nós, sobre a nossa vida, eu fui lá e praticamente recitei meu currículo, tudo muito mecanicamente e rapidamente; e ao terminar soltei um: agora vamos ao que interessa!

Eu ainda não conseguia entender e aceitar a tal bio:grafia que você tanto falava: como o que eu sou, a minha vida, a minha história poderia ser importante para alguém? Como foi difícil desconstruir essa ideia. Me lembro muito bem, Marcos, que após a minha apresentação você ficou um tempo explicando, mostrando o quão importante era, que isso me constituía e conseqüentemente constituía meu trabalho e assim, a minha história era tão importante quanto ao meu trabalho.

Enquanto ainda não entendia, talvez até não aceitasse a ideia da minha trajetória, eu me voltava para a definição de bio:grafia do livro "Educação Ambiental: Utopia e Práxis":

Eles são registros solicitados e escritos em contextos específicos que definimos como BIO:GRAFIAS. Outro aspecto fundamental na definição das bio:grafias: são as características do seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos (Reigota, Prado, 2008, p. 128).

Marcos, você não tem ideia de quantas vezes eu recorri a essa definição e outros textos seus que remetiam a ela! Lembro-me que em um determinado momento dessas apresentações em sala de aula, eu já me sentia mais confortável em trazer a minha trajetória, a minha história, mas confesso que ainda parecia sempre que as outras histórias, dos colegas, eram mais interessantes; me sentia uma menina, a caçula meio perdida ali entre vocês. Não me recordo bem da ordem na qual ocorreu esse fato, mas senti a necessidade de estar ainda mais em contato com a sua obra e, por questões financeiras,

entrei no site da Estante Virtual e comprei os seus principais livros. Por sinal, acho importante registrar aqui, como esse site, de acesso aos sebos de todo o país, onde existe a possibilidade de compra de livros usados com um preço muito mais acessível que em livrarias, participou bastante do meu mestrado e doutorado, pois sempre gostei de ter o livro em mãos. Me possibilita novos locais de leitura, além de poder marcar, fazer anotações e ter aquela obra sempre comigo.

Eu me lembro do Huarley levando em aula os seus livros que ele tinha para você autografar; pensei várias vezes em fazer isso, mas nunca fiz. Mas eu tinha as suas obras, umas mais conservadas, outras mais velhinhas, e a partir daí comecei a me aproximar mais delas. Marcos, eu gosto da sua escrita, me sentia muito bem lendo, e não precisava recorrer muito ao dicionário, como eram nas leituras dos autores ditos clássicos e obrigatórios da educação. Quando eu tive contato com o livro "Ecologistas", nossa, como eu gostava daquelas narrativas, que delícia saber da vida daquelas pessoas, daqueles encontros. Eu ainda pensava que a história da Maria, da Marina, do Gabriel, da Mitiko, da Diana, do Alexandre, dentre outros, eram muito mais interessantes que a minha - quantos atravessamentos, quantos lugares, quantas situações importantes, quantas idas e vindas.

Bom, Marcos, confesso que não sei bem quando entendi, e mais importante, aceitei como a minha trajetória era importante, tanto como de todos esses outros, do livro, da sala de aula, e como isso realmente me constituía. Só reconhecendo a minha história e a minha origem, que eu poderia seguir com a minha pesquisa, e como isso me dava força para continuar! Penso que o exercício era tanto, que o tempo todo você fazia questão de reforçar esse pensamento, e todos seus alunos deviam escrever a sua bio:grafia. Me lembro quando conversamos sobre a primeira versão da minha bio:grafia que fazia parte da minha dissertação, você comentando: "Nossa, quanta mulher forte nessa família". Eu sabia e reconhecia essa força, mas ver ela ser reconhecida através da minha escrita era muito importante e me dava muito orgulho. Sim, minha família tem grandes

e fortes mulheres, e por elas e junto com elas, eu conseguia registrar e transmitir através da minha escrita aquela força.

Apesar de todos os desafios, o mestrado, sem dúvida, me trouxe muitas oportunidades. Lembro até hoje com muito carinho da qualificação, da defesa, como esses momentos marcaram e fizeram a diferença na minha caminhada. No dia da defesa, me lembro como se fosse hoje, lotamos uma sala do bloco A da Uniso. Como era importante ter a presença dos meus ali, meus pais, minha avó, familiares e amigos próximos, me sentia acolhida com todos ali. Apesar da sala cheia de apoio, ainda me sentia bem insegura, mas fui lá, encarei, e recebi também o acolhimento e respeito dos professores da banca. Marcos, você se lembra da leitura da ata? Até hoje me emociono quando lembro: você começou a fazer a leitura e no momento que disse que a candidata estava aprovada, a sala se encheu com uma calorosa salva de palmas. Foi lindo, emocionante e você disse que por questões burocráticas deveria terminar de ler a ata, mas que naquele momento iria deixar o protocolo de lado, e partimos para os abraços. Que momento incrível e marcante!

Dentre todas as possibilidades que o mestrado me trouxe, teve a grande surpresa pós-defesa: em uma das conversas que tivemos em uma das cantinas da Uniso, em que você me disse que teria um encontro na Espanha com o pessoal do projeto *Rede Latinoamericana-Europeia de Trabalho Social Transnacional (Reletran)* e que por conta do processo de novos alunos do mestrado e doutorado não poderia ir e, como professora da Uniso e participante do projeto, me indicaria para ir no seu lugar. Marcos, você tem ideia do que significava aquilo para mim? Eu, com vinte e sete anos iria ter a oportunidade de sair pela primeira vez do Brasil e ainda com tudo pago.

Lembro-me de ter entrado em êxtase naquele momento, com aquela possibilidade, um misto de emoção, alegria, e uma dúvida: como eu poderia ir para, de alguma maneira, te representar? Que loucura tudo aquilo. Não acreditava que aquilo poderia ser possível, mas

começamos a avaliar todos os acertos burocráticos e lá fui eu para minha primeira viagem internacional. Que grande presente recebi, Marcos, mais uma vez preciso registrar aqui a minha gratidão por essa oportunidade gigantesca que você me proporcionou. Poderia ficar tempos aqui te contando a experiência de estar em um lugar fora do país, com pessoas de vários países, representando você, representando a Uniso, representando o Brasil naquele projeto incrível. Tudo era novo, eu queria registrar tudo, tirar foto de tudo, compartilhar tudo, me lembro de criar um álbum no *Facebook* dizendo “Caipira em sua primeira viagem ao exterior”. E era realmente isso, uma sorocabana, interiorana, tendo acesso a uma viagem ao exterior, para estudar, para conhecer, para descobrir, para expandir suas possibilidades e visão de mundo. Conversamos muito sobre essa viagem, Marcos. Tem muita história boa para contar, mas o que posso deixar registrado é que vivi esses quatorze dias intensamente e aproveitei cada segundo dessa oportunidade que você me possibilitou.

Preciso ressaltar, Marcos, que em todas as defesas dos seus orientandos você deixava, e acredito que ainda deixe, publicamente o incentivo para que todos pudessem continuar estudando e se dedicando à pesquisa. Para mim, concluir o mestrado já era ir bem longe; da minha família eu era a única que tinha chegado ao mestrado, mas você sempre me incentivou a continuar. Como no mestrado tivemos que acelerar as datas por exigência de obtenção de título pela Uniso, pensei em já ingressar no doutorado para conseguir fazê-lo com toda a tranquilidade que exigia. Na sequência da defesa do mestrado, já me inscrevi no processo do doutorado e passei.

Por ser professora na Uniso, para cursar o mestrado, depois que me tornei aluna regular, eu tinha bolsa. Agora para o doutorado, por já ter usufruído de uma bolsa de pós, eu não poderia ter outra bolsa. Como eu iria pagar aquela mensalidade? Não tinha ideia, mas mais uma vez você me incentivou a me matricular e correr atrás das possibilidades de bolsa. Ainda me parecia uma loucura, pois eram valores altos que eu deveria arcar até conseguir efetivamente a bolsa

para cursar. Demorou sete meses até que eu conseguisse a chamada 'bolsa por mérito' da Uniso. Eu não poderia ter atrasos, faltas, atestados, advertências, erros no tablete, durante todo o período que cursasse o doutorado. Nesses sete meses, Marcos, pensei inúmeras vezes em desistir, pois estava adquirindo uma dívida grande e não tinha a menor ideia de como iria pagá-la, mas você sempre me incentivou, me ajudou a procurar caminhos, possibilidades, pessoas para conversar, para que eu não desistisse e conseguisse a tão esperada bolsa. E lá estava eu em mais um desafio: em 2013, cursando o doutorado.

Desde a viagem para Espanha, estávamos desenvolvendo em Sorocaba também o projeto *Reletran*; eu participava desse desenvolvimento, juntamente com outros colegas, Carmem Machado, Marta Catunda, André Yang e outros. Eram muitos encontros, muitas novas possibilidades que essa parceria nos trouxe. Eu ainda não sabia qual seria meu projeto de doutorado e em um dos encontros finais da primeira edição, saiu um comentário se a minha tese seria sobre o *Reletran*. Fiquei um tanto surpresa com essa possibilidade, e em uma conversa realmente decidimos o tema da tese: eu iria trabalhar o *Reletran* como um projeto de extensão da Universidade de Sorocaba.

Como ele me trouxe boas oportunidades, Marcos... Sem dúvida não foi somente a viagem em si, mas as pessoas, os lugares e os encontros que realmente me movimentaram e me atravessaram de modo tão intenso. O *Reletran* não me trouxe somente a experiência de escrita de uma tese, mas também a vivência de todas as possibilidades.

Com a decisão de que minha tese seria mesmo sobre a segunda edição do projeto *Reletran* em Sorocaba, conversamos e decidimos que, além das minhas percepções, iríamos colher as impressões dos participantes. Sendo assim, no primeiro encontro, que foi na escola em que a Carmem Machado atuava em Salto de Pirapora, você já informou os participantes que em todos os encontros, se eles pudessem, enviassem diretamente para mim comentários sobre como se sentiram, o que

gostaram, o que não gostaram. Não seria obrigatório, mas seria uma maneira de participar e ajudar na construção da minha tese.

No início, Marcos, eu não tinha ideia de como aquela escrita poderia ser constituída. As vivências eram intensas, recheadas de surpresas e sensações, mas ainda não imaginava como tudo aquilo poderia se organizar, estruturar e virar a minha tese. Como sempre, eu me dava bem na parte prática e me enroscava um pouco na escrita. Em um momento da escrita você me indicou um acompanhamento com a Ana Godoy, já que alguns alunos estavam fazendo, e você pensou ser interessante para mim também. Com as suas orientações e o acompanhamento de escrita da Ana, as coisas começaram a fluir: os eixos foram surgindo, toda a parte estrutural foi sendo formada e a tese foi nascendo. Você se lembra, Marcos, de um artigo que escrevemos para a revista do *Reletran*? Foi uma escrita em conjunto, estava ainda no início da tese e esse texto saiu ainda muito engessado. Lembro-me quando o enviei para você, como você respondeu que ainda estava muito cru e seriam necessárias muitas alterações.

Ah...como era difícil essa escrita! Vou contar como chamei esse eixo mais teórico e difícil para mim no começo: pântano, porque era um pântano mesmo, parece que eu ficava ali, submergindo e tentando sair daquele meio. Após muitas alterações e – sem dúvida – muito apoio seu, Marcos, o artigo saiu e foi publicado. Toda vez que preciso escrever sobre um enfrentamento, sobre uma dificuldade, penso: será que não estou me vitimizando? Será que é necessário que isso apareça aqui também? E aí, me lembro da sua importante fala sempre presente em sala de aula: “Educação é um ato político”. Político, esse, apartidário e que faz questão de ser presença em todos os espaços possíveis.

Então, como fiz também na minha tese, gosto de deixar claro que os processos de mestrado e doutorado não são fáceis, a pesquisa no Brasil ainda é muito desvalorizada e que sim, fiz mestrado e doutorado trabalhando em duas instituições, onde a dissertação e a

tese vêm costurando e se misturando com a carga horária de aulas; e os tempos reservados para a leitura e a escrita são criados com bastante esforço. Observando a grande maioria dos meus colegas, também via esse mesmo perfil, trabalhando, com uma carga horária alta para o sustento e o custeio do curso e, no meio disso tudo, a pesquisa, as leituras e as escritas. Isso sim é um ato político, é uma resistência, encontrar tempo para fazer a diferença dentro e fora da sala de aula, nem que seja nas pequenas brechas encontradas no sistema, mas de alguma maneira essas sementinhas estão sendo plantadas.

Minha tese realmente começou a ganhar corpo quando, por meio dos exercícios, revisei uma maneira de escrever: através de cartas. Marcos, você imagina o quanto isso foi familiar e reconfortante para mim? Poder fazer as minhas narrativas da maneira que eu sempre gostei: escrevendo cartas. Como aquilo facilitou tudo, como era bom ter a liberdade de escrever como eu sempre gostei e fiz. Tanto que na minha tese tem um tópico chamado “Sempre escrevi cartas” e lá eu explico que sim, eu sempre utilizei desse recurso para me comunicar e expressar. Lembro no início que eu me questionava: como poderia escrever cartas? Como poderia construir uma tese baseada em narrativas trazidas por esse meio? E você me apresentou muitos autores que reafirmavam e validavam também essa liberdade de escrita. Trago aqui a citação de um dos principais livros que me ajudaram a reafirmar isso, quando você e Prado afirmam que:

[...] o potencial pedagógico das trajetórias e narrativas e o seu potencial político para dar visibilidade às práxis cotidianas e enfatizar que estas práxis devem ser consideradas tanto na elaboração e execução de políticas públicas quanto em processos de formação profissional (Reigota, Prado, 2008, p. 123).

Como era bom poder ver aquela liberdade de escrita ser validada e utilizada por vários autores. Você mesmo utilizou muito das narrativas e da escrita cotidiana no livro “Ecologistas”. Quantas vezes eu revisei as histórias daqueles livros e ficava imaginando

onde e como estavam, no momento presente, aquelas pessoas que seus encontros e histórias nos trouxeram. Onde e como será que elas estavam? Narrativas, palavras e situações cotidianas que traziam um legado importantíssimo.

Outros autores trouxeram apoio e confiança para a minha escrita; utilizei bastante as cariocas Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira Alves (2000) que consideram que a narrativa é o gênero primordial dos seres humanos, uma maneira que utilizamos desde a infância para ser e estar no mundo, uma linguagem que utilizamos em diversas redes em que estamos inseridos.

Narrar histórias é, então, uma vasta experiência humana. Vasta tanto no tempo, pois era assim que os gregos contaram a *Ilíada*, como no espaço, já que pode ser encontrada em todos os espaços deste planeta, até hoje. Mas, ela é bem mais funcional nos espaçostempos culturais cotidianos, nos quais 'conta' – no sentido de ter importância – tanto a oralidade como a memória oral (Alves, 2000, p. 5).

Nessa mesma linha, para a Inês, "narrar é (re)introduzir a seta do tempo, os espaços dos acontecimentos e as personagens com que aprendemos sabendo que a vida não será resultado apenas da aplicação do já aprendido." (OLIVEIRA, 2010, p. 16). Como era importante conhecer os autores e as autoras que também se utilizavam dessa linguagem e faziam questão de sempre revalidar a utilização dela. Por isso, e seguindo a sua sugestão, eu, Carmem Machado, Andreia Ramos e Patricia Sierra Pardo, fomos para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) participar do Seminário Internacional Redes, em junho de 2015. Antes de irmos, você publicou no *Facebook* a música "Coração Tranquilo", de Walter Franco, dedicando a nós, e escreveu que era para cantarmos essa música nas rampas da UERJ.

Eu nem imaginava como a UERJ era, e fiquei pensando como seriam essas rampas. Chegando lá, vi que eram muitas. A universidade era enorme e ali tive oportunidade de participar de apresentações da Nilda Alves e da Inês Barbosa. Como foi importante ter a oportunidade

de conhecê-las, ouvi-las, “tietar” um pouquinho, tirar fotos, pedir autógrafos, como era sensacional ter as ‘minhas referências’ da tese ali, ao vivo e “em cores”. Marcos, você não tem ideia de como essas vivências enriquecem e nos dão forças para continuar! Foi incrível participar de tudo aquilo, a companhia das meninas, como era importante realmente vivenciar o cotidiano escolar de todas as formas possíveis.

Em 2016, surgiu a oportunidade de ir para Salamanca apresentar sobre o meu trabalho no congresso internacional Conselho Europeu de Pesquisas Sociais da América Latina (CEISAL). Ir para outro país novamente, agora por conta própria, sem dúvida seria enorme desafio. Fiquei meses tentando me organizar para ir, cheguei a desistir por questões financeiras, mas uma amiga se empolgou com a ideia, acertamos cartões, empréstimos, o que precisava e programamos uma viagem; passaríamos em alguns lugares a passeio e incluiríamos Salamanca na semana do congresso para que eu pudesse apresentar. Lembro quando contei para você que eu conseguiria ir, você ficou realmente feliz e fez a pergunta:

- “Vocês são bem amigas mesmo?”

No momento não entendi muito a pergunta, mas uma viagem de quase trinta dias com alguém, ficando vinte e quatro horas por dia juntos, a amizade tem que ser bem sustentada mesmo. Tivemos alguns desafios durante a viagem, mas apresentar meu trabalho na Universidade de Salamanca, uma universidade antiga, tradicional e muito reconhecida, sem dúvida era um grande evento na minha trajetória. Mais um capítulo que todas essas experiências podiam me proporcionar. E só para constar Marcos, eu e a Cíntia Marques, até hoje somos amigas, e nos lembramos dessa viagem com muito carinho. Estamos sempre planejando outras viagens, por enquanto, só planejamento mesmo, mas tenho certeza de que após a pandemia muitas delas poderão se concretizar.

Fui ficando cada vez mais próxima dos autores e autoras, conforme ia escrevendo a tese e as narrativas, utilizando o recurso

das cartas. Falava deles(as) como se fossem realmente pessoas com quem convivo e tenho afinidade. A cada autor(a) de quem eu me apropriava, realmente internalizava as suas obras e suas ideias, ficava saltitante, pois me lembrava daquelas leituras obrigatórias, lá do começo do mestrado, e como era sofrido para mim. No entanto, como essas obras faziam mais sentido e realmente acabavam participando do meu dia a dia efetivamente.

Marcos, eu agradeço até hoje pelas sugestões e pelas inclusões de gente como Paulo Freire, Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Silvio Gallo, Inês Barbosa de Oliveira, Leandro Belinaso Guimarães, Maria Cecília Focesi Pelicioni, Ana Godoy, dentre outros. E como esses autores e autoras me acompanharam no desenvolver da tese e realmente começaram a fazer sentido, e carrego comigo até hoje. Teve uma autora que me marcou bastante também, bell hooks, apesar de não ser brasileira, me identifiquei muito com a escrita dela e todo o seu posicionamento - inclusive, me acompanha até hoje.

Todos os(as) autores e autoras com os(as) quais teci conversas na dissertação e na tese foram importantes, mas não posso deixar de falar da grande importância e referência primeira que Paulo Freire e suas obras foram e são para mim. Como foi bom ter a oportunidade de me aproximar dos conceitos e ideias do Paulo, como isso fez uma revolução na minha escrita e no meu cotidiano como educadora. Era sensacional poder escrever cartas para o Paulo, até hoje me divirto lembrando. Comecei na primeira com 'Excelentíssimo Paulo Freire,' e fui caminhando até chegar em 'Querido Paulo.' Como era engraçada essa aproximação, essa intimidade com alguém que eu nunca tive oportunidade de conhecer, mas as ideias e conceitos faziam tanto sentido para mim, que a cada obra que eu tomava contato, aquilo realmente nos aproximava e trazia o sentido de tudo aquilo para a minha escrita, para minha vivência, para o meu cotidiano.

Com essa troca e esse 'contato próximo', trouxe ainda mais à tona a importância e a atualidade de Paulo Freire e sua pedagogia, tendo

pequenas e grandes transformações em todas as relações que eu tinha dentro e fora da escola. Foi ótimo poder ‘conhecer’ o Paulo, tendo cada vez mais contato com a sua obra, e como trago e utilizo os pensamentos desse grande amigo de jornada até hoje. Como ele mesmo diz, “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!” (Paulo Freire, s.d.). Como era acolhedor e importante eu conseguir pesquisar, dialogar, escrever e tudo aquilo realmente fazer sentido para mim e fazer parte da minha jornada como pessoa e como educadora.

São tantos momentos, Marcos, tantas experiências vividas juntas, que sem dúvida não darei conta de trazer todas para cá, mas estou tentando resgatar as mais marcantes situações nessa caminhada. A qualificação do doutorado, sem dúvida, foi uma delas. Nossa, como era emocionante aquele momento e como me trazia uma insegurança gigante, conseguir ali, em vinte, trinta minutos mostrar para a banca tudo que eu estava trabalhando. Não posso deixar de lembrar aqui a sua postura nas bancas, quando os professores fazem perguntas e você, do seu jeitinho, de uma maneira que seu orientando pudesse entender, reformula a pergunta para de alguma maneira ajudar e incentivar o orientando a responder. Confesso, Marcos, que a primeira banca que eu assisti sua, eu pensei que não era possível que, além dos outros professores virem com as perguntas, você também o faria. Com o tempo fui entendendo essa artimanha que você tinha, essa maneira de reorganizar as ideias e fazer de uma maneira que pudesse ajudar o seu orientando a responder. Isso sim é caminhar junto, você encontrava maneiras de mostrar para a banca e para todos, que sim, ele saberia responder, e como você valorizava esse momento, esse posicionamento.

Você tem ideia, Marcos, de quantas oportunidades e vivências você traz para seus orientandos? Eu penso nas minhas, nas dos meus colegas que compartilhei no mestrado e no doutorado e vejo como o seu olhar e carinho em relação a importância dessas oportunidades muda tudo, transforma vidas. Pensando nas várias oportunidades, me lembrei também do colóquio “Exercícios de

trans-ver PAULO FREIRE” que foi organizado na Uniso. Esse colóquio era uma homenagem ao Paulo Freire, e a seu convite, Marcos, eu participei de uma sessão de conversa denominada “A Presença da Pedagogia Freireana na Nova Geração”. Foi uma honra poder dividir aquele momento com André Yang, Laura Jamelli, Maria Anaid Rangel Condado e Rodrigo Barchi e com a ilustre mediação da Alda Romaguera. Que oportunidade! No auge do desenvolver da minha tese, pós-qualificação, ter a oportunidade de sentar e conversar com essas pessoas, e poder expor todo o movimento que minha tese estava trazendo em torno da pedagogia do Paulo Freire, foi muito importante. Me preparei bastante, escrevi um texto, pois no momento não saberia como seria ali, num auditório com tantas pessoas assistindo, falar sobre o meu trabalho e a presença de Paulo Freire nele. Foi surreal! Naquele momento, eu me dei conta de como o Paulo, suas obras, e sua pedagogia haviam sido realmente internalizadas em mim e já faziam parte do meu cotidiano, já faziam parte de mim. Foi muito tranquilo dividir aquele momento, estava entre amigos, e pude entender ainda mais a frase do Paulo Freire: “Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade e convivência”. Estar em casa, entre amigos, me trouxe tanta tranquilidade para falar que não usei nada do que eu tinha preparado, e consegui falar com naturalidade sobre como Paulo Freire, sua pedagogia, suas obras estavam sendo essenciais para o desenrolar da minha tese, e como aquilo realmente fazia sentido para mim e para a minha vida.

Enfim, Marcos, são tantos momentos vividos juntos que precisaria de algumas cartas para relembrar e reviver todos. Pensei ser interessante, já que após o término do doutorado acabamos tendo um afastamento natural, poder te contar como as coisas foram acontecendo depois. Nesse momento, estou te escrevendo e ouvindo uma das minhas artistas favoritas, a Marisa Monte, que após dez anos sem lançar nada novo, agora lançou o trabalho “Portas”..

É, Marcos, quantas portas, quantas possibilidades esse caminho do mestrado e do doutorado trouxeram para mim. Oportunidades

não apenas profissionais; nesse caminhar, nesse movimentar todo, sem dúvida minha vida foi transformada. Tive novas oportunidades nas duas instituições que trabalho, uma delas foi “Universidade e Transformação Social”, na Uniso, uma disciplina nova, que abriram para atribuição. Eu me candidatei e tive oportunidade de trabalhar nela em dois semestres. Sei que você e outros professores que admiro muito na Uniso também trabalharam com essa disciplina e poder compartilhar isso, ali do ladinho de vocês, foi bem importante para mim. Foram semestres em que sai um pouco das disciplinas técnicas, específicas e consegui desenvolver e trabalhar muito com os alunos em outros formatos, com outras técnicas, com outro olhar. Adorei trabalhar com as rodas de conversas, ter mais tempo para ouvir, para trocar com os alunos. É um perfil de aula completamente diferente das específicas que estou acostumada, mas tenho gostado bastante de trabalhar dessa maneira também.

Continuando nas novidades, fui chamada em um semestre como professora convidada para uma universidade estadual aqui de Sorocaba. Foi uma experiência e tanto, ver outros mundos, outros universos. No início da pandemia, desenvolvi também junto com o Bruno Rafael, um amigo psicólogo, uma pesquisa sobre a importância de olhar o corpo também no momento de distanciamento social. Fizemos, a partir dela, algumas *lives* e entrevistas para rádios, e nesse momento eu percebi, mais uma vez, como a tese ainda reverberava muito em mim e na minha vida. Quanto de corpo apareceu na minha tese, e como tudo aquilo transformou meu olhar para muita coisa! Nas *lives*, tivemos oportunidade de falar com professores e alunos da ETEC Piedade, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) campus de Sorocaba e também do grupo de estudos BioSaber da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Quanta experiência, quantas trocas! Foram momentos realmente muito importantes para nossa vida e sem dúvida também para a nossa pesquisa.

Um evento que não posso deixar de compartilhar com você é que nas bancas e orientações de trabalhos de conclusão de curso no

SENAI, eu sempre participo, mas esse semestre o Rodrigo Barchi me convidou para participar de uma banca de um aluno seu de mestrado, o Wagner Neves, pois o trabalho dele tinha Paulo Freire também. Em um primeiro momento fiquei como suplente, na qualificação enviei meu parecer por e-mail para eles; mas na defesa, participei como integrante da banca. Mais uma vez, tive a oportunidade de remeter a todas as bancas que participei: nervoso, insegurança, suadouro. Mas, para além disso tudo, eu não podia deixar de lembrar do carinho, do respeito com que você e os outros professores da banca me trataram. Esse carinho, esse respeito, era uma das principais coisas que eu gostaria de passar, estando agora no lugar de vocês. O trabalho estava muito bom, claro sempre necessitando de algumas correções, mas a boniteza eram todas as idas e vindas que ele tinha feito em toda a sua trajetória na educação. Foi muito importante conseguir contribuir de alguma forma com aquele trabalho, sempre respeitando muito, com muito carinho, e olhando para a velha história de se aventurar em um mestrado com todas as outras obrigações acontecendo juntamente. No momento da minha fala, eu disse para ele que os movimentos que fazia, ir e vir, me lembrava muito uma onda, e pensando nisso lembrei da música do Lulu Santos "Como uma onda", e disse o trecho:

"Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia,
tudo passa, tudo sempre passará..." (Lulu Santos, 1983)

Pois foi essa música que veio na minha cabeça enquanto lia o trabalho e a biografia do Wagner. Nesse momento, Wagner se emocionou, eu na hora não entendi muito bem, mas quando ele teve a palavra, disse que quando tinha reuniões na escola e ele não tinha mais o que passar para os alunos, ele cantava essa música, e que os alunos sempre diziam para ele que lembravam dele quando ela tocava. Foi emocionante, lindo de ver como as coisas se conectam, como as coisas reverberam, e como eu poderia ter lembrado de qualquer outra música, e lembrei exatamente dessa. Lembra das redes do *Reletran* Marcos? Como elas ainda se criam e se conectam!

Marcos, comecei essa carta em 17 de abril de 2021 e terminei em 10 de junho, e quantas oportunidades e momentos ela me trouxe. Revisitei toda a nossa trajetória, todos os movimentos e mudanças que tive desde o mestrado até aqui. Li novamente as bio:grafias escritas, vi novamente fotos nossas, fotos das viagens, fotos dos encontros *Reletran*. Quanta coisa, quantas vivências marcantes que me acompanham e me atravessam! Penso que não preciso dizer o quanto você me ajudou em toda essa trajetória, mas preciso registrar mais uma vez a minha gratidão, principalmente por acreditar e apostar em mim, em momentos em que nem eu mesma acreditava. Obrigada por todas as possibilidades e oportunidades. Saiba que foram e sempre serão muito importantes para mim, para a construção do que sou hoje, construção da minha - em constante movimento - bio:grafia. Você é inspirador, acolhedor, incentivador dos seus alunos e alunas e das pessoas que te cercam. Continue assim, sempre defendendo e acreditando na educação e levando as pessoas a acreditar também. Tem falas suas que até hoje fazem parte do meu dia a dia em sala de aula, como aprendi com você a acolher e respeitar a história de cada um dos meus alunos, de cada vida que atravessa a sala de aula junto comigo.

Aqui encerro essa carta, com muito carinho, com muita emoção, com muita gratidão, deixando um trequinho da letra de uma música que amo, é do Lulu Santos também, mas a minha versão predileta é na voz de Marisa Monte, "Tempos modernos":

"Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em me rodear
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão
Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade pra dizer mais sim do que não..."

Obrigada por sempre me dar esperança, me mostrar brechas e possibilidades onde eu não enxergava, e sem dúvida, tudo que compartilhamos me dá uma esperança de um novo começo de era com muito mais possibilidades de sim.

Um grande e afetuoso abraço,

Da sua sempre orientanda,

Ariane Diniz Silva

REFERÊNCIAS

ALVES, N. G. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. *In*: Congresso Brasileiro de História da Educação, I, 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBHE, 2000. p. 10.

FRANCO, Walter. **Coração Tranquilo**. Washington: Epic/CBS 1978.

OLIVEIRA, I. B. de. **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Rio de Janeiro/ Petrópolis: DP&A; Faperj, 2010.

REIGOTA, M. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias** [Impresso], Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-6, 2010.

REIGOTA, M; PRADO, B. H. S. do (orgs.). **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. 211 p.

SANTOS, Lulu. **Como uma onda**. Rio de Janeiro: Warner Music Group: 1983.

SANTOS, Lulu. **Tempos Modernos**. Rio de Janeiro: Warner Music Group: 1982.



3

Daniele de Oliveira Garcia

**DEZENOVE DE AGOSTO
DE DOIS MIL E DEZENOVE¹.
ERAM TRÊS DA TARDE,
MAS O CÉU FICOU CINZA.**

1

Em 19 de Agosto de 2019 o céu escureceu no meio da tarde em São Paulo e em algumas cidades do interior do estado. As nuvens baixas e carregadas, em tons de cinza-escuro formaram uma névoa que restringiu a visibilidade, provocando um "cenário" curioso e assustador.

Dezenove de Agosto de dois mil e dezenove. Eram três da tarde, mas o céu ficou cinza². Neste dia, eu estava com os colegas do grupo Perspectivas Ecologistas da Educação na Uniso. Lembro-me que, ao observar na janela a “cena”, o Prof. Marcos Reigota, que estava conosco naquele momento, foi correndo até a sua sala para fechar uma janela que havia deixado aberta, temendo que os livros que estavam sobre a mesa se molhassem com a tempestade prometida.

Mas a tempestade não veio.

Achei muito curiosa esta atitude do professor. De fato, o que se poderia salvar diante de um apocalipse, se não os livros? À época, a situação política e social potencializava meu olhar pessimista e não me ajudava a pensar em outras coisas que mereceriam o esforço para salvação.

Ao mesmo tempo, em minha gaveta de memórias, no móvel de minha vida, aquele mesmo, encostado à cabeceira da cama, guardava algumas histórias que (sim!) mereceriam este esforço. Eram memórias de minha infância, de minha formação escolar, memórias de meus familiares, trabalhadores da lavoura no interior de São Paulo.

De fato, quem poderia considerar que estas memórias – tão íntimas, por vezes, tão simples – seriam passíveis de salvação diante de um apocalipse – fosse um apocalipse metafórico ou o próprio despencar do céu sobre a terra.

O Marcos Reigota considerou que estas memórias precisariam se salvar diante da tempestade. E eu acreditei.

Dezenove de Agosto de dois mil e dezenove. Eram três da tarde e o céu – para mim – era furta-cor.

2 Este texto é um relato de como eu, filha de lavradores-professora-pesquisadora, me encontro com as Perspectivas Ecologistas da Educação e como este encontro passa a atravessar as páginas de minha pesquisa para invadir os espaços de minha prática e de minha vida.

Imagem 1 - Céu cinza às três da tarde em Votorantim/SP



Foto: Marcos Ferreira.

PROFESSORA, POSSO DEIXAR MINHAS FOTOS CINZAS?

“Professora, posso deixar minhas fotos cinzas?” Perguntou-me uma das estudantes, diante do desafio que lhe fora proposto para o projeto final da disciplina Inovação e Criatividade. “Quero retratar tristeza e abandono, professora, acho que o cinza vai ajudar”. A estudante estava escrevendo uma narrativa sobre um projeto social que atende a comunidades periféricas em Itu e Salto, no interior de São Paulo.

Disse-lhe que deveria pensar primeiro nas imagens e depois nas cores. Aliás, disse-lhe que deveria pensar, antes mesmo, no olhar para a realidade. “O que lhe permite enxergar o que você considera cinza e triste?”

No dia da apresentação ela mostrou uma das fotos: uma criança, brincando de se esconder atrás de um portão de ferro branco.

A foto, contrariando a pretensão inicial, apresenta-se colorida.

Perguntei à estudante como conseguiu “chegar” até aquela imagem. Ela disse que caminhava pela comunidade tentando captar fotos diferentes. E viu essa menina, que a acompanhara durante o percurso, brincar de se esconder, entre os escombros e lixos que ali estavam. “Então eu fotografei”.

Imagem 2 - Criança brincando de se esconder na comunidade
Vila Lucinda - Itu/SP



Foto: Isabela Bicalho.

O que me conduziu a contrariar a intenção inicial da estudante – fazer fotos cinzas – foi a influência da teoria do Pesquisador

Conversador, retomada em minha tese de doutorado, desenvolvida sob a orientação do Prof. Marcos Reigota:

...primeiro de aprender a prestar atenção a nossa própria cotidianidade, reconhecendo que é nela que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte (Spink, 2008, p. 72).

Ora, para uma pesquisadora-professora ecologista, a teoria e a pesquisa não podem chegar vazias de sentido, dissociadas do que se entenderia como prática.

A influência, deixa de ser apenas do teórico a quem se escolhe, passando a ser também da “lente” que se usa para ler a teoria. A minha lente, a das Perspectivas Ecologistas da Educação.

Assim, o que mais me marcou, da experiência que relatei com esta estudante, não foi o belo resultado fotográfico, ou mesmo a diagramação atraente que deu à sua apresentação, mas sim o fato dela, estudante do primeiro período de Comunicação, com a qual tive contato apenas virtual, ter observado a situação, encontrado a imagem e captado a cena, em seu processo de diálogo com a realidade.

Que diferenciais esta experiência poderá, no futuro, motivar para esta estudante: operar bem uma câmera? Saber editar as fotos em preto e branco? Compreender a teoria da criatividade?... Ou encontrar-se – em seu próprio olhar – com outros seres humanos, e com outras narrativas, relevantes e partes de sua história?

- *“Professora, posso deixar minhas fotos cinzas?”*

- *“Para que, se elas podem ser furta-cor?”*

O ENCONTRO COM AS PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS DA EDUCAÇÃO

*Você faz planos, planeja
Deseja, o desejo manda
Quer ter guitarra e banda
Ir à hangares, jantares
Adular endinheirados
No silêncio da noite sem sono
Você se sente como um cão sem dono
E se pergunta o que restou do amor
Do sonho, pura ambição
Só suor, lágrimas, sangue
Perda, pó e solidão
E pra dor que rói a carne tesa sob a pele fina
Não há um só remédio em toda medicina*

ZECA BALEIRO. O desejo. In: *Calma aí coração, Som Livre: 2014.*

https://www.youtube.com/watch?v=vylsk_b-cB0

Cheguei ao Doutorado com muitos planos e em pleno encantamento. No reencontro com o que sempre sonhara: voltar à educação, depois de passar pela formação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Cheguei querendo encontrar um tema relevante, que dialogasse com meu trabalho e com os interesses da instituição que me acolhera tantos anos.

Logo no primeiro semestre do curso, encontrei-me com Marcos Reigota, então responsável pela disciplina obrigatória do doutorado. Não considero possível "traduzir" este encontro com

Marcos “é preciso ter vivido a experiência de encontrar se com ele, através de seus textos, suas aulas, sua fala, sua militância” (Barchi, 2017, p. 02). Como todo encontro de afetos, terminei aquele semestre plenamente transformada. Era um caminho sem volta. Por isso, decidi mudar meu tema de pesquisa, e, além disso, a linha de pesquisa.

Situação delicada...Começar um doutorado subvertendo?

O Marcos Reigota considerou que estas memórias precisariam se salvar diante da tempestade. E eu acreditei.

Eram três da tarde e o céu – para mim – era furta-cor.

Fato é que em junho de 2019 eu já sabia: eu era uma ecologista! E assim, se desenham meus passos nesta história.

Minha pesquisa de doutorado, já na linha de Cotidiano Escolar, traz para o espaço acadêmico histórias escolares e memórias de vida de lavradores do interior de São Paulo: meus pais, meus tios, retratos do Brasil profundo, por vezes, “invisibilizados” nos espaços de honra e prestígio. Assim carregando também, minha própria história, de estudante que chegou à Universidade por meio de bolsa do PROUNI.

Minha própria história, que me coloca “entre os militantes e profissionais ecologistas, (...) anônimos de todo o mundo que se confrontam cotidianamente com conflitos ecológicos, culturais, políticos, econômicos, sociais e pessoais” (REIGOTA, 2003, p. 63).

Como Ecologista, que enxerga o céu furta-cor, precisava trazer os meus à visibilidade, tentando, com isso, carregar também outros tantos que precisam recobrar seus espaços por trás das muretas acadêmicas. Assim, os seminários de minha pesquisa, conduzidos pelo Prof. Marcos, buscavam sempre afetar os outros estudantes, mestrandos, doutorandos, para que reconhecessem em figuras de sua própria história – seus pais, avôs, vizinhos - sujeitos de direitos, memórias que os dias cinzas querem ofuscar.

Imagem 3 - Em tempos de isolamento, a tecnologia (e Paulo Freire) nos colocam em sintonia. Seminários com o Prof. Marcos Reigota. 23 de março de 2020.

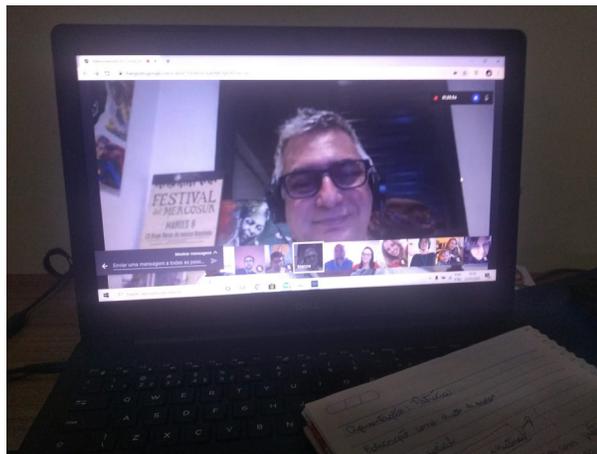


Foto: Autoria própria.

Nos dias cinzas do ano de 2020, afastados pela pandemia da covid-19, continuamos a nos encontrar para os nossos seminários. Sem os abraços e sem o café, mas com muito afeto, Paulo Freire e emoção.

DE QUE COR POSSO FAZER MINHA FOTO?

*Percebam que a alma não tem cor
Ela é colorida
Ela é multicolor
Azul, amarelo, verde, verdinho, marrom
Cê conhece tudo, cê conhece o reggae
Cê conhece tudo né, cê só não se conhece*

*André Abujamra. **A alma não tem cor.**
Karnak, Titanitus: 1995*

Se as memórias dos trabalhadores são relevantes, se são eles sujeitos de suas próprias histórias e poderiam acessar espaço acadêmico, por que então eu, filha destes sujeitos, precisaria “me camuflar de linguagem” para poder me incluir nestes espaços de educação? Toda minha trajetória de formação, que (pensava eu) ser inovadora e criativa caía por terra a uma simples observação: “tudo que eu escrevo, tudo o que eu penso, toda a metodologia introdução-desenvolvimento-conclusão não chega, com sentidos, ao meu pai, que estudou até o quarto ano primário da escola rural!”

Então, que sentido teria? Acreditava eu que um (bom) doutorado precisaria fazer sentido(s). Desta maneira, a forma do texto, as palavras escolhidas, a maneira em que minha tese (e também a de meus colegas!) se apresenta, são, por si, objetos que manifestam o pensamento ecologista!

A foto de minha pesquisa e a cor que ela assume é a cor própria da realidade. Sem edições. Para que assim, as narrativas cheguem, com potência, aos olhos ouvidos e espaços a que devem chegar.

...

20 DE JULHO DE 2021. SETE DA NOITE.
OLHO PELA ÚLTIMA VEZ PARA ESTE
TEXTO, DEIXADO POR DIAS “MARINANDO”,
EM UMA PASTA DE MEU COMPUTADOR³.

Neste dia, eu estava com as memórias à flor da pele – de frases, de momentos, de diálogos, de encontros com os colegas do

3 O texto foi retomado para publicação em 20 de setembro de 2024. Dois anos e seis meses depois de minha defesa da tese de doutorado. Muita coisa mudou. E o céu está, cada vez mais, cinza.

grupo Perspectiva Ecologista da Educação na Uniso. Lembro-me que, ao observar na janela e respirar o ar denso de uma tarde muito seca, veio-me à lembrança o Prof. Marcos Reigota, que, naquele dia cinza foi correndo até a sua sala para fechar uma janela que havia deixado aberta, temendo que os livros que estavam sobre a mesa se molhassem com a tempestade prometida.

De fato, o que se poderia salvar diante de um apocalipse, se não os livros?

Certamente, muita coisa: as tardes de encontro dos ecologistas, a emoção ao assistir um documentário sobre Paulo Freire, a voz embargada de tristeza e esperança ao ouvir falar cada um dos colegas.

O Marcos Reigota considerou que estas memórias precisariam se salvar diante da tempestade. E eu acreditei.

Diante da queda do céu, os Ecologistas!

REFERÊNCIAS

ANDRÉ ABUJAMRA. **A alma não tem cor.** *In:* Karnak, Titanitus: 1995.

BARCHI, Rodrigo. **À Marcos Reigota e sua vibrante presença ecológica, militante, freireana e pacifista (e vice e versa) entre nós.** Revista Utopia y Praxis Latinoamericana - Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social, n. 79. Disponível em: <https://www.academia.edu/35356470/%C3%80_Marcos_Reigota_e_sua_vibrante_presen%C3%A7a_ecol%C3%B3gica_militante_freireana_e_pacifista_e_vice_versa_entre_n%C3%B3s_>. Acesso em: 20.jun.2021.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas.** São Paulo: EDUNISC, 2003.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano.** Psicologia & Sociedade; 20, Edição Especial: 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/psoc/a/6Sc7z55mBgkxxHPjrDvJHXJ/?lang=pt#ModalDownloads>>. Acesso em 20.jun.2021.

ZECA BALEIRO. **O desejo.** *In:* Calma aí coração, Som Livre: 2014.



4

Eder Rodrigues Proença

A INFLUÊNCIA DA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE EDUCAÇÃO DE MARCOS REIGOTA NA TRAJETÓRIA DE UM CAIPIRA DO BRASIL PROFUNDO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-439-1.4

PRIMEIRO CONTATO: IDENTIFICAÇÃO À PRIMEIRA VISTA

O primeiro contato com o professor Marcos Reigota, foi no dia 07 de agosto de 2006, quando iniciou a disciplina “Imaginário e Conhecimento Escolar”, no PPGE-Uniso, como aluno especial. Naquele momento, conforme apresentava como seria a disciplina -seminários com os orientandos que deveriam apresentar as concepções de ciência, os fundamentos teóricos e metodológicos de suas pesquisas, além das bancas de defesa daqueles que estavam concluindo o curso, viagens nacionais e internacionais – o professor ia dando pistas dos temas e como estes seriam tratados nas aulas, sempre a partir do pensamento contemporâneo e com os atravessamentos da filosofia, pedagogia e psicologia social.

Para um caipira, nascido no interior paulista, ou seja, do “Brasil profundo”, era uma avalanche de novas leituras, filmes, músicas, um novo mundo que se desvelava e que às vezes, me fazia desejar ficar em casa ou na biblioteca da universidade pesquisando mais e mais das referências que o professor, um cidadão do mundo, ia discorrendo durante as aulas. Ali, nas segundas-feiras à tarde, era um lugar que gostava de estar, as horas sempre passavam rápido demais e me deixavam com uma vontade de que a semana passasse rápido para chegar a próxima aula, mesmo tendo uma semana bastante agitada e cheia de aulas, por ter dois cargos efetivos como professor de Geografia, na rede de ensino do estado de São Paulo.

Durante aquele segundo semestre, com todo o repertório que estava sendo apresentado, iniciei o processo de desconstrução e reconstrução de ideias, crenças e saberes que foram sendo consolidadas durante minha formação e trabalho como professor. Talvez a primeira tenha sido em torno das representações sociais e a importância de compreendê-las, trazendo para o centro das problematizações,

conhecimentos do senso comum e a partir do aprofundamento da pesquisa, transformá-las em conhecimentos científicos, sem, contudo, menosprezar grupos ou pessoas que dialogamos e de onde resgatamos dados empíricos. Todas essas questões faziam muito sentido para o cotidiano que vivenciava. Era uma inspiração freireana. O contato com o professor Marcos Reigota foi, sem dúvida, um encontro necessário e de identificação à primeira vista.

Nas aulas pude compreender a questão ambiental como uma questão que perpassa por todas as demais, a começar pelo nosso próprio corpo e não como era pensada, a partir do senso comum, como algo que está nos espaços cada vez mais raros de Mata Atlântica, do Pantanal, do Cerrado e da Amazônia, ou das ideias que vieram enlatadas nos Parâmetros Curriculares da Educação Nacional (Brasil, 1998), em que a Educação Ambiental aparece pautando questões de conservação, sem trazer para o debate o que está por trás das ideias difundidas pelo desenvolvimento sustentável, tão politicamente correto, naquele contexto.

Algumas referências, passando pela literatura, cinema, educação, filosofia e psicologia social, são marcas do meu encontro com Marcos Reigota e se tornaram importantes interlocutores que me acompanham, da literatura: Milton Hatoum, Silviano Santiago, Clarice Lispector, Luiz Ruffato e Pedro Lemebel; produção fílmica de Karim Aïnouz, documentário de artistas como Frans Krajcberg, Nina Simone, Patti Smith, Pollock; além de inúmeras professoras e professores pesquisadores como Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Inês Barbosa de Oliveira, Paulo e Nita Freire (Ana Maria Araújo Freire), Guacira Lopes Louro, Sílvio Gallo, Mary Jane Spink.

A partir das aulas do professor Marcos, defini o tema da proposta de pesquisa que queria levar para o mestrado: as homossexualidades no cotidiano escolar. A motivação deve-se, principalmente, a indicação de leitura que o professor fez a Íris Adriane Santoro Cardoso, sua então orientanda de mestrado, que desenvolvia uma

pesquisa sobre Meio Ambiente e Educação Física, Guacira Lopes Louro, pois para aquela pesquisa a questão do corpo e de gênero era muito significativa.

Estava ali a questão que me interessava e trazia à tona lembranças da vivência escolar como estudante, em Riversul-SP e alguns gestos, insultos, piadas, ainda podiam ser observados no cotidiano escolar, agora, como professor, em Sorocaba-SP, em decorrência da sexualidade que não corresponde ao padrão esperado para os meninos ou meninas.

Chamava-me a atenção a forma como Reigota não apenas apontava a referência, mas oferecia todo o contexto, inclusive detalhando questões de sua proximidade com os autores, isso fazia toda a diferença. No caso da Guacira Lopes Louro, ele contou sobre seu percurso no doutorado na Unicamp, em que defendeu a tese "Prendas e Antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul", em 1986, sob a orientação do professor Dermeval Saviani, e não se resignou a desenvolver uma temática voltada aos estudos marxistas e crítica ao capitalismo, típico do orientador, mas se aprofundou na questão das marcas que a escola deixou no corpo das mulheres gaúchas num dado período histórico, contribuindo para sua formação de submissas aos homens, como também, para a sua libertação, emancipação e ampliação de sua participação social. Assim como pontuou que a autora havia sido casada com Tomaz Tadeu de Souza, tradutor de Stuart Hall, que se tornou referência obrigatória para seus orientandos que estavam pesquisando temas relacionados com identidades.

Ler Guacira Lopes Louro (1997) levou-me a refletir e instigou a buscar as marcas que a vida escolar deixou em meu corpo e na de outros tantos corpos estranhos no/do cotidiano escolar¹: como

1 "Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar", dissertação defendida em agosto de 2009, no PPGE-Uniso. Disponível em: http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2009/Eder_Rodrigues_Proenca.pdf.

cada um e cada uma enfrenta seus próprios fantasmas e estranhamentos? Que discursos sobre as sexualidades e mais específicos sobre as homossexualidades apareciam no cotidiano escolar? Como contribuir para práticas mais emancipatórias e menos preconceituosas nas escolas?

Seria fundamental compreender que a constituição do sujeito é fluída e cambiante, vai fazendo-se e desfazendo-se conforme uma cartografia de desejos e subjetividades se desenha nas relações de cada um consigo mesmo, com a família, com os diferentes grupos sociais, religiosos e culturais, sempre em correlações de forças e poderes que cada qual emana em seu interior e exterior, empenhando-se em formatar os corpos, tornando-os assujeitados (Foucault, 2007) e não cidadãos emancipados em suas escolhas e sujeitos em sua história individual e coletiva (Freire, 2009).

A partir dessas leituras fui encontrando outros nomes que também estavam refletindo as marcas sofridas por aqueles e aquelas que diferem da heterossexualidade esperada, entre os quais destaco Richard Miskolci (2006), Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro (1999), Judith Butler (2003) e Elisiane Pasini (2007).

O professor Marcos sempre encorajou cada um de seus orientandos e orientandas a mergulhar sem receio em suas pesquisas para que os bons encontros, assim como os desencontros e deslocamentos aconteçam, resultando em contribuições políticas e pedagógicas (Reigota, 2009). Nossas pesquisas deveriam oferecer reflexão, não respostas e entendimentos simplórios, sem aprofundamento e, principalmente, convidar os leitores a pensar para além do senso comum, de sua zona de conforto, do comodismo pedagógico e repetitivo que uns e outros se habituem no dia a dia da sala de aula.

Em vários momentos o professor chamava a atenção para as conversas do cotidiano, pois são nelas – encontros sem hora marcada, nos encontros fortuitos, no corredor da escola, na mesa de um bar, na pausa para um café –, conversas informais e sem maiores

pretensões, é que informações, ideias, questões ou equívocos se manifestam e podem ser utilizados para a desconstrução e reconstrução de noções e conceitos através da pesquisa.

Das defesas que ocorreram no início daquele semestre, pude participar de duas, pois havia a questão de horário e as minhas manhãs e noites eram tomadas pelas aulas que lecionava. A dissertação de Ronaldo Contó de Macedo (2006) – “Para além das quatro linhas: as relações entre futebol e o cotidiano escolar na construção da cidadania”, que foi a primeira defesa que tive a oportunidade de presenciar e que me provocou um frio na barriga só em pensar que se eu continuasse com a ideia de entrar no mestrado, estaria naquela posição um dia. Além de toda a discussão que os participantes da banca trouxeram ao relacionar a cultura do futebol no inconsciente popular, enfatizando a vida que está para além das quatro linhas, me marcou uma das falas do Ronaldo – antes jogador de futebol profissional e naquele momento, professor de Educação Física –, afirmando que o mestrado o fez tomar gosto pela leitura e que naquele período em que havia se dedicado à pesquisa e havia lido mais de quarenta livros.

A defesa da dissertação “A casa, a escola e as identidades dos/as educadores ambientais”, de Adilson Januário da Silva (2006), me levou a pensar a partir das reflexões que os professores da banca trouxeram acerca da questão ambiental, da metodologia de pesquisa e a primeira vez, de muitas, que o professor Marcos teve que explicar sobre a importância política e pedagógica das narrativas dos e das pesquisadoras estar presente no corpo da pesquisa e não como a banca sempre sugeria, deixar nos apêndices.

Das bancas que não pude participar, naquele semestre, tive contato com a pesquisa de Rodrigo Barchi (2006), “As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária” e o conheci pessoalmente, quando, já como aluno regular, apresentei o seminário “História da Sexualidade”, de Michel Foucault (2007). Barchi se tornou um importante interlocutor para

meus trabalhos, inclusive participando da banca de qualificação da minha tese, em 2017.

Os seminários que o professor Marcos organizava conosco, seus orientandos e orientandas, foram muito relevantes para o desenvolvimento das pesquisas. Além de possibilitar o aprofundamento com nossos interlocutores, contribuíam com o olhar e a reflexão dos demais participantes que nos traziam questionamentos e possibilidades para pensar a partir daquilo que apresentávamos. Ali passamos a compreender a importância da tecitura da rede de conhecimento e, sempre que algum dos colegas encontrava um artigo, uma bibliografia, via um filme ou qualquer coisa que se relacionava com a pesquisa do outro, era compartilhado, corroborando com o aprofundamento e na formulação de novas questões.

O MESTRADO EM EDUCAÇÃO E A APROXIMAÇÃO DA OBRA "ECOLOGISTAS"

Imagem 1 - Orientandos do Prof. Marcos Reigota, turma de 2007
Da esquerda para a direita: Eder, Elisângela, Prof. Marcos, Antônio e Elaine.



Fonte: Meu acervo.

Em 2007, quando ingressei no mestrado, mais três colegas seriam orientados pelo professor Marcos, a saber: Elisângela Aparecida Vieira, que pesquisaria as representações sociais sobre o Nordeste brasileiro com seus estudantes do Ensino Fundamental, em Sorocaba-SP; Antônio Almeida da Silva, com uma pesquisa sobre o diálogo entre Ciência e Poesia e; Elaine Aparecida Machado Marum de Oliveira, que se debruçaria em pesquisar o sentido de comunidade em uma escola rural de Piedade-SP.

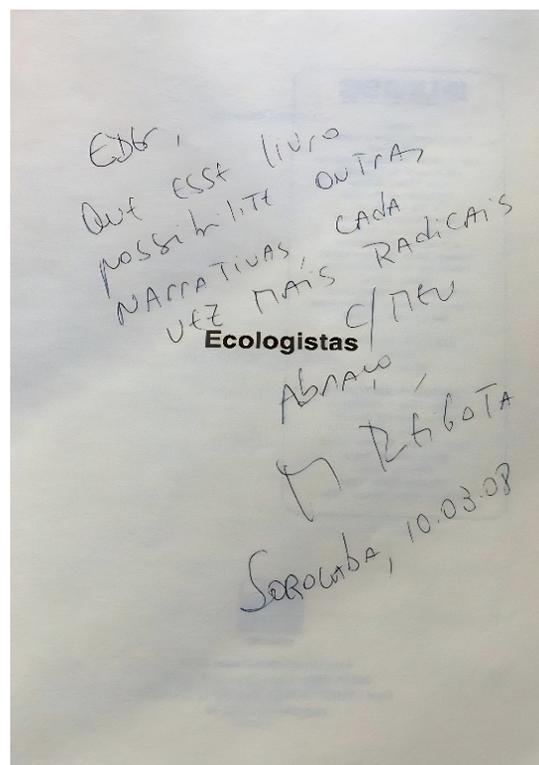
Durante três semestres do curso realizamos seminários nas aulas com o professor Marcos, no primeiro, apresentamos nossa intenção de pesquisa e as leituras realizadas para que pudéssemos ir traçando os caminhos da pesquisa. No segundo semestre, cada um de nós ficou responsável em apresentar sobre obras fundamentais de nosso trabalho: Newton Aquiles Von Zuben, pelo Antônio; Gianni Vattimo, pela Elaine; Gilberto Freyre, pela Elisângela e Michel Foucault, por mim. E no terceiro, os seminários giraram em torno de importantes interlocutores da educação brasileira e contemporâneos que dialogam com os temas que estávamos mergulhados: Lourenço Zancanaro e Marcos Reigota, pelo Antônio; Nita Freire e Newton Aquiles Von Zuben, pela Elaine; Inês Barbosa de Oliveira e Carlos Eduardo Ferraço, pela Elisângela; Guacira Lopes Louro e Sílvio Gallo, por mim.

Meu encontro com o livro "Ecologistas" (Reigota, 1999) acabou acontecendo após os seminários que o Antônio apresentou sobre o professor, que com os comentários do próprio Marcos, pontuando sobre o uso de narrativas ficcionais na pesquisa acadêmica, como estratégia e cuidado ético para com aqueles que usualmente, são chamados sujeitos da pesquisa e, ainda, toda interlocução com as ideias freireanas.

Estava aí uma alternativa para o trabalho que estava desenvolvendo e para além, pensar corpos e sexualidade é também pensar a questão ambiental, pois a compomos, nos relacionamos, nos

posicionamos e agimos no e com o meio ambiente. Nossa identidade perpassa pelas relações que construímos com o chão, com os seres vivos e não vivos e com os outros sujeitos, que podem ter tantas identidades quanto quiserem.

Imagem 2 - Autógrafo no meu exemplar do livro "Ecologistas"



Fonte: Meu acervo.

Ao realizar a primeira leitura de "Ecologistas" passei a compreender o movimento que o professor empreendia nas aulas, o seu modo de ser e estar no mundo era marcado pelo que trazia na obra e ser ecologista não é da exclusividade de um cidadão ou cidadã que se dispõe a estudar e ter uma especialidade que o identifique como tal. Pode ser ecologista, todo e qualquer sujeito que se disponha a

uma perspectiva ecologista², ou seja, um modo político e filosófico de ser e estar no mundo e que pode ser experimentado por qualquer sujeito ou profissional, sem se vender a projetos empresariais que o capture ou a políticas quase sempre aliadas aos interesses mercadológicos e desenvolvimentistas.

O exercício proposto para um percurso em pesquisa para as temáticas emergentes que nascem no e do cotidiano escolar, é evidente na obra. É preciso estarmos atentos, abertos e dispostos a captar o que se passa e nos atravessa nas conversas do cotidiano, na música, na literatura, nas exposições de arte, nos movimentos sociais, radicais e de contracultura, nas pequenas ações de tantos professores e professoras que resistem às políticas de estrangulamento da educação como possibilidade de libertação e emancipação cidadã.

Quando algumas dessas barreiras são rompidas [da produção e veiculação de informações, cultura e conhecimento dos grandes centros historicamente reconhecidos], a música, a literatura, cinema e as artes plásticas contemporâneas, produzidas em países situados à margem do sistema de difusão e de validação internacional, são sempre dignos de respeito pela sua qualidade, pertinência e contribuição que oferecem à compreensão do mundo e do século em que vivemos (Reigota, 1999, p. 36).

Nesse sentido, a rede de conhecimento que vamos tecendo ao longo de nossa trajetória, é importante e sinaliza o tipo de pesquisadores que queremos nos tornar: os que seguem os cânones da academia e se sujeitam repetir as ideias eurocêntricas, ou os que

2 Referência às perspectivas ecologistas de educação, proposta de Marcos Reigota que criou o grupo de estudos de mesmo nome no PPGE-Uniso e que marca seu rompimento com a Educação Ambiental que fora institucionalizada por ex-colegas e interlocutores. A partir das perspectivas ecologistas de educação, as narrativas cotidianas ganham protagonismo, ao trazer para o centro dos debates, as trajetórias escolares ou não dos pesquisadores, pautadas pelo pertencimento ético, político, estético e pedagógico. Nestas perspectivas, importam os diálogos, os lugares de onde cada pesquisador veio, os conhecimentos que traz consigo, os espaços criados ou ocupados e como cada um se posiciona diante de tudo aquilo que lhe perpassa. Nas palavras de Rodrigo Barchi (2017, p. 4) "as perspectivas ecologistas em educação, com um caráter dialógico, libertário e radicalmente enriquecedor das narrativas cotidianas dos efetivos protagonistas da educação, ou seja, professoras e professores, e estudantes [...] Marcos propõe uma ação política, que visa inverter o jogo de forças presente na educação contemporânea."

buscam criar possibilidades de pesquisas, mais antropofágicas, que ousam dialogar nas e pelas margens, propiciando a circulação de ideias e influências das produções culturais ignoradas pelos meios oficiais de validação e difusão, operando de “forma mais voluntária, mais lenta, mas não menos significativa, através dos contatos pessoais e institucionais de uma elite intelectual internacional [...], através de suas relações sociais e pessoais” (Reigota, 1999, p. 36).

Evidenciar as trajetórias das e dos ecologistas, não seus currículos formatados numa plataforma e sim apontar de onde vêm, por quais formações passaram, que contextos vivenciaram, suas referências literárias, musicais e artísticas, que leitura estão fazendo dos últimos acontecimentos locais e globais, dão sentido em ser e estar no mundo, além de tratar de questões importantes da contemporaneidade a partir das margens.

Esses pequenos detalhes da vida cotidiana globalizada refletem encontros e desencontros, ideias, sentimentos e experiências pouco conhecidas de um estilo de vida contemporânea cujos significados são fugidios e questionadores, desafiando qualquer análise que tenha como base apenas parâmetros “cientificamente corretos” (Reigota, 1999, p. 49).

As narrativas ficcionais corroboram com o compromisso ético e a pertinência temática que a contemporaneidade nos exige, dialogando com a ecosofia, proposta por Félix Guattari (1997), como “articulação ético-política possível entre o registro das relações sociais, do meio ambiente e da subjetividade” (Reigota, p. 55). No livro, essas relações são evidenciadas nos cenários e personagens ecologistas, em que as narrativas ficcionais nos dão um panorama e contexto histórico, político, social, ecológico, cultural e também pessoal dos e das ecologistas que vão personificando-se ao longo de seus (des)encontros e deslocamentos.

Lembro-me das boas e más sensações de ler cada uma das narrativas. Ficava tentando me remeter ao que fazia em Riversul, à época que todo aquele contexto era vivido ou não pelo professor

Marcos e demais personagens apresentados no livro. Era um adolescente, filho de lavradores, que não gostava e não queria aquela vida de trabalho na roça, mas que em certos momentos era forçado a fazer. Minha aspiração era estar cada vez mais envolvido com as questões pastorais do catolicismo. A igreja e a escola eram os lugares que gostava de estar. Tinha prazer em participar e me envolver com as ações de um grupo alinhado com as ideias da Teologia da Libertação³, com um trabalho voltado para as comunidades mais carentes. No meio disso tudo, porém, havia a castração dos desejos, e não me recordo de imaginar poder viver minhas subjetividades sem medos e sem amarras.

Também me marcou a narrativa e a carta abordando as questões étnicas entre os Tutsis e os Hutus, no Burundi e que depois se estendeu a Ruanda. Os conflitos étnicos faziam parte dos conteúdos que trabalhava com minhas turmas do Ensino Médio e, apesar de habituado a tratar do tema, inclusive utilizando o filme *Hotel Ruanda*, de Terry George (2004), ler sobre personagens que vivenciaram esse conflito criado por interesses exclusivamente financeiro e de soberania internacional, tornou aquilo mais real e doeu na carne.

Quantos novos acontecimentos, quantos conflitos e tantas outras questões foram surgindo com aquela primeira leitura de “*Ecologistas*” e por outro lado, a certeza de que a pesquisa que estava desenvolvendo no mestrado iria se beneficiar com o emprego das narrativas ficcionais para abordar os atravessamentos das homossexualidades no cotidiano escolar.

Talvez não tenha alcançado, na dissertação, uma escrita narrativa tão fascinante como os autores que li durante o processo e já

3 Movimento surgido dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, na América Latina, a partir da reflexão da necessidade de novas concepções políticas pelo clero, embasadas na criticidade da situação política e econômica local e mundial e o apelo para a eliminação das injustiças e desigualdades sociais que marcaram e continuam marcando os povos latinoamericanos e das demais periferias mundiais (Silva, 2006).

citados anteriormente, mas trazer as minhas trajetórias recortadas e algumas narrativas do olhar e vivência no interior das escolas pelas quais passei, foi um trabalho que superou minhas expectativas.

As interlocuções construídas, o aprofundamento teórico e metodológico da pesquisa e, finalmente, ter o auxílio da literatura e do cinema para compor o texto final, fez toda a diferença e se alinha às marcas da leitura de “Ecologistas” e demais produções de Marcos Reigota e de sua rede de conhecimento.

Para o professor Marcos, os encontros e desencontros são potentes para a nossa constituição e fundamentais para nossas pesquisas, sempre nos instigando, na medida do possível, a participação em congressos, seminários, simpósios e exposições (em cada aula trazia uma ou mais encomendas para os participantes, que contava com folders, recortes de jornal, uma revista, ou anotações de próprio punho com referências e eventos que poderiam nos interessar). Tenho muitas dessas anotações, textos e rascunhos de dissertações, teses e até livros que ele nos presenteara, como a cópia rascunho de Educação Ambiental: utopia e práxis.

Imagem 3 - Registro de alguns materiais entregues pelo Prof. Marcos durante o mestrado, no PPGE- Uniso, entre 2007-2009



Fonte: Meu acervo.

Assim, durante o percurso do mestrado, realizei os seguintes deslocamentos: Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBT, promovido pela UFSC, Florianópolis-SC (2007); Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual, promovido pela UFGO, Goiânia-GO (2007); I colóquio Michel Foucault: Educação, Filosofia, História – Transversais, promovido pela UFU, Uberlândia-MG (2008); I POIETHOS Simpósio Nacional de Política, Ética e Educação, promovido pela Unicamp, Campinas-SP (2008); IV Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – Retratos do Brasil Homossexual, promovido pela USP, São Paulo-SP (2008), cujo trabalho apresentado foi selecionado para compor o livro Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos, organizado por Horácio Costa, 2010; IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste – Pesquisa em Educação no Brasil: Balanço do século XX e desafios para o século XXI (Anpedinha), promovido pela UfsCar, São Carlos-SP (2009); Seminário Educação, Sexualidade, Gênero, Diversidade, promovido pela UFRJ, Rio de Janeiro-RJ (2009); e outras atividades como palestras na PUCSP, com a professora Ivani Fazenda, em 2006, a 28ª Bienal de Arte de São Paulo, “Em vivo contato” e a Mostra “Frans Krajcberg⁴: natura”, na Oca do Ibirapuera, ambas em 2008.

Imagem 4 - Com Frans Krajcberg, na mostra da Oca do Ibirapuera, em 2008



Fonte: Meu acervo.

A conclusão da pesquisa, realizada em agosto de 2009, contou com a presença da saudosa professora Maria Lúcia de Amorim Soares, da Uniso, e do professor Marcos Garcia, da UfsCar-Sorocaba, na banca. A pergunta da professora Maria Lúcia me desestabilizou, ela queria saber se a minha dissertação dançava e, diante da sala cheia, com familiares, amigos e colegas de curso e de trabalho, me passou um filme na cabeça de todo o movimento realizado para estar. Um caipira do Brasil profundo, que chega na universidade para fazer o mestrado, graças a uma bolsa concedida pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, toda a desconstrução ou reelaboração de mundo, de pertencimento, de posicionamento pedagógico e político que estava assumindo a partir dessa trajetória, era uma dança, uma coreografia linda e potente. Porém, no calor da emoção, não consegui me expressar, as lágrimas escorreram pelo rosto e apenas me silencieei.

A principal constatação do mestrado em educação, foi, sem dúvidas, confirmar o que os professores, durante as disciplinas, sempre diziam “você não vão mudar o mundo com suas pesquisas”. Não, eu não iria mudar o mundo e sequer a realidade das escolas de Sorocaba, talvez nem mesmo da que eu trabalhava. A principal mudança é sempre interna, e o percurso percorrido foi intenso e gratificante por me provocar a olhar para mim mesmo, perceber em mim as diversas nuances identitárias que carrego ao longo da minha existência e principalmente, repensar as minhas práticas pedagógicas, enquanto professor, transformando-as radicalmente.

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO A PEDAGOGIA DO SUBTERRÂNEO EM IDAS E VINDAS, ENCONTROS E DESENCONTROS DOS/NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Como tudo que deixa boas memórias nos fazem buscar outras narrativas e marcas, no segundo semestre de 2013 estava me inscrevendo como aluno especial na disciplina “Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar”, oferecida pelo Marcos Reigota, no PPGE-Uniso, agora com o intuito de adentrar no doutorado em Educação.

Dessa vez a experiência foi ainda mais profunda, instigante e repleta de (des)encontros e deslocamentos, enfatizados pelo Marcos como fundamentais para que possamos compreender, de forma mais radical, menos institucionalizada e/ou partidária, os temas que trazemos para a pesquisa. Ele nos propõe deixarmos de repetir nomes consagrados do pensamento, ou os que estão na crista da onda momentânea, quase sempre europeus e estadunidenses e passemos a buscar outros interlocutores, que como nós, se encontram nas margens do pensamento, da produção e difusão do conhecimento mundial. Sujeitos que estejam produzindo cultura, arte e conhecimento radicais, opostos à política do mercado internacional e comprometidos com a descolonização do pensamento, com a subsistência dos povos originários, ribeirinhos, quilombolas tão massacrados e dizimados pelo modelo de humanidade que nos foi incutida como a ideal e moderna.

O desafio lançado era criar com a pesquisa possibilidades outras de atuação, de ser e estar no mundo inventando outras formas de ser em grupo, com pedagogias fugidias, mais freireanas e desconectadas das políticas públicas criadas pelos organismos governamentais.

Como bom discípulo, as orientações foram acatadas e os investimentos durante os anos do doutorado, estiveram voltados às experimentações de deslocamento e (des)encontros, sempre atento às conversas do cotidiano (SPINK, 2008), para compor o trabalho em andamento.

Das idas e vindas realizadas, algumas merecem destaque: 2ª Conferência Internacional de Psicologia LGBT e campos relacionados: “enfrentar o impacto da discriminação contra pessoas LGBT em todo o mundo”, promovida pela UERJ, Rio de Janeiro, em março de 2016; VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, promovido pela UFMT, em Cuiabá, em julho de 2016; I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política – “Narrativas com mulheres: experiências investigativas, profissionais e militantes”, promovido pela PUC Minas, em Belo Horizonte, em setembro de 2016, com direito de conhecer Inhotim, em Brumadinho e na volta para casa, passar pela cidade de Tiradentes.

Imagem 5 - Com colegas do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação, no Instituto Inhotim, Brumadinho-MG, em setembro de 2016



Instituto Inhotim - Brumadinho/MG - 3 Set 2016.

Fonte: Meu acervo.

Sobre a viagem e a experiência, pode-se ler o registro em meu diário de bordo,

E de repente, uma avalanche de sentidos me perpassa.
 Vem das palavras dos autorizados a dizer,
 mas esses e essas desviam fluxos, pensamentos,
 transformam, ampliam, fiam conceitos e
 nascem narrativas.
 Me impactam como lufadas de vento bom em dias
 quentes e difíceis demais de suportar.
 Potências inteligíveis começam a borbu-
 lhar em minha mente.
 Não consigo segurar as lágrimas
 não são gotas quaisquer.
 São conexões,
 extensões,
 iluminuras que instauram possibilidades
 Ser e estar no mundo.
 Dialogar por afetos.
 Afectação.
 Mirar o mundo através de janelas? Máquinas? Espelhos?
 O olhar do outro que compõe.
 E faz cotidianos milagrar flores,
 ao regar a vida com encontros
 intersecções.
 Borrar imagens.
 Descanonizar.
 Permitir o canto dos pássaros,
 o livre ir e vir das ideias.
 A fala desprovida de autoridade,
 carregada de sentidos outros.
 Overdose política-estética.
 Éticas.

Descolonizar a razão.
Fluir encontros
Potencializar tato, olfato e paladar.
Provar porções de arte sem moderação.
Imaginar o alcance do pensamento.
Criar teias ou se deixar enredar.
Reverberações.
Zumbidos como de abelha ao encontrar uma espécie
doce e rara no jardim.
Voltar é preciso,
volto.
Voltamos diferentes.
Amanhã novas performances nascerão.

(Diário de bordo, 4/9/2016)

A participação com os grupos de pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação e Ritmos: Estética no Cotidiano Escolar, nos encontros promovidos por Bené Fonteles, na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, "Incerteza viva", entre outubro e dezembro de 2016, foi essencial para apurar os sentidos e transformar a tese numa espécie de OcaCaixaTese⁵.

O I Congresso Internacional de Educação "Cotidiano Escolar: inquietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais", ocorrido em outubro de 2016, na Uniso, marcado pela participação de importantes nomes de nossas interlocuções nas pesquisas, como

5 Uma criação rebelde para uma experiência que não cabe apenas num volume encadernado e dentro de normas burocráticas, assim a OcaCaixaTese, inspirada em Bené Fonteles (2016), foi uma composição de vários cadernos, fotos, caleidoscópio, CD com músicas e manual de instrução para o seu (des)uso. A tese, defendida em novembro de 2017, tem por título "Pedagogia do subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares" e está disponível em: http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2017/eder-proenca.pdf.

Nilda Alves, Mary Jane Paris Spink, Leandro Belinaso Guimarães, Carlos Eduardo Ferraço, Alik Wunder, Johannes Kniffki, Christian Reutlinger, Lupicínio Iñiguez-Rueda⁶, Nilta Dias, Adalberto Carvalho Ribeiro, entre outros, marcou os 20 anos do PPGE-Uniso e possibilitou grandes debates, conversas animadas e maior visibilidade para o nosso trabalho.

Imagem 6 - Roda de conversa “Minoridades no cotidiano escolar: experiências transnacionais, mediada pelo Prof. Rodrigo Barchi, no I Congresso Internacional de Educação do PPGE-Uniso, em outubro de 2016.



Sessão de conversa “Minoridades no cotidiano escolar: experiências transnacionais” Mediada pelo Prof. Dr. Rodrigo Barchi. I Congresso Internacional de Educação do PPGE-Uniso, 18 out. 2016

Fonte: Meu acervo

Em abril de 2017, participei do VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades, promovido pela UFPE, em Recife e; em novembro do mesmo ano, mês em que defendi a tese, estive em dois outros eventos: o XIX Encontro Nacional Abrapso, “Democracia participativa, Estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção”, realizado na UFU, em Uberlândia-MG e o VII Seminário Conexões: “Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e”, promovido pela Faculdade de Educação da Unicamp, em Campinas-SP.

6 O professor Dr. Lupicínio Iñiguez-Rueda, da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, compôs presencialmente, a banca de qualificação (13 set. 2017) e de defesa da tese (19 nov. 2017).

O professor Marcos me instigou que buscasse para a composição da tese, um diálogo com alguns jovens pesquisadores, a fim de trazer para o texto, o frescor de sua rebeldia e atuação profissional, enquanto professores de diferentes instituições de ensino superior. Como estão enfrentando as questões contemporâneas? Que dificuldades e facilidades encontram? O que estão produzindo?

Essas contribuições foram evidenciadas em narrativas ficcionais de encontros com quatro escolhidos: Murilo Moscheta (2011), Eduardo Silveira (2014), Thiago Ranniery (2016) e Rodrigo Barchi (2016), dentre os quais, Murilo Moscheta compôs a banca de defesa e Rodrigo Barchi foi suplente tanto na qualificação, quanto na defesa.

Também trouxe para a pesquisa contribuições do teatro e da música, em especial, aquelas protagonizadas por corpos trans: a peça "O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu", da atriz e dramaturga transexual escocesa, Joo Clifford, que no Brasil foi protagonizada pela atriz travesti Renata Carvalho, sob direção de Natália Mallo; e os trabalhos realizados pelas cantoras Linn da Quebrada, Assucena Assucena e Raquel Virgínia da banda "As Bahias e a Cozinha Mineira", que firmam sua transexualidade com discursos empoderados e de enfrentamento aos preconceitos. Tais corpos celebram a diversidade e todas as intersecções que ocorrem dentro do movimento LGBTQIA+.

O maior deslocamento experimentado nesse período do doutorado em educação foi a realização do estágio de doutorado sânduche⁷ – na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, sob

7 A experiência foi publicada com o título "Miradas da viagem de um pesquisador conversador no cotidiano" na Revista Utopia y Praxis Latinoamericana, V. 22, n. 79, p. 111-122, de 14 nov. 2017. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/issue/view/2614>.

orientação do professor Lupicínio Iñiguez-Rueda. Foi uma proposta feita pelo professor Marcos, para inaugurar a bolsa que o PPGE-Uniso fazia jus no Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – MEC) e que foi possível depois do embate que travei com o então secretário municipal da educação de Sorocaba, que negou o afastamento sem remuneração do cargo de diretor de escola e foi assinado praticamente no dia da viagem de ida, em 02 de abril de 2015.

A vivência intercontinental foi marcada por idas e vindas e (des)encontros na Espanha e em Portugal, com professores e professoras pesquisadoras que de alguma forma, se aproximavam dos temas sexualidades, gênero, feminismo e diversidade.

Na Espanha tive contato com o professor Gerald Coll-Planas, da Universidade de Vic; a professora Teresa Cabruja, da Universidade de Girona, e ainda; com a Cooperativa Drac Màgic, em Barcelona, que trabalha o cinema nas escolas numa perspectiva feminista e de combate as discriminações. Além de participar do grupo liderado pelo professor Lupicínio, Laicos lapse, onde realizamos leituras de autores como Solomon Asch, Giorgio Agamben, Nikolas Rose, Tomás Ibáñez e participamos dos seminários de pesquisa dos colegas que compunham o grupo.

Em Portugal, me encontrei com a professora Conceição Soares da Universidade de Porto e o professor João Manuel de Oliveira⁸ do Instituto Universitário de Lisboa.

8 A entrevista "Conversa com João Manuel de Oliveira: ativista, professor e pesquisador feminista," foi publicada na Revista Espacios Transnacionales, Año 3, n. 5, p. 116-124, jul-dez. 2015. Disponível em: <http://espaciostransnacionales.org/quinto-numero/>.

Imagem 7 - Encontro com o Prof. João Manuel de Oliveira, do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, em agosto de 2015



Fonte: Meu acervo.

Os seis meses vividos em Barcelona foram intensos e carregados de novas descobertas, desde a história local, a cultura catalã, o movimento ininterrupto de turistas pela La Rambla e outros pontos da cidade, as visitas aos museus e exposições, peça de teatro do Festival de Barcelona, sessão de cinema no pátio do Castelo Montjuic, festas populares como a de Sant Jordi (23 de abril, equivalente ao dia dos namorados aqui no Brasil), Festival La Mercè (no mês de setembro, em comemoração a padroeira de Barcelona, que mobiliza toda cidade, com festas nas ruas, muito fogos de artifício e pirotecnia e as tradicionais torres humanas), até a vida comum e cotidiana, experimentada ao caminhar sem destino pelos parques, praças e ruas, conhecer praias locais ou a famosa praia de Sitges (cerca de 40 minutos de trem de Barcelona), tradicionalmente conhecida como ponto *LGBT Friendly*.

Quando retornei ao Brasil, o contexto do impedimento da presidenta Dilma Rousseff já estava sendo desenrolado, da mesma forma que o recrudescimento dos fundamentalismos e a ampla propagação contrária às questões de gênero, sexualidade e diversidade que, até então, vinham sendo firmados em documentos de políticas públicas como de educação, passaram a ser combatidos, em defesa de uma exclusiva formatação familiar, ao estilo dos comerciais de margarina.

Nesse íterim, os debates para a elaboração dos planos municipais, estaduais e nacional de educação, que apesar de contar com a ampla participação popular, passaram a sofrer com representantes radicais de partidos da direita e ditos cristãos, que criaram um discurso bastante inflexível, criando a “ideologia de gênero”, que segundo tais, era uma tática para que as escolas, ao ensinar educação sexual, transformariam crianças, adolescentes e jovens em homossexuais, lésbicas e transexuais.

Na contramão desse cenário, a nossa tática é continuar exercendo nossas ações cotidianas, criando oportunidades, sempre que possível, para que os bons encontros aconteçam, seja entre professores e professoras com pesquisadores, artistas, ativistas de movimentos sociais e outros profissionais, assim como com as crianças e comunidade escolar, contribuindo para novas e profundas reflexões, outros olhares para as nossas práticas pedagógicas e para as nossas relações com questões emergentes, sempre ressaltando o viés ético, estético e político.

Dentre as ações, podemos citar as oficinas de grafite e teatro inspirados pela poética de Manoel de Barros; o banquete de palavras “As Áfricas que nos ventam”, oferecido pelo Coletivo Fabulografias, da Unicamp; oficinas com Bené Fonteles, Mauro Tanaka, Camila Fontenele e até uma roda de conversa entre as crianças com o professor Marcos Reigota.

Sobre esse encontro, que havia sido planejado para ser um momento de formação para a equipe da unidade, foi recambiado para uma roda de conversa com as crianças e possibilitou uma das memórias afetivas mais bonitas que guardo dessa escola e da trajetória no doutorado.

Como em todas as suas aulas, palestras, encontros, o professor Marcos, preparou esse momento, enviando fotos de sua então recém viagem ao Japão que dialogavam com seu livro Hiroshima e Nagasaki (Reigota, 2015), fruto de pesquisas sobre as armas nucleares e o efeito da explosão atômica nas cidades japonesas, e essa ação possibilitou uma tarde que aqueceu o coração, naquele dia frio de inverno. Foi de uma boniteza freireana ver os olhos das crianças brilhando, quase sem piscar e fazendo perguntas mil sobre o Japão, sua cultura e o que o professor poderia dizer sobre estar num lugar onde houve destruição em massa, junto com pessoas, prédios e árvore que resistiram à bomba, e como foi reconstruir e dar novo significado para o que sobrou. Pode uma criança pensar e opinar sobre assuntos como uma guerra? Que alternativas elas podem apontar para um mundo de paz?

Imagem 8 - Inauguração do Parque da Paz, em junho de 2018, na E.M. Prof^a. Maria Domingas Tótora de Góes, em Sorocaba-SP



Fonte: Meu acervo.

Talvez estas questões possam ser respondidas com e pelo Parque da Paz⁹, uma proposta pensada e protagonizada pelas crianças da escola, a partir do encontro com a obra Hiroshima e Nagasaki e seu autor. Para elas, criar o Parque da Paz na escola seria uma homenagem às vítimas da violência das bombas atômicas sobre a população civil das cidades japonesas e, acima de tudo, um apelo pela cultura de paz, tão necessária nesses tempos de extremismos políticos, falta de empatia e produção de ausência de sentido (Reigota, 2019).

Finalmente, e não menos importante, a aproximação que o professor Reigota me possibilitou ao trazer Paulo Freire e Pedro Lemebel¹⁰, dois autores latino-americanos, que dialogam com os estudos anticoloniais – Epistemologias do Sul (Santos, Meneses, 2010) – foram substanciais para constituir o que estamos chamando de pedagogia do subterrâneo, uma prática pedagógica radical, alinhada com as perspectivas ecologistas de educação, que não se rende aos mandos burocráticos da educação e é possibilitada a partir de ações criativas de professores e professoras, estudantes e demais profissionais que povoam os cotidianos das escolas públicas.

- 9 O Parque da Paz foi inaugurado no dia 19 de junho de 2018, na Escola Municipal Profª. Maria Domingas Tótora de Góes, em Sorocaba/SP. A ideia inicial era apenas criar alguns elementos decorativos que remetesse a cultura japonesa no parque infantil da escola, mas conforme as propostas criativas das crianças nos chegavam – como construir uma réplica da árvore ginkgo biloba, que resistiu a explosão da bomba atômica –, fomos criando o projeto que contou com uma arquiteta, serralheiro, jardineiro e a Associação de Pais e Mestres e o Conselho da Escola atuando para que se tornasse real. Para saber mais, há um vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvoyntM5y8g&t=4s>.
- 10 Sobre Pedro Lemebel e essa aproximação com Paulo Freire, publiquei em co-autoria com Marcos Reigota, o artigo "A escrita subversiva de Pedro Lemebel e a freireana pedagogia do subterrâneo", na obra "A dimensão política de pesquisar no cotidiano" (Moscheta *et al.*, 2020), disponível em: <https://d26lpennugtm8s.cloudfront.net/stores/143/019/rte/978-65-86903-04-1%20ADPPC.pdf>.

A pedagogia do subterrâneo, aquela que acontece nos espaçostempos dos cotidianos escolares, não é, de maneira alguma, invisível ou imperceptível, pelo contrário, ela vaza pelas frestas da porta, por entre as grades dos portões, pelas janelas muitas vezes quebradas das salas de aula, pelos muros grafitados pelos estudantes. Se a escola pulsa, pelos poros do cotidiano escolar escorrem pistas de ações que só os pesquisadores no cotidiano conseguem enxergar, pois, para ver, há que ter disposição, sensibilidade e não estar preso à educação maior – aquela que dita os currículos, que estabelece metas, prazos e normas. Os pesquisadores no cotidiano sabem que os melhores resultados podem ser obtidos nas práticas menores do cotidiano, práxis pedagógicas de resistência e de militância, a micropolítica que não quer examinar os mínimos detalhes da criança, mas que, num diálogo com o seu conhecimento de mundo, amplia sua própria visão, ao contribuir para a ampliação do campo de visão do estudante. (Proença, 2017, p. 290-291).

A pedagogia do subterrâneo é uma aposta em fazer emergir práxis libertadoras no cotidiano escolar, transbordando vida, desejante e repleta de resistência contra tudo que pretende aprisionar a história singular/plural dos estudantes, dos professores, dos diretores e demais profissionais que povoam os cotidianos escolares com suas diferenças (Proença, 2017, p. 296).

Quando voltei ao “Ecologistas” recentemente, para a escrita deste texto, foi como se pudesse pegar cada parte dessas narrativas vividas e das trajetórias de idas e vindas nestes 18 anos de convivência, diálogo, respeito, admiração e muito aprendizado com o professor Marcos Reigota e pudesse ir encaixando-as a partir daquilo que ele apresenta em sua obra. Minhas trajetórias e as narrativas dos cotidianos escolares, ou seja, uma bio:grafia (Reigota, Prado, 2008) que apresenta um registro existencial e de experiências singulares enquanto cidadão local e global, sempre em construção e inacabado.

Observando sempre para que o potencial ético, político, estético e pedagógico se desdobre nas mais distintas ações, encontros, desencontros e deslocamentos, numa perspectiva de que ao alcançar o espaço público, mobilize-o a criar outras trajetórias e narrativas, quiçá mais democráticas, radicais e libertárias.

Dialogando com Ailton Krenak (2020), esse modelo de humanidade que não considera a Terra como parte de si e que Reigota já trazia em “Ecologistas”, em 1999, deve ser desconstruído cotidianamente. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que eu consigo pensar é natureza.” (Krenak, 2020, p. 16-17).

Meu desejo é poder oferecer às crianças pequenas da escola em que trabalho hoje e também para aquelas e aqueles que me leem, experiências que nos aproximem com essa essência de sermos a natureza na e com ela. Criar afetos e sentidos, espalhar satisfação em estar vivo e poder escrever mais e mais narrativas que possibilitem adiar o fim do mundo, mesmo que por míseros segundos: em almoços com amigos; em oficinas de criação com professoras e professores; em bate-papo sobre o Rio Sorocaba que nos atravessam¹¹; em criações de espaços que desafiem as crianças na escola; nas brincadeiras com meus sobrinhos-netos na varanda de casa; na espera paciente em ver a semente germinar ou o mato crescer; no bailar gracioso das borboletas pelo jardim, dos beija-flores em busca do néctar e das abelhas festejando no pé de manjerição; no prazer de sujar as mãos de terra ao preparar o berço para uma árvore, o canteiro para hortaliças e o terreno para uma casa mais ecológica.

11 Proposta criada pelo professor Marcos Reigota para o Sesc Sorocaba, na qual uma série de bate-papos, com vários convidados e convidadas trazem as questões do Rio Sorocaba dentro de suas perspectivas artísticas, literárias, sonoras, escolares e históricas. A ação compõe o projeto “Onde nasci passa um rio”, uma instalação afetiva e sensorial, com curadoria de Guaira Maia e Mariana Gomes, no período de julho a setembro de 2024.

Imagem 9 - Plantio com as crianças do Centro de Educação Infantil nº 15 (CEI 15), centro de Sorocaba-SP, retorno das atividades presenciais pós covid-19, em setembro de 2021



Fonte: Meu acervo.

Ter encontrado o professor Marcos foi um diferencial em minha trajetória e no profissional que me tornei. Sua gentileza, atenção, acolhimento e cuidado fez e faz a diferença na minha vida e na de tantos e tantas que tem o privilégio de tê-lo como amigo, interlocutor e parceiro de projetos. Quando participei como suplente na banca de defesa de mestrado do Givanildo Pereira de Oliveira, em fevereiro de 2022, a última do professor Marcos no PPGE-Uniso, fiz questão de externar o carinho e admiração que tenho por ele e pensei na música *É de Gonzaguinha* (1988), para exprimir a força do seu trabalho e legado ao longo do tempo, sempre preocupado em ampliar a noção de cidadania e do posicionamento crítico ao que se apresenta, fazendo uma leitura profunda dos acontecimentos locais e globais, em que a valorização da vida de humanos e não humanos é sempre primordial.

Ê
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor
A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

Ê
A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está
Com a bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

Ê
A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação
Ê é é é é é é é

(Gonzaguinha, 1988, Corações Marginais)

Imagem 10 - Prof. Marcos Reigota e eu, na inauguração do Parque da Paz, em junho de 2018, na E.M. Profª. Maria Domingas Tótor de Góes, em Sorocaba-SP



Fonte: Meu acervo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. Petrópolis: DP et Alij, 2008.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária**. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2006.

_____. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)**. 2016. 321f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s):** a sexualidade como tema transversal. Coordenação Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999. (Educação em pauta: temas transversais).

CARDOSO, Íris Adriane Santoro. **Educação Física e Educação Ambiental:** Uma possibilidade de diálogo através das práticas pedagógicas cotidianas com crianças de 1ª a 4ªséries. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2007.

CARONE, Modesto. **O resumo de Ana.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (orgs). **Narrativas, gênero e política.** Curitiba, PR: CRV, 2016.

COSTA, Horácio (org.). **Retratos do Brasil homossexual:** fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial, 2010.

FELINTO, Marilene. **As Mulheres de Tijuapapo.** Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.

FONTELES, Bené. **Àgora: OcaTaperaterreiro.** Material do artista. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FREIRE, Ana Maria Araújo Freire. **Paulo Freire:** uma história de vida. 2 ed. ver. Atualizada. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49 ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

GALLO, Sívio. **Deleuze & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. 6 ed. Campinas: Papirus, 1997.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOTEL RUANDA. Direção de Terry George. África do Sul/ Canadá/EUA/Reino Unido: Imagem Filmes, 2004.

IÑIGUEZ, Lupicinio. Prefácio. In: SPINK, Mary Jane Paris et al. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 7-9. (publicação virtual).

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEMEBEL, Pedro. **Poco hombre**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

LISPECTOR, Clarice. A **paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Ronaldo Contó de. **Para além das quatro linhas**: as relações entre futebol e o cotidiano escolar na construção da cidadania. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2006.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOSCHETA, Murilo dos Santos. **Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência à saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2011.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. et al. (orgs). **A dimensão política de pesquisar no cotidiano**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2020.

O céu de Suely. Direção de Karim Ainouz. Brasil/Alemanha/França: Celluloid Dreams, 2006.

OLIVEIRA, Elaine Aparecida Machado Marum de. **A noção de comunidade na escola rural**: um estudo a partir de Gianni Vattimo e Antonio Candido. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção cultura, memória e currículo; v. 4).

PRAIA do Futuro. Direção de Karim Ainouz. Brasil/Alemanha: Califórnia Filmes, 2014.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos**: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

_____. **Pedagogia do subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. 2017. 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo. 2017.

RANNIERY, Thiago. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter**: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis. 2016. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 01-06, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

_____. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. *In*: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-66.

_____. A produção de ausência de sentidos adentra o cotidiano escolar... e mata. In: **Paulo Freire**: educação e política no enfrentamento do obscurantismo. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335813778_A_producao_de_ausencia_de_sentidos_adentra_o_cotidiano_escolare_mata_Paulo_Freire_educacao_e_politica_no_enfrentamento_do_obscurantismo-_Instituto_Sedes-SP-100919. Acesso em: 20 jun 2020.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

RUFFATO, Luiz. Entre nós. Coleção Língua Franca. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

SILVA, Adilson Januário da. **A casa, a escola e as identidades dos/as educadores/as ambientais**. 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2006.

SILVA, Antonio Almeida da. **Ciência e poesia em diálogo**: uma contribuição à Educação Ambiental. 2009, 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. **Teologia da Libertação**: revolução e reação interiorizada na igreja. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/924.pdf>. Acesso em: 20 jun 2021.

SILVEIRA, Eduardo. **Dissecações do corpo de um docente-artista em escrituras experimentais**. 2014. 395 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014.

SPINK, Mary Jane. et al. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. (publicação virtual).

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

VIEIRA, Elisangela Aparecida. **A geografia e as representações sociais sobre o nordeste brasileiro**: um estudo com os/as estudantes do ensino fundamental de Sorocaba. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

VATTIMO, Gianni. A Ética do discurso e a educação em crise. **Revista de Estudos Universitários**. Sorocaba, v. 33, p. 123-141, dez. 2007.

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Bioética e tecnociências**: a saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru, SP, Edusc, 2006.

depois do fim o cotidiano



5

Íris Adriane Santoro Cardoso

PROVOCAÇÕES

*“Quando querem transformar,
Dignidade em doença
Quando querem transformar
Inteligência em traição
Quando querem transformar
Estupidez em recompensa
Quando querem transformar
Esperança em maldição
É o bem contra o mal.*

*E você de que lado está?
Estou do lado do bem
Com a luz e com os anjos.
Mataram um menino
Tinha arma de verdade
Tinha arma nenhuma
Tinha arma de brinquedo”*

(Russo, Bonfá, Villa Lobos)

No dia 24/06/19, última aula do grupo de estudos Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I, para os doutorandos da UNISO o *Professor Marcos* solicitou que escrevessem o que eu vou chamar de *provocação*, sobre uma entrevista que ele deu ao canal do Prof. Gabriel Bitencourt.

Chamo esse texto de *provocação*, pois o *Professor Marcos* é especialista nisso, em fazer despertar, em desafiar, em fazer surgir o reconhecimento que cada um tem que ter de si e da capacidade de fazer algo bom, com inteligência, com vontade de mudar e de praticar o bem. Sou exemplo vivo disso.

Fui assistir ao vídeo no mesmo dia dessa solicitação e então, fiquei pensando no que a entrevista me provocaria, mas preferi não escrever naquele momento. A indignação nos olhos e na fala do entrevistador e do entrevistado, com os absurdos de nomeações e discursos abusivos, que a atual política brasileira se encontrava e que

se chocava com os meus pensamentos, então preferi não escrever. Hoje quando me sento para escrever não sei se fiz a coisa certa. A letra da música acima tem muito a ver com o momento que estamos vivendo e quando eu a ouvi novamente, resolvi trazê-la para essa provocação. Em uma lanchonete que gostamos de frequentar, estava tocando uma sequência de músicas (depois que eu vim a descobrir) do grupo Legião Urbana, quando tocou Duas Tribos - 1964, música de Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa Lobos, me vi pensando nela na época de seu lançamento. É uma música que traz os traços da violência daquele período e que, de maneira inteligente, os autores contrapõem com o lazer e situações de entretenimento, trazem também o ufanismo para encobrir as proibições e coibições da época. Lembro que no período de lançamento da música era adolescente e naquele momento despertava meu entendimento sobre política. As músicas do Renato Russo, entre outras, estão no meu percurso de compreensão da vida política. Uma adolescente, que saía da escola e corria para casa para trocar de roupa para ir à ACM de Sorocaba onde passava as tardes entre as quadras, sala de dança e o grupo de líderes. Essa criação, experimentação e vivência, como chamavam na ACM, são "situações concretas" - ou seja, aquelas que são vividas e podem se traduzir em expressão política, (Reigota, 1999, p. 17) - marcantes, por mim vividas e que auxiliaram na minha formação como pessoa e como profissional que sou hoje. Muitos estudos, farras, bagunças, aprendizados aconteciam e acontecem naqueles espaços, assim como muitos debates sobre os mais diversos assuntos.

A ACM é uma organização ecumênica que tem como base os princípios cristãos e que por meio das atividades físicas e de educação procura auxiliar o desenvolvimento das pessoas. Além de atividades esportivas, recreativas e rítmicas participávamos de cursos e encontro de lideranças, onde estudávamos e dialogávamos sobre vários assuntos da atualidade com o objetivo de auxiliar na formação dos jovens. Uma vez por ano nos reuníamos com líderes jovens do Brasil, para ampliar o debate. A cada ano esse encontro acontecia

em uma das unidades da ACM espalhadas pelo Brasil, assim tínhamos oportunidade de conhecer os aspectos geográficos, sociais e culturais de diferentes localidades e pessoas.

De forma inconsciente antes de assistir ao vídeo solicitado fui ler o livro de Leandro Belinasso e Davi de Codes, “Na pele do mundo”, que acabo de receber virtualmente. Com um amanhecer belíssimo e minha xícara de café, a leitura começa descompromissada, depois da apresentação feita pelo idealizador. Como é um livro que tem a proposta de entrevistas, poderia ter feito uma leitura aleatória. Mas preferi seguir o que estava posto.

O prefácio é de Valdo Barcelos, e me delicio com sua forma de escrever sobre inspiração, sobre como iria iniciar seu texto e as dificuldades para começar. Risos, pois me identifico. Reconheço duas letras dispostas em sequência: MR, que imediatamente me transportam ao *professor*. Quando eu li ainda no texto do Valdo, o porquê ele começaria por MR:

“Marquito Reigota, que me apresentou os atuantes desse livro” (Belinasso; De Coves, 2020, p.19),

Pensei em duas coisas. A primeira, é que ele usou diferentes formas para identificar o *professor*. E eu como me refiro ao MR? Sempre como *professor!!!* Por respeito, defesa, carinho, inspiração, medo, amizade... não sei ainda!!!!

O outro pensamento que o início da explicação do autor me levou, foi de que o *professor* sempre faz isso. Ou seja, nos apresenta autores de uma forma tão intensa que parece que já somos conhecidos há muito tempo e quando por acaso, por congressos, seminários ou cafés conhecemos esses autores, parece que sempre estivemos junto deles.

Continuo a leitura e vou direto para a página da entrevista com o *professor*.

A entrevista aconteceu em uma sala da Uniso, em novembro de 2018 e eu estava presente no dia. Poder ler algo que eu vi acontecer foi muito interessante e intenso. O *professor* é entrevistado pelos autores e fala de sua trajetória pelos mais diferentes espaços, que vai além do físico, dos locais que frequentou e visitou, mas dos espaços que criou e conquistou, dos espaços de leitura e escrita, dos espaços políticos e dos espaços de amizade e solidariedade. Conta sobre sua forma de escrita e sobre seus cadernos de viagem, que são feitos, por uma questão pessoal e não porque necessariamente poderá ser um material que será utilizado em algum momento. Na verdade, esses cadernos são exercícios de escrita, de observação da atenção do momento e das inúmeras situações por ele vividas. E então responde à pergunta sobre seus conceitos ecologistas como narrativas ficcionais, bio:grafia e o desnudar-se da ousadia de criar conceitos no Brasil. Essa entrevista me fez pegar os livros na minha estante: “O que é Educação Ambiental”, “A floresta e a escola”, “Ecologistas”, e a entrevista com a Nita Freire. E assim minha manhã foi repleta de inspirações, conflitos, lembranças e anotações. Quando abri o livro “Ecologistas” e li a dedicatória, me peguei pensando em quando e como eu conheci o *professor*.

Dei-me conta que as provocações começaram sem ainda ser apresentada.

Não o conhecia e nem tinha ouvido falar, mas sempre agradeço a indicação. Eu, uma ex-aluna formada no curso de pedagogia da universidade de Sorocaba, professora de educação física do ensino infantil e fundamental I de um colégio particular da cidade, procurava a coordenação do curso de Pós-graduação em educação da Uniso e solicitava informações sobre o mestrado, como era o funcionamento e o que poderia cursar. Sou orientada a participar das aulas na turma de Conhecimento e Cotidiano Escolar, no componente “Imaginário e Conhecimento Escolar” ministrada pelo professor, em cujo horário e dia eu poderia encaixar na minha agenda. Saí de lá pensando que

poderia sim adequar meus compromissos, visto que a primeira aula seria já na semana seguinte.

Lembro-me de estar em uma das muitas salas antigas da unidade da Uniso, no antigo Seminário Arquidiocesano de Sorocaba, numa terça pela manhã, tendo acabado de passar por aqueles corredores belos, com janelas largas, cheios de história. É um lugar arborizado, as janelas estão voltadas para o jardim central. O professor Marcos entra na sala deseja bom dia a todos caminhando em direção a mesa que está na frente da lousa, se senta e com seu jeito tímido (hoje já não o vejo assim), puxa a folha de matriculados de dentro de sua agenda, se apresenta brevemente, se limitando quase a dizer que a sua graduação foi em biologia e que iniciou a Pós-graduação na PUC São Paulo. O *professor* é assim, aos poucos é que vamos tendo conhecimento de sua caminhada.

Depois de sua apresentação pede para que cada um também o faça e que digam por que escolheram aquela linha de pesquisa. Não menti, disse que não sabia o que procurava e que fui indicada para estar ali, ele apenas sorriu. Naquele momento fiquei em dúvida do que o sorriso significava. Tempos depois entendi. Em seguida, retira de dentro da agenda e entrega para cada um uma folha com os livros que teríamos que ler e o calendário semanal e a proposta de debates com eles. Susto eminente. Depois de mais algum tempo de explicações e comentários já em pé, com suas pernas cruzadas encostado na lousa, diz olhando para baixo, calmamente e quem o conhece sabe, que ali vem a chamada:

- Quem faz mestrado tem que ler, discutir, conhecer, ter sua própria biblioteca e saber comentar autores.

A primeira provocação vinha daí: eu, uma professora de educação física que tinha uma dificuldade enorme em escrever, conseguiria?

A segunda provocação foi sobre a atividade que receberíamos semanalmente por e-mail e que teríamos que escrever sobre elas. Era uma imagem sempre impactante pela simplicidade e pelo nome como “rede catequese”, “escola agrícola”, “tambores do mar abaixo” Aquilo foi muito instigante, difícil e desafiador, mas eu me pegava ansiosa por saber o que viria naquela semana. Preciso já deixar registrado que essa simples proposta me possibilita vivenciar minha jornada como professora e pesquisadora e estudar as imagens até hoje. As imagens sempre estiveram em mim e na minha trajetória, mas só fui perceber isso naquelas semanas, onde eu ficava a observar a imagem e como ela teria sido feita, em que circunstâncias o que ali estava acontecendo, quando foi registrada.

A lista de leituras de livros começava com Ginzburg, passava por Said e Maria Lucia Medeiros. Acrescentava a lista, onde corríamos a anotar e eu procurava ao máximo ler a todos, autores como Milton Hatoum, Cecília Meirelles, seus próprios livros, compositores como Itamar Assunção, Milton Nascimento e vários artistas plásticos. Foi um semestre que exigiu muita disciplina, porém a cada livro eu conhecia um pouco mais do *professor*. A lista acabava com “A Floresta e a Escola”, e, sem sombra de dúvida, esse livro fez toda a diferença, sendo muito importante para mim tanto pessoalmente, como profissionalmente a partir do meu exercício na Educação Física.

Assim como o livro “Ecologistas”, que chama a atenção pelos detalhes. Desde sua capa texturizada, as cores ali colocadas e quando vou verificar de quem é a imagem dela, minha curiosidade sempre sobre imagens, vejo que é uma aquarela, e que é do *Professor*, espanto e alegria já que a pintura é algo importante para mim. As folhas internas têm uma cor diferente do branco tão tradicional, e cada detalhe muito bem-preparado.

A leitura já começa diferente depois dessa apresentação, pois o livro traz um pensamento sobre diversidade que muito me

interessava, e que até então eu não tinha me dado conta do quanto estava já no meu cotidiano. Além das narrativas ficcionais que quanto mais eu leio, mais eu me identifico, como nos traz o *professor* na entrevista de “Na pele do mundo”:

Estávamos apenas conversando e não estava fazendo pesquisa, pensava eu. Só que essas conversas e acontecimentos não me saíam da cabeça. Eu precisava escrever sobre elas, registrar, dialogar comigo mesmo. Eram informações preciosas, conseguidas em momentos de privacidade que mereciam ganhar o espaço público, então a pergunta era: como trazer para o espaço público as informações coletadas na intimidade, no sentido mais profundo, o da confiança em mim depositada por alguém, sem ferir um preceito ético, sem ferir a confiança que aquela pessoa tinha depositado naquele momento em mim? Esse questionamento ético não é um exercício banal, e foi daí então que apareceu essa ideia de escrever misturando as informações, acontecimentos, relatos e pessoas (Belinaso; de Coves, 2020, p. 119).

Eu tinha muitas anotações das crianças em aula, dos instantes que vivíamos, das conversas e depoimentos os mais diversos, desenhos e imagens. Eu só guardava tudo aquilo, pois eu considerava algo importante e diferente dentro da Educação Física. Guardava, pois, acreditava nesses registros, assim que eu ainda os analisava, mas o *professor* me fez entender e observá-los como possibilidade de mudança de conhecimento e quando vou ler em “Ecologistas”, que:

...em linhas gerais a narrativa tem sempre um componente verdadeiro e histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja a verdade dos fatos, cada pessoa conta a história de sua maneira, enfatizando ou eliminando os elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto, suas consequências e desdobramentos (Reigota, 1999, p. 84).

Acreditando que eu poderia escrever sobre isso, e que minha dissertação poderia seguir por esse caminho, participei do processo seletivo, fui aprovada, e passei a ter o professor como orientador efetivo. E assim, trouxe as narrativas no espaço escolar da Educação Física para o domínio público. Entre elas, junto a uma série de desenhos e imagens presentes na dissertação, destaco as duas a seguir:

O GRANDE DRAGÃO DE GILBERTO

As crianças, na sua espontaneidade, entre outras coisas, adoram gritar por qualquer razão ou motivo. Depois de muitas explicações sobre a razão por que não devemos gritar nos lugares e, nem nas aulas de Educação Física, que vão desde a fonoaudiologia até as regras e combinados, optei, nesse dia, por usar um método que tinha origem nas fábulas. Numa aula de correr, Gilberto, sete anos, extremamente agitado, habilidoso e carinhoso, gritava muito. Gritava enquanto corria, quando parava, quando era pego, enfim... Parei a aula e me dirigi a todos, que bravos, reclamavam da interrupção e perguntei: Gente, tem algum dragão enorme aqui? Com os olhos em mim, com alguns sorrisos e entendendo o que estava acontecendo, responderam em coro: Não!!!! Então, não gritem, só gritamos quando estamos com medo, com dor, quando estamos em perigo. Diante de um dragão, por exemplo, certo? Confirmaram com a cabeça e continuamos a aula. Ao sairmos da quadra, fomos caminhando para a classe, eu no meio do grupo, pois tenho por hábito não andar em filas com as crianças. Após passarmos por um corredor, ouço um grito histérico e fico parada, aguardando o autor. Gilberto vira o corredor e dá de cara comigo. Arregala seus olhos pretos e, numa fração de segundos, pensa rapidamente no que me dizer e, sem medo, apontando seu braço, em direção ao corredor, diz-me: - Prô, tem um dragão gigante ali!!!!!! (Cardoso, 2007, p. 40)

REGISTRO Nº64 – 18 DE MAIO DE 2006

“Fred e a lua. Fred é uma criança que estudou em muitas escolas, pois sua família viaja muito, mora em um hotel e falta muito à escola. Tem nove anos, é uma criança grande, tímida, e pouco falante. Quando fomos trabalhar o “Corpo” na ginástica olímpica, percebi que Fred sentia-se ansioso e desejoso de realizar os movimentos. Sempre de longe, eu o observava, pois respeitava seu momento de descoberta. Numa determinada aula, ele conseguiu realizar a sua estrela (movimento em que o corpo fica invertido, apoiado pelos braços, elevando uma perna de cada vez, fazendo uma abertura lateral com as mesmas), seu sorriso era encantador.

Vibre em silêncio.

Em seus registros ele colocou: Eu nunca imaginei que eu fosse para lua, hoje eu fui!! Senti-me flutuando ao “virar estrela”. (Cardoso, 2007, p. 65)

Imagem 1 - Colagem feita com os alunos/as e desenhos elaborados por eles/as, nas aulas de Educação Física, sobre seu corpo, seus gestos corporais e a maneira que eles/as se veem



Fonte: Acervo próprio.

Leio a dedicatória que recebi em 10 de maio de 2004, "... que este livro possa ampliar nossas conversas e cumplicidade...MR", isso realmente aconteceu a nossa amizade e nossas conversas.

Eu estava totalmente envolvida em um processo que não sabia onde me levaria. O *professor* estava apresentando, a minha admiração foi crescendo a cada livro e a cada aula, eu conhecia um pouco mais desse profissional íntegro, ético e principalmente, preocupado com o ser humano e com a vida. Vieram outros tantos momentos e, em cada encontro, conversa, bate papo, essa grande pessoa se tornava um amigo, não de encontros semanais, mas de e-mails, de encontros casuais na rua e de boas lembranças, que a todo momento fazem parte da minha caminhada como pessoa e professora de ensino infantil e superior, pesquisadora ecologista. E depois de muitos anos, me provoca novamente aos estudos, a vida, a responsabilidade de ser professora cidadã.

Volto à tarefa de fim de semestre para assistir a entrevista.

Logo no início quando eu escrevo que não tinha certeza se fiz o certo ou não de não escrever no dia que eu vi o vídeo pela primeira vez, foi porque os acontecimentos políticos e sociais estão mais difíceis de serem observados e entendidos nos dias de hoje. Sinto realmente o que Renato Russo trouxe em sua música: "Quando querem transformar..."

A entrevista, passa pelo Ministro do Meio Ambiente, Escola sem Partido, movimentos sociais, lideranças políticas. A entrevista foi bem elaborada e muito interessante de se assistir. A maior provocação para mim foi o nosso papel político como educadora e pesquisadora.

Qual a nossa responsabilidade diante disso que estamos vendo acontecer? Não estou escrevendo sobre posicionamento partidário, mas sobre a nossa conduta como cidadãos para a construção de uma sociedade de direitos, uma sociedade justa. Nesse momento em que ninguém ouve, onde só querem gritar, sem dialogar, serão

as pequenas ações, as propagandas ou redes sociais que irão trazer cada vez mais a força democrática?

Temos a dimensão de que o papel do educador é político? Confesso que a professora de Educação Física não tinha esse enfoque. Foram os livros do mestrado, as aulas, as outras indicações de leitura, músicas, os encontros com os colegas, palestras e exposições que auxiliaram nesse compromisso. Isso está em construção, em processo, porém presente nas minhas práticas e diálogos com os pares e com aqueles que estão dispostos à democracia.

Quando assumo as aulas de inclusão no ensino superior, levo comigo e para as aulas os desafios das práxis ecologistas e um deles “compreensão das relações sociais, onde se evidencie a busca de formas saudáveis de relacionamento entre diferentes” (Reigota, 1999, p. 56).

A diversidade segue como um dos principais objetos de estudo nas aulas de inclusão no ensino superior em uma faculdade de Educação Física. Entender que quanto mais nos envolvemos, vivemos e nos aproximamos dos diferentes, mais o crescimento pode contribuir, e muito, para trocas e aprendizados. Mas as diferenças não são vistas como algo que pode ser importante. Parece uma situação que não preocupa a alguns alunos ou alunas e isso não importa, não estão envolvidos, pois fazem parte de algum grupo, que pode ser dos brancos, talvez dos fortes, quem sabe das loiras, dos não deficientes, enfim daqueles que são pertencentes. Esse tema é muito presente no cotidiano escolar e o debate se faz necessário no ensino superior, onde ainda se percebe uma busca por ser similar aos outros, acredita-se ainda que identidade é quando nos aproximamos de quem é semelhante, “tem a mesma aparência, sentem as mesmas coisas e se denominam da mesma forma isso é sem sentido”, (Reigota, 1999, p. 51).

Seguimos no debate e provocações na valorização das diferenças. Entendemos que o que é chamado como diferença parte de

algo, ou de um processo social, que promove situações onde estes, por tais razões ou aqueles por outras, não se encaixam. Essas divisões vêm sempre com ironias e imposições que acabam por criar conflitos. Como nos auxilia Candau, "As diferenças são então concebidas como realidades sócio históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder (Candau, 2011, p. 246).

A intenção é levar o debate das diferenças como algo que procura ir além do que está colocado como aquilo que não importa. As diferenças são vistas, percebidas, mas por um grupo que determina que os outros são inferiores e não devem ser valorizados. Para Candau:

Os diferentes são um problema que a escola e os educadores têm de enfrentar, e esta situação vem se agravando e não sabemos como lidar com ela. Esta é a tônica que predomina nos relatos dos educadores. Somente em poucos depoimentos a diferença é articulada a identidades pluraes que enriquecem os processos pedagógicos e devem ser reconhecidas e valorizadas (Candau, 2012, p. 239).

A discussão ainda é urgente e precisa acontecer em todos os espaços, principalmente nos cotidianos escolares. Trazer para o debate a importância das diferenças e da heterogeneização, assim.

O *professor* procura com seus artigos, indicações, conversas e músicas, trazer para todos a importância dos encontros e das relações que estão diante de nós e aquelas que não percebemos de forma imediata. As suas provocações exibem conexões que são feitas por nós, mas ele sempre visualiza outras tantas que, de tão próximas não conseguimos enxergar seus sentidos e significados. E assim continuamos sendo provocados e escrevendo narrativas, histórias outras...

Ainda bem!!!

REFERÊNCIAS

BELINASSO, Leandro e CODES, Davi. **Na pele do mundo**. Florianópolis: Casatrês, 2020

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em. Acesso em 14/05/2021

CANDAU, Vera Maria Ferrão. diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, PUC Rio de Janeiro v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011. Disponível. Acesso em 14/05/2021

CARDOSO, Íris Adriane Santoro. **Educação Física e educação ambiental**: Uma possibilidade de diálogo por meio das práticas pedagógicas cotidianas com crianças de 1ª a 4ª série Sorocaba, SP, 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2007.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.



6

Márcio José Andrade da Silva

CONFISSÕES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-439-1.6

Campinas, 19 de setembro de 2021

Caro Marcos,

Espero que esteja tudo bem contigo e que essa carta chegue em um bom momento. Coisa difícil em tempos atuais, mas não impossível. Estive conversando com a Andréia Teixeira e com o Rodrigo Barchi sobre como foi minha relação com tua obra “Ecologistas”. O diálogo foi produtivo, admito. Entre um gole de café e outro, confessamos como tua obra nos impactou (e ainda nos afeta). Percebê-la em nosso cotidiano é uma grata surpresa. Digo grata, pois ela se torna algo tão natural, tão nosso, que nem percebemos, a não ser naquele momento em que precisamos descrever nosso caminhar pelo mundo.

Admiti à Andréia e ao Rodrigo que não havia lido “Ecologistas” durante o doutorado. A aquisição dele, à época, era muito difícil, estava esgotado nas lojas e sebos, cheguei a brincar que essa obra era o “Santo Graal” do curso. Recentemente li que o significado deste símbolo tem muito a ver contigo, afinal, antecedendo à sua cristianização, esse recipiente mágico celta era responsável por dar um novo sabor aos alimentos, vida e vigor às pessoas. E isso “Ecologistas” nos faz. Bem, já finalizando a escrita da minha tese, consegui adquirir um exemplar desse teu livro, lendo-o, vi que acertei na comparação.

Consegui o meu exemplar quase ao final da escrita levei para teu autógrafo. E, a partir de tua dedicatória: *que esse livro possa provocar rebeldias e deglutições através de sua leitura*. Comecei a rascunhar essa carta-testemunho, esse bilhete de agradecimento, uma missiva de admiração, tudo ao mesmo tempo agora. Agradecer aos ensinamentos, coisa que na correria do dia a dia a gente nem se dá conta, só quando o mar serena e a poeira assenta.

Então, preparei meu ritual para iniciar a escrita desta carta. Montei a lista de músicas que receitaste nas postagens comemorativas dos 20 anos de publicação do “Ecologistas”, 70 músicas que vão de Erasmo Carlos a Elis Regina, passando por Miles Davis, Itamar Assumpção, Paul Weller, Nina Hagen, Geraldo Vandré, Belchior Luis Melodia, Nina Simone, entre tantos.

Marcos, visto que tudo o que produzimos é história, no mínimo a nossa história, e nessa história somos o sujeito dela, comecei a rever minha caminhada a partir do momento em que nos encontramos e percebi como esse curto espaço de convivência, de 2016 a 2019, foi se desdobrando em tempos idos e futuros. Antes de prosseguir a escrita, confesso que também fui motivado a escrever essa carta pela fala da professora Raquel Oliveira, durante a minha defesa de tese, ao afirmar que tanto ela quanto a professora Raquel Gianolla, viram o conceito *Bio:grafia* ser gerido durante seus estudos e que, agora, elas viam o conceito ali, amadurecido. Como disse antes, só tomamos pé da coisa quando resolvemos colocar no papel.

Como sabes, entrei na Uniso, no ano de 2014, como aluno especial da tua disciplina, havia sido indicado pelo professor Benedito Cirino a te procurar, pois havia apresentado a ele um esboço de um pré-projeto de doutorado, que consistia em analisar os fundamentos filosóficos do pensamento de Paulo Freire. Ele me disse existir um professor que poderia me auxiliar nessa minha empreitada: *Marcos Reigota é o cara!* Afirmou.

A ideia de pesquisar as bases filosóficas do Paulo Freire me pareceu a mais oportuna, considerando meu caminhar, até aquele momento, na seara da filosofia. Consultei meu amigo Antônio Vidal e ele me indicou algumas leituras, disse para começar com Frantz Fanon e sua obra “Os condenados da terra”, citada por Paulo Freire

em “Pedagogia do Oprimido”. Pesou, também, na escolha pelo pensamento freireano uma busca pessoal por pensadores nacionais que me auxiliam-se no formular esse ir ao mundo do outro, em virtude da Filosofia Clínica, conhecia dois pensadores basilares da alteridade, Martin Buber e Emmanuel Levinas. Basicamente, cada um à sua maneira, falou-me da importância do outro para minha existência e da importância dessa compreensão e diálogo.

Desse modo, ainda meio europeizado, cheguei à Uniso, adentrando à sala de aula, me ajeitei na carteira e teve início um rever-me. De repente, me vi imerso em minha história de vida. A cada aula assistida, percebia que algumas peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Era como se cada aula resgatasse um pouco de mim, de minha caminhada até o momento atual e, o que considero o mais fantástico, descortinasse um horizonte de possibilidades. E, conforme o olhar, minha vida havia se encaminhado para estar ali, naquele contexto, com aqueles professores, debatendo educação e a vida.

Bem, Marcos, esse foi meu primeiro ano na Universidade de Sorocaba. Em 2016 entro como aluno regular no curso de Doutorado em Educação. No ano seguinte, ainda tateando os novos conceitos que me eram apresentados: **Bio:grafia** e **Narrativas**; resolvi compartilhá-los com os colegas filósofos clínicos. Haveria um encontro nacional em Fortaleza e fui convidado a realizar uma comunicação, melhor oportunidade para testar se minha compreensão desses conceitos, ainda em fase de digestão, estava correta. Acrescentei pitadas de um conceito basilar à Filosofia Clínica, a Historicidade, a qual, para nós, é a *história de vida contada pela própria pessoa*. Só para teres uma ideia do que um alfaiate do primeiro ano, que pegando na tesoura e vai cortando o pano, à moda de Luiz Gonzaga, tentando não errar para não estragar o pano. Alinhavando os retalhos...

Um pedaço de tecido foi a “Narrativa”, da obra “Trajetórias e narrativas da educação ambiental”, organizada por ti, pela Raquel Possas e o Adalberto Ribeiro; lá, o alerta: “Não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa: no entanto, conhecê-lo torna-se fundamental na perspectiva da descoberta de uma história construída/vivida cotidianamente pelos sujeitos anônimos” (Reigota, 2003, p.9). Como alfaiate aprendiz, um outro corte, e a peça de tecido *Bio:grafia*, de “Educação ambiental: utopia e práxis”, escrita por ti e pela Heliadora Prado assim descrevia: “...é uma tentativa de narrar nossa presença no mundo (grafia) e relações existenciais, profissionais e políticas (bio) em busca de mudanças radicais que possibilitem a construção, através de práticas sociais e pedagógicas cotidianas, de uma sociedade justa, sustentável e democrática e que nos (auto)identificam como sujeitos da história...” (Reigota, 2008, p. 12).

Estava com três peças em mãos, Historicidade, Narrativa e Bio:grafia. Como transformar em um paletó, seu Mariano? Como alinhar? Lancei mão da poesia de Carlos Faraco, Fernando Pessoa e Fernanda Raposinha – porque ninguém é de ferro! – os acordes de Paulinho da Viola e dos Beatles; filmes de Angela Davis, d’Os Trapalhões, Humberto Teixeira e Gandhi. O arremate foi com um minidocumentário com meu pai narrando parte de sua infância, adolescência e fase adulta até seu casamento, tendo como roteiro as fotografias de cada momento vivido. Esta, uma lembrança que guardo com o maior carinho, estando ali o último registro de papai narrando parte de sua vivência. No ano seguinte, antes de iniciar a escrita da tese, ele veio a falecer. Tudo perdeu o sentido de ser para mim. Graças à tua percepção e sensibilidade consegui prosseguir e concluir a escrita, com uma pequena (grande) ajuda dos amigos.

Pela primeira vez percebi, tudo junto e misturando. Sendo, oswaldianamente, antropofogizado.

Imagem 1



Fonte: Acervo próprio

O ano ainda era 2017, caminhávamos para os 20 anos da publicação de "Ecologistas"; eu, para meu segundo ano na universidade e continuava a busca pelo teu livro. Lembro que começaste a fazer várias postagens na rede social, "Da série - Ecologistas - 20 anos depois": Pensei: "se está difícil conseguir o original, vou montar um para mim!" Te confesso agora o prazer que foi montar o "meu 'Ecologistas'", porque não era o livro publicado por ti em 1999, mas

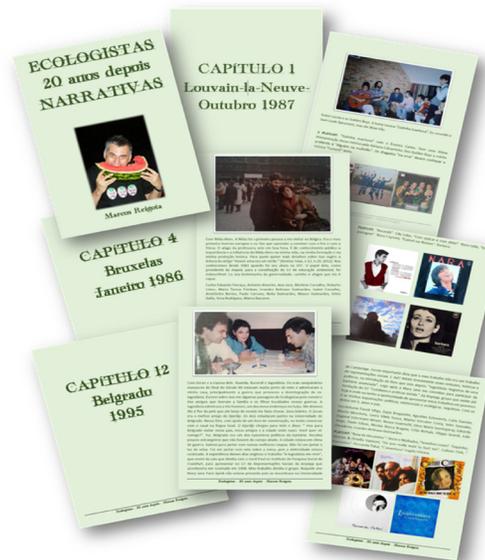
era o caminho percorrido para a construção da obra. O processo, Marcos, para mim, é tão ou mais rico que a obra; beatlemaníaco que sou, coleciono todas os ensaios das músicas da banda, percebendo a evolução da ideia até o produto acabado, a música. Desta forma, percebia, ali nas tuas narrativas virtuais, o Marcos em sua singularidade, num preparar-se universal.

Nesse “trabalho”, eu havia coletado os teus depoimentos em que referenciavas e contextualizavas a produção da obra produzida há vinte anos com fotos, narrativas e uma trilha sonora específica que “davam o tom” da época. Foram 13 “capítulos” de estímulos criativos, de construção lúdica, de “brincar” com a obra “Ecologistas” 20 anos depois. Como te disse, até aquele momento, não havia entrado em contato com a obra, pois encontrava-se esgotada. Assim, compilar as mensagens e montá-las como um livro foi uma forma de compreender a gênese daquela obra.

Hoje, com *Ecologista* em mãos, vejo que tuas postagens são um desdobrar dos capítulos “Cenário e Personagens Ecologistas” e “Saudações Ecológicas”, enquanto no primeiro há uma contextualização do momento que te levaram à produção do livro, no segundo, as mensagens das amizades construídas no percurso.

A seguir, algumas imagens das páginas do “livro montado”. Aqui selecionei apenas três momentos, uma roda descontraída com Ivone Lauria, em Louvain; o encontro com Nilda Alves, em Bruxelas e um encontro em Belgrado, com Zoran, para conversarem sobre as atrocidades das guerras, vieram a aparecer em “Iugoslávia – registros de uma barbárie anunciada”.

Imagem 2



Fonte: Acervo Próprio

Marcos, percebo a vida como um grande mosaico, no qual momentos, relações, sonhos, vêm compor a imagem única, singular da vivência de cada um. Entrar como aluno no Programa de Pós-graduação em Educação da Uniso, foi começar a coletar novas pedrinhas para ampliar o meu mosaico. Como todo material que se recolhe, há aquele que serve, tem seu brilho, sua importância e orna, mas há também aquele que nem com uma boa polida consegue ter uma significância merecedora de destaque.

Como cartas que iniciamos certo dia e terminamos tempos depois, escrevi uma mensagem para ti, cujo título era "Olhares, emoções e outras histórias". Havia lido, em sala de aula, a carta de um amigo, e, como eu disse na mensagem, "fiquei emocionado com o relato do teu amigo, cada trecho escolhido ia amolecendo a casca/

raiva da linha de ônibus intermunicipal que eu vinha carregando”, pois o rapaz do balcão me vendera a passagem errada, para o dia seguinte, e acabei tendo que me dirigir a Itu para prosseguir até Sorocaba; nessa longa e tortuosa estrada, fui relendo textos que me remeteram ao meu passado, “meu período sindical, dos embates, dos amores, das amizades e tudo o que couber nessa vida”, e o presente descortinava para mim, a possibilidade da compreensão de conceitos como *narrativa*, *bio:grafia* e sua influência em minha prática como filósofo clínico. Estavas, indiretamente, sendo o meu terapeuta.

Toda essa intensa nova vida acadêmica foi temperada no prazer de frequentar, também, as aulas pedagógico-gustativas da Alda, a descoberta e a possibilidade de movimentar mundos pelo prazer de vê-los rodar, para que um evento pudesse ocorrer. No caso específico, trazer o cineasta Carlos Pronzato, diretor de “Acabou a Paz! Isto aqui vai virar o Chile!” E ver que ainda levo jeito para a coisa – Vivenciávamos. À época, as ocupações escolares pelos alunos, reivindicando serem ouvidos pelo governo estadual, acredito que Paulo Freire gostaria de ter presenciado. Tudo isso, e mais, fez-me re-ver minha história de vida e perceber que foi (e é) boa.

Não sei se te lembras, quando enviei essa mensagem, te encontravas no Japão, para participar da Cerimônia da Paz, em honra aos antepassados mortos em decorrência das bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki; eu iniciara minha mensagem em maio e concluíra em julho, justificaste a demora em responder e me solicitaste que eu fizesse com as tuas mensagens do Japão, que postavas na rede social, a mesma coisa que eu havia feito com as mensagens para lembrar os 20 anos de publicação do “Ecologistas”. Produzir o “Ecologistas 20 anos depois” acarretou esse pedido inusitado: transformar tuas narrativas da terra do sol nascente em algo similar ao “Ecologistas – 20 anos depois – Narrativas”.

Passei a recolher cada narrativa colocada, e por não gostar de repetir uma ideia, fiquei a imaginar o que e como fazer/atender o

teu pedido. Como apresentá-la? Na anterior, por ser um “rascunho” do “Ecologistas”, imaginei um tipo de letra que retratasse um projeto, um esboço, algo que viria a ser. Para as narrativas nipônicas, a primeira coisa que me veio à mente era como os japoneses traduziriam o termo “narrativa” para o japonês, e obtive o seguinte ideograma 物語 (Monogatari). Para o título, uma fonte que lembrasse os traços dos pincéis de escrita japonesa, as imagens estariam em formato de fotografias afixadas em um mural, e para o texto interno escolhi uma fonte que lembrasse um manuscrito, especificamente a letra de John Lennon, casado com Yoko Ono, uma japonesa sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, admirada pelo Bene Fonteles e por ti. A bandeira japonesa estilizada é a lâmina de apresentação, desta forma organizei o roteiro de trabalho.

Após recolher teus relatos desse período no Japão, rico em imagens, poucos textos, mas carregados de emoção. Marcos, como não vivenciar teu encontro com “*GiLuminoso – A Po.Ética do ser*”, de Bene Fonteles, e todas as lembranças que esse livro te trouxe? A presença constante de Belchior, que havia partido para outras dimensões no início daquele ano, e que volta e meia vinha te falar “até mais ver meu camarada, contigo em mim, e ainda em ti, vou indo em dois. Qualquer distância entre nós tornada em nada. Só assinala um novo encontro pra depois.”

E o que acho o melhor relato de tuas postagens, que batizei de **Com os olhos de minha mãe...**

– Com os olhos de minha mãe, percorri as alamedas do Templo Rioanji até chegar ao jardim de rochas, cascalhos e musgos... Com os olhos de minha mãe, percorri encruzilhadas e bifurcações, ouvindo as cigarras, atento aos pássaros, às flores e ao som da água... Com os olhos de minha mãe, coloquei no embornal os doces japoneses, observei as veredas daqui, como observo as de acolá, as gentilezas nos gestos, nos objetos, nas mãos de afeto e no bambuzal...

Já havias chegado à Hiroshima para a Cerimônia da Paz, para lembrar as vítimas da bomba atômica, quando recebeste a notícia da

partida de Luiz Melodia, tuas postagens se seguiram lembrando e homenageando o negro gato. Tantas lembranças afloraram ali.

Há um outro trecho de tuas narrativas nipônicas que me chamou a atenção, agora enquanto te escrevo, como uma profecia, dizes:

Há uma estética da destruição, do caos, do aniquilamento, da submissão e da decadência (da espécie) que pode ser muito interessante e que tem muitos adeptos, mas eu estou interessado e me movo para entender a dimensão ética da destruição e aniquilamento da vida. Quais são os preceitos éticos? Se é que eles existem e são universais. Partindo do princípio que eles existem e são universais, pois foi nessa concepção que fui firmado e me constitui como sujeito (sim camaradas, os sujeitos existem e vagam pelas beiradas) a avalanche de questões é proporcional aos acontecimentos de devastação da vida que presenciamos cotidianamente.

Assim nasceram as 54 lâminas, com a ideia de que cada uma fechasse em si uma história, uma narrativa.

Imagem 3



Fonte: Acervo Próprio

Marcos, vários eventos foram ocorrendo durante meus estudos, batizei-os de “sementes do ‘Ecologistas’”. Afinal, em sua grande parte foram provocados por ti. Dos encontros com Milton Hatoum à tentativa de adiar o fim do mundo com Leandro Belinaso e Bené Fonteles; da viagem à São Paulo para ouvir Nita Freire na Ágora: “OcaTaperaterreiro”, na 32ª Bienal, às defesas de Eder Proença (“Pedagogia do Subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares”), Cristiane Vitória (“Adolescentes em Cumprimento de Liberdade Assistida no Cotidiano Escolar”) e Ariane Diniz (“Cartas ao Paulo Freire e sua rede: o cotidiano de extensão em uma universidade comunitária”). Essas foram algumas das pedras que acrescentei à montagem do meu mosaico.

Imagem 4



Fonte: Acervo Próprio

Quando ia fechar o envelope, para postar a carta, chegou uma correspondência do Marcio D’Olne Campos. Conversamos sobre Paulo Freire, um assunto que une a nós três. Ele “reclamou” que Paulo o está alugando muito em seu centenário. Outro assunto sobre o qual

conversamos muito, trocamos artigos, na verdade ele me mandou artigos e eu lhe enviei minha tese, foi sobre o conceito *Sulear*, e de como isso foi o último conceito a que incorporei à minha tese. Creio que já conheças o significado, mas vai que o acaso faça que essa carta caia em outras mãos... *Sulear* é uma proposta de provocar a reflexão crítica sobre o que é "importado", vivemos com saberes e fazeres estrangeiros, em nossa maioria herdados de nossos colonizadores, por isso o Norte apontar para a origens deles, e não a nossa.

Bem, depois de uma conversa animada sobre os anos 60/70, e o envolvimento do D'Olne com o cinema novo, as aventuras com Glauber Rocha e Regina Roseburg, e as poesias do poeta uruguaio Mário Benedetti. Nossa conversa transcorria animada, quando ele pediu que eu desse uma olhada no seu artigo "Leituras do mundo por veredas e temporalidades com Paulo Freire", ali estava a foto que reproduzo aqui. Ocorrida durante a Eco92, no Rio de Janeiro. A mesa organizada pelo Márcio D'Olne era sobre "Educação Ambiental, Leitura e Representações de Mundo", uma mesa, que nas palavras do Márcio durou cerca de cinco horas, com chegada e saída de participantes, entre quem por ali passaram estavam: Valdeck de Garanhuns, Patativa do Assaré, Paulo Freire, José Lutzenberger, Miguel Grinberg e Marcos Reigota.

Imagem 5



Fonte: Acervo de Marcos Reigota

Forte e saudoso abraço



7

Maria Aparecida dos Santos Crisóstomo

**OS QUE VÊM
DAS MARGENS
PODEM FALAR**

*"Uns são homens:
Alguns são professores:
Poucos são mestres.
Aos primeiros, escuta-se:
Aos segundos, respeita-se:
Aos últimos, segue-se.
Se hoje enxergo longe,
é porque fui colocado em ombros de gigantes!"*

(Autor desconhecido)

Quase vinte anos depois de ter conhecido Marcos Reigota, o encontrei em agosto de 2004. Ouvira falar sobre sua pedagogia ecologista no ano de 2002, por uma professora de Psicologia, a professora Marcia França, que infelizmente nos deixou tão cedo. Ela dizia assim: "Marcos Reigota, meu desejo de consumo", expressão utilizada para expressar sua admiração por Marcos. Após formada em Psicologia, fui conhecer a pós-graduação *latu sensu* do programa de Mestrado e Doutorado da Universidade de Sorocaba – UNISO. Ao pesquisar as disciplinas ministradas pelo professor Marcos, simplesmente me encantei. Me inscrevi no programa e cursei três disciplinas com este mestre. Nesse momento, não tinha a menor ideia do que pesquisaria, a única certeza é que teria que acontecer com a orientação de Marcos Reigota. A cada aula, em cada discussão de temas propostos por ele, mais me envolvia e compreendia as questões trazidas aos alunos. Havia sempre, por parte dele, uma forma de incitar os estudantes a pensarem "fora da caixinha", isto é, de desconstruir o instituído. Não hesitei em acompanhá-lo até que pudesse desenvolver o meu Mestrado sob sua orientação. Certo dia, durante uma palestra oferecida pela universidade, Marcos me chamou num canto do anfiteatro, do então Campus Seminário e me entregou um papel comum contendo várias anotações e me disse o seguinte: "se você quer mesmo que eu a oriente no mestrado, está aqui uma lista

de autores que você precisa ler e depois vir me procurar". Nesse momento fui assombrada por diversos sentimentos – alegria, pois meu desejo estava prestes a se realizar, medo de não dar conta – contudo, não titubeei e já fui logo lhe dizendo: "eu quero sim e tudo farei para corresponder a sua confiança". Ao que o mestre me respondeu: "Calma Maria Aparecida, primeiro vá conhecer o que pensam esses autores!" Contendo minha emoção disse-lhe: "está certo, obrigada!"

Deste momento em diante me aproximei de autores valiosíssimos apresentados por Marcos a seus alunos, com a proposta não explícita, à época, ao menos para mim, que era provocar, mais que isso, incitar o desenvolvimento de um pensamento pedagógico na perspectiva ecologista de educação, agora muito clara, a intenção deste educador – a construção de uma consciência social – de seus alunos-orientandos. Fui maravilhosamente surpreendida com todas as leituras indicadas por Marcos, especialmente por algumas a seguir: Gilberto Freyre e seu livro "Casa Grande & Senzala", (1933)¹, com "Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo Sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos Seus Meios de Vida", de Antonio Cândido (1977)², com o "Resumo de Ana" de Modesto Carone (1998)³, com Milton Hatoum e seus escritos em "Dois Irmãos" (2000⁴), entre outros tantos autores e pesquisadores da vida cotidiana e seus modos peculiares de retratá-las em palavras.

Minha alegria e contentamento em conhecer pelas mãos de Marcos, a pesquisa realizada por Gilberto Freyre sobre a relação

- 1 FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Ed. Maia & Schmidt, 1933.
- 2 CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo Sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos Seus Meios de Vida. Rio de Janeiro: José Olympio *Editora*, 1977.
- 3 CARONE, Modesto. Resumo de Ana. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.
- 4 HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

entre brancos, negros e indígenas e a importância de seus estudos para a compreensão da formação sociocultural do Brasil, pela maneira com que Freyre põe em evidência fatos da vida cotidiana dos primeiros habitantes de nossa sociedade brasileira, de forma poética, desvendando a intimidade da casa grande e da senzala, dos acontecimentos corriqueiros às dimensões mais profundas do homem com o sagrado e o profano. Contudo, foi a partir das reflexões durante as aulas com Reigota que pude questionar algumas considerações de Freyre sobre a casa grande e principalmente, quando se refere à senzala, uma vez que sua análise sobre os fenômenos das relações desenvolvidas entre culturas díspares, são originadas da perspectiva de um senhor de engenho e, sob esta ótica parece estar legitimando uma ideologia da classe dominante. Entretanto, Gilberto Freyre não camufla sua perspectiva de classe, abrindo precedentes para que a classe subalterna também possa fazê-lo.

E a cada semana, a cada encontro com Marcos em suas aulas fui me encontrando com mais e mais pensadores: da Educação, da Psicologia Social, da Ecologia, mas essencialmente com defensores de uma educação de qualidade para todos. Ali me encontrei como pessoa e como profissional. Foi quando juntos, eu e Marcos passamos a construir a ideia de que eu me dedicasse a pesquisar sobre a trajetória de mulheres negras como professoras no ensino superior. Isto porque, eu atuava e ainda atuo no cotidiano da educação universitária e, portanto, tinha a prática cotidiana e as vivências dessa realidade.

Marcos Reigota me indagou se gostaria de pesquisar sobre como se dava a experiência cotidiana para mulheres negras na docência universitária, enquanto mulheres, negras, observando e escrevendo a partir deste lugar. Confesso que senti medo de ferir

melindres, posto que este não me era um lugar comum. Marcos com sua delicadeza, sensibilidade e perspicácia percebeu meus sentimentos e receios e certo dia apresentou-me os escritos de Gayatri Chakravorty Spivak em “Pode o Subalterno Falar?” (2010, [1985])⁵. Lendo Spivak, pude compreender que minha escrita poderia se transformar em uma prática pedagógica capaz de intervir no mundo. Ao escrever deste lugar que ocupo, poderia promover uma ação política para explicar o meu universo, além de construir pontos de vista plurais e uma consciência social libertadora para a educação formal em todas as suas fases.

Orientada por Marcos, mergulhei nas obras escritas por Paulo Freire: “Educação como prática da liberdade” (1967)⁶, “Pedagogia do Oprimido” (1968)⁷, “Cartas à Guiné-Bissau” (1975)⁸, “Pedagogia da Esperança” (1992)⁹, “Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa” (1997)¹⁰. Nesta imersão compreendi a importância da educação como possibilidade de conhecimento de minha situação existencial de injustiça e consciente desta minha condição concreta de vida passei a ser sujeito de minha história. Ao atuar e pensar sobre esta realidade é que pude transformá-la. Foi a partir do pouco saber sobre mim e de meu lugar no mundo que busquei saber mais e fiz desta busca a razão de minha procura, de minhas indagações, que ao surgirem respostas levavam a novas perguntas.

- 5 SPIVAK, Gayatri. C. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, (2010 [1985]). Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.
- 6 FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1967.
- 7 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1968.
- 8 FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1975.
- 9 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1992.
- 10 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1997.

Neste percurso revisei as noções de Psicologia Social com Mary Jane Paris Spink & Col. (1999)¹¹ em “Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas” dialogando com a perspectiva de educação ambiental de Marcos Reigota em “Ecologistas” e “O que é Educação Ambiental” (1994)¹² e com “Ecologistas” (1999)¹³, que pude apreender a construir e desconstruir as ideias sobre o meio ambiente e sua relação com os nossos fazeres cotidianos, pensando a realidade como algo construído e modificador do meio em que estamos inseridos. Para este pensador, o meio ambiente é atravessado por múltiplos discursos políticos, sociais¹⁴, ecológicos e midiáticos, deste modo, a Educação Ambiental está imbricada às relações dinâmicas e em constante interação entre os aspectos sociais e naturais.

Alicerçada nesse pensamento pedagógico ético e político fui me aproximando de temáticas como o gênero e a raça na educação do ensino superior, o qual desabrochou na dissertação de “Mulher Negra: Trajetórias e Narrativas da Docência Universitária em Sorocaba – São Paulo”, defendida no ano de 2008¹⁵. Com a nítida sensação de que havia mais a pesquisar, demos prosseguimento com o doutorado, culminando na tese “Mulheres Negras no Cotidiano Universitário: Flores, Cores e Sentidos Plurais” (2014)¹⁶.

11 SPINK, Mary J. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1999.

12 REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

13 REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

14 REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

15 CRISOSTOMO, Maria. A. S. *Mulher Negra: trajetórias e narrativas da docência universitária em Sorocaba-São Paulo*, 2008. 163 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2008.

16 CRISOSTOMO, M. A. S. *Mulheres Negras no Cotidiano Universitário: Flores, Cores e Sentidos Plurais*, 2014, 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2014.

Marcos já sabia, contudo, não hesitou em me ensinar a olhar com outros olhos o que estava exposto no espaço acadêmico: a quase invisibilidade de mulheres negras no cotidiano universitário, a constatação do número inexpressivo de mulheres negras que conseguiam concluir sua graduação de terceiro grau e, que por serem tão poucas, não chamam a atenção para esta realidade concreta de injustiça e que perdura há tanto tempo.

Durante o convívio com Marcos, entre a frequência às disciplinas eletivas e no entretanto das pesquisas do mestrado e do doutorado de 2004 a 2014, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, assim como Reigota, pesquisadoras(es) importantes da Educação e da Psicologia: Ana Maria Araújo Freire, nossas queridas Nita Freire, Yrai Carone e Mary Jane Paris Spink, entre outros. Certo dia, Marcos disse: “Maria Aparecida você irá apresentar o seu trabalho de doutorado no XIII Congresso Internacional, na Brown University, Rhode Islan – Providence, EUA”! Quase infartei de tanta emoção. Pensei ser impossível. No entanto, fiz malabarismos e parti para uma das experiências mais ricas de minha vida. Lá conheci e dialoguei com pesquisadores de todo o mundo, principalmente os latinos, ou os que falavam o português, uma vez que, falo e compreendo apenas o essencial da língua inglesa.

Também fui agraciada em acompanhar a orientação de Marcos Reigota a pesquisadores assim como eu, que vinham das “margens”: professores de zonas rurais, pessoas vindas das cidades vizinhas de Sorocaba, que frequentaram escolas públicas, que são filhos de famílias com pouca ou quase nenhuma instrução formal, sobretudo, que acumulavam diversas dificuldades e que pela ordem acadêmica instituída, não deviam ou não podiam estar ali. Não deviam, não podiam?

Não é o que diz Marcos Reigota em seu texto: “A Contribuição Política e Pedagógica dos que Vêm das Margens”, (2010)¹⁷. O que esse professor/pesquisador argumenta com propriedade é sobre a importância da produção de conhecimento por nós que viemos das “margens”, como uma possibilidade de contribuição política e pedagógica destes/nós, para o conhecimento e escrita de si/nós, para a apropriação de nossa cidadania. Nesse processo de construção, reconstrução e desconstrução dos conhecimentos, intervir no cotidiano com novas práticas pedagógicas, que façam sentido aos nossos alunos, seja nas escolas ou na academia.

Vale ressaltar que só um mestre com essa visão de mundo, que respeita e enaltece as diferenças de seus alunos é que consegue captar e valorizar o que cada um traz como experiência singular de suas vivências. Pelas pessoas que tem orientado, seja no mestrado ou no doutorado, pelas temáticas que tem discutido, trazido a pauta fenômenos complexos e importantes para e na educação, podemos afirmar que assim é Marcos Reigota: ele reconhece em nós aquilo que ainda não reconhecemos em nós mesmos. Ele parece estar sempre a serviço das pessoas que não tem voz, não só dentro da academia, também na vida, quando propõe a discussão de temas que atravessam o cotidiano de pessoas que tiveram os seus direitos espoliados.

Marcos não hesita em dar voz a saberes assujeitados, à experiência cotidiana de seus alunos/orientandos, com a finalidade precípua de formar e transformar indivíduos em sujeitos de suas histórias. Como sujeitos éticos e políticos levam esse aprendizado a seus alunos e numa reação em cadeia criam e recriam espaços para a reinvenção dos que vêm das margens.

17

REIGOTA, Marcos. A Contribuição Política e Pedagógica dos que Vêm das Margens. Revista Teias, v. 11, n. 21, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em 08/07/2021

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo Sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos Seus Meios de Vida. Rio de Janeiro: José Olympio *Editora*, 1977.
- CARONE, Modesto. Resumo de Ana. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.
- CRISOSTOMO, Maria. A. S. Mulher Negra: trajetórias e narrativas da docência universitária em Sorocaba-São Paulo, 2008. 163 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2008.
- CRISOSTOMO, Maria. A. S. Mulheres Negras no Cotidiano Universitário: Flores, Cores e Sentidos Plurais, 2014, 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2014.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1968.
- FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1997.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Ed. Maia & Schmidt, 1933.
- HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.
- SPINK, Mary J. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1999.
- SPIVAK, Gayatri. C. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, (2010 [1985]). Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, Marcos. A Contribuição Política e Pedagógica dos que Vêm das Margens. *Revista Teias*, v. 11, n. 21, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em 08/07/2021.



A aventura de desnudar-se



Maurício Massari
Íris Adriane Santoro Cardoso
Kleber Trevisam

**DESENCONTOS,
ENCONTROS
E REENCONTROS:
INTERLOCUÇÕES ECOLOGISTAS**

DESENCONTROS...

Primeiro encontro com meu orientador. Acabara de ser aprovado no Mestrado em Educação e fui ansioso para conversar com o professor que o programa me indicou. O mesmo que na entrevista para ingresso me questionou: "O que você acha de política?"

No laboratório de informática do Campus Seminário da Universidade o conheci, me apresentei, conversamos rapidamente e saí com a sensação de incerteza se era o que realmente queria estudar naquele momento, já muito influenciado pela aula que havia assistido de outro docente.

Semanas depois comuniquei meu orientador indicado que o trocaria e que faria uma dissertação diferente do que havia proposto, agora muito influenciado pelo outro docente.

Trilhei a caminhada do mestrado com a orientação maravilhosa desse outro professor, com aulas magníficas, edificantes, reflexivas, que ampliavam a capacidade e o conhecimento do menino de vinte e poucos anos que era naquele momento.

No dia da banca de defesa de mestrado, encontro novamente o professor/orientador que havia "recusado" e, para minha surpresa, ele conhecia o membro de minha banca: "*fizemos a disciplina do Paulo Freire juntos na PUC*", disse ele. Mestrado finalizado!

Após o fim do mestrado me encontrei algumas vezes com o professor/orientador que havia "trocado" e ele sempre me incentivava a ir ao processo de doutorado! E assim eu fiz, quase oito anos depois.

Encontrei-me com o coordenador do programa e solicitei a ele cursar a disciplina "*Cotidiano escolar, Cultura e Meio ambiente*" do professor (ex-orientador) que me incentivava a ir ao doutoramento.

Quando chego no primeiro dia de aula ele se assusta: “o que você faz aqui?”. Doutorado, respondi.

Ali, nos reencontramos. Terminei o texto final da disciplina com a seguinte frase: “*Foram, sem dúvida, momentos de imensa surpresa e aprendizado*”.

O professor orientador indicado para meu mestrado agora seria meu orientador no doutorado e eu não o trocaria desta vez.

Esse mesmo professor me orientou com maestria, me questionava com frequência, me guiava em direção à tese em meio aos seminários apresentados, mas, mais do que simplesmente orientar um trabalho de doutorado, o fez com rigorosidade metódica, com respeito ao meu saber enquanto educando, com criticidade e reflexão crítica sobre a prática, com ética e estética, pelo exemplo, com aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação¹ e obviamente querendo bem seu orientando. Neste momento de orientação eu tive, pela primeira vez, o contato com o livro “Ecologistas”.

Esse professor foi Marcos Reigota. Do desencontro no mestrado ao encontro no doutorado, um caminho que marcou, criou raiz e influenciou meus pensamentos e decisões na área da educação, como veremos adiante.

OUTROS ENCONTROS

Ao terminar a pós-graduação no programa de mestrado na UNISO em 2007, sob orientação do Professor Reigota, fui me ocupar das obrigações profissionais da escola, já com um olhar, pensamento e ações ecologistas.

1 Títulos das sessões do capítulo 1 de Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire.

Estes olhares que foram sendo ampliados ao longo do mestrado, sendo fortalecidos pelos questionamentos de Jocimar Daolio, que busca caminhos na Educação Física pela etnografia. E quando leio em “Ecologistas” o percurso da etnografia para as narrativas ficcionais, percebo a importância das relações, a liberdade de escrever sobre algo de forma criativa, sem deixar de lado a etnografia, como escreve, nessa obra, Marcos Reigota (1999, p. 73). Além das observações poderem ser aleatórias de encontros que são possíveis e muitas vezes não marcados e que estão no cotidiano de todos.

“As diferenças e proximidades entre a narrativa e a ficção delimitam formas de expressão do ser humano, presentes nas conversas do cotidiano, em cartas, reportagens, textos religiosos, literários, biográficos, autobiográficos e científicos, nas danças, nas artes plásticas, música, cinema, arte e dança” (Reigota, 1999, p. 81).

Encontrei-me com as narrativas ficcionais e com os estudos do cotidiano e sigo por essa via a minha trajetória como professora e pesquisadora ecologista.

Recebi um convite para conversar com a diretora de uma faculdade de Educação Física de Sorocaba, que tinha sido minha professora na graduação e que foi orientanda do professor Reigota no Mestrado. Nesta conversa ela me convidou para substituir outro professor que também foi orientando do professor Reigota. Iniciei neste momento minha jornada no ensino superior e percebi que o pensamento ecologista, de alguma forma, já estava nesta faculdade por meio de seus interlocutores.

Assumi outras aulas em um curso de Pedagogia de uma faculdade da cidade e mais disciplinas na faculdade de Educação Física, além de manter minha carga horária no colégio, sempre influenciada pelos livros “Ecologistas” e a “Floresta e a escola” do professor Reigota, assim como obras das autoras Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2001; 2008).

O contato com o professor acontecia com breves encontros na rua – já que o hotel que se hospedava era na mesma rua da faculdade – e por e-mails, em que trocávamos conversas, me indicava livros, filmes e congressos. Acompanhava seus novos textos, artigos e publicações.

Na faculdade, mudanças estavam acontecendo: nova liderança na mantenedora, nova direção da faculdade, novas propostas, novas ideias e o novo diretor cursava doutorado com orientação do Professor Reigota, com pensamentos e ações ecologistas mais presentes. Veio, então, o convite para fazer parte do NDE (Núcleo Docente Estruturante) em 2015. A vontade de estudar só aumentava, mas ainda tinha empecilhos para organizar as situações cotidianas.

Em 2018 decidi voltar à universidade e enviei um e-mail para o professor Reigota. Escrevi sobre meu interesse em fazer doutorado e que eu gostaria de saber se ele estava lecionando alguma disciplina naquele semestre. Ele, sempre muito atencioso e carinhoso, me contou que teria turmas às segundas e terças-feiras e que eu poderia me inscrever na disciplina de “Cultura, meio ambiente e cotidiano escolar”. Fui até a universidade fazer minha inscrição, encontrei o professor Reigota no corredor, nos abraçamos forte e ele me disse que estava feliz de me ver ali. Eu concordei, pois senti a mesma sensação, e me convidou para conversarmos em sua sala. Me perguntou o que eu andava fazendo, e contei um pouco do que estava produzindo. Ele me contou algumas novidades sobre congressos, leituras e que, no momento, outro professor da faculdade era seu orientando, afirmei que já sabia e comentei que ele estava gostando muito, sendo mais um interlocutor do pensamento ecologista na faculdade.

Na semana seguinte voltei para a universidade para assistir às aulas, junto com os seus orientandos e outros alunos que, como eu, buscavam voltar para os estudos. No final do ano enviei todo o material para o processo seletivo, fiz a entrevista e fui aprovada. Mais uma vez o professor Reigota passa a ser meu orientador,

No entanto, devido à pandemia, os encontros com o Professor Reigota foram outros, mais virtuais e difíceis, pois a distância interferiu um pouco, mas a preciosidade de poder dialogar, vivenciar novamente com este provocador são sempre experiências preciosas.

Diferente, também, foi a defesa de meu doutorado (2022), teci, virtualmente, trazendo as práticas de uma educadora.

REENCONTROS

Quando encontramos com alguém pela primeira vez, é comum vir à mente a ideia de que a primeira impressão é a que fica. Por isso, cuidados com as palavras, gestos, posturas e posicionamentos são imprescindíveis nestas situações em que o ineditismo do encontro é cheio de incertezas.

Lembrar sobre o primeiro encontro com o Prof. Dr. Marcos Reigota, e o contexto no qual ele ocorreu, se converteu em um exercício no qual a perspectiva de se deixar uma boa impressão se mostrou como uma das principais preocupações.

Quando do início do curso de Educação Física (Licenciatura) na Universidade de Sorocaba, os professores que iriam ministrar os componentes, a cada semestre, recebiam as aulas a eles atribuídas durante as reuniões de atribuição que eram, à época, realizadas entre os colegiados de cada curso.

Entretanto, determinados componentes, por serem entendidos como comuns a outros cursos da universidade, eram atribuídos e os professores, na maioria das vezes, não possuíam muito conhecimento sobre o perfil do aluno ao qual iriam trabalhar durante o semestre.

Dessa forma, a fim de possibilitar mais subsídios aos professores que iriam atuar em Educação Física, com componentes “comuns” e não específicos à área, realizei uma pesquisa junto aos alunos questionando-os sobre as expectativas com o semestre vindouro.

Dentre os componentes que comporiam o semestre seguinte à pesquisa, estava Filosofia da Educação que fora atribuída ao Prof. Reigota e, baseando-se nos dados obtidos a partir dos relatos dos alunos, a maioria não via relação ou encontravam um motivo para se estudar Filosofia no curso.

Com isso, enviei um e-mail com o intuito de agendar um encontro para conhecê-lo e fazê-lo conhecer um pouco do perfil e expectativas dos futuros alunos, que foi prontamente respondido com data e horário para o encontro e um pedido, a ementa do componente curricular.

Na data e horários combinados, lá estava eu um tanto quanto inseguro, falando sobre a pesquisa e aquilo que fora respondido pelos alunos.

Ele, calmamente e com um sorriso no rosto me respondeu:

“Li a ementa e peço autorização para alterá-la pois pretendo trabalhar com os alunos Paulo Freire, tudo bem?”

Nesse momento, senti que o semestre prometia e que iria ser inovador, pois, se para ele quando da primeira vez que apresentou “Ecologistas” na Anpepp² entendeu-a como sendo uma “prova de fogo” ao apresentar suas ideias, para mim também seria uma prova, ao consentir com a alteração da ementa que fora aprovada em colegiado, sem o consentimento do mesmo, e ansioso para o resultado junto aos alunos.

Aos poucos e, com o desenvolver do semestre, conforme os alunos iam se embrenhando pelas ideias e ideais de Paulo Freire em

“Pedagogia da Autonomia”, percebia que Filosofia da Educação se configurou como o componente que obteve o menor índice de faltas e maiores índices de aprovação, por parte dos alunos em pesquisa realizada no final do semestre.

Passado este primeiro encontro com Marcos Reigota, o componente Filosofia da Educação continuou a ser oferecido, mas, com a minha saída da Universidade, não soube se houve modificação na atribuição do referido componente.

O reencontro surge em um contexto diferente do primeiro momento, neste sentido, realmente, as direções se mostraram contrárias por pouco tempo pois, enquanto professor no Ensino Superior e, incentivado por amigos próximos, retorno à universidade, para novamente conversar com o Prof. Marcos Reigota, agora como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação, objetivando obter o título de doutor em Educação.

Neste momento, com o desenrolar da conversa, pude constatar o porquê da aula de Filosofia da Educação ter alcançado os níveis de satisfação que até então não havia conseguido.

Com os encontros realizados durante as aulas em “Seminários em Cotidiano Escolar”, “Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar” e “Perspectiva Ecologista da Educação”, muito daquilo que pretendia pesquisar foi aos poucos se modificando, até chegar à ideia final que resultou no estudo das narrativas ficcionais dos alunos de uma faculdade de Educação Física de Sorocaba, e que contribuíram para a compreensão do cotidiano e na formação profissional e reflexão sobre o processo formativo do discente, no qual a observação do seu cotidiano dentro do ambiente escolar, o olhar e o ouvir do pesquisador se fazem sempre presentes, seja nas lembranças enquanto discente ou enquanto professor.

As discussões presentes a cada semestre e os debates que se fizeram presentes em cada aula, despertaram sentimentos de

curiosidade, euforia e vislumbre de como as ideias por ele apresentadas influenciariam e modificariam a maneira de compreender a educação, o processo formativo e tudo aquilo que envolve o desenvolvimento do aluno e que, culminaram com a presença das práticas ecologistas em diferentes aspectos.

As ideias advindas a partir do pensamento ecologista modificaram a forma de se desenvolver as aulas, compreender a educação e o aluno e que se fez presente na reformulação do Projeto Político Pedagógico (PPC) do curso de Educação Física de uma faculdade, na criação de projetos e programas que representam as diferentes formas em que aconteceram e, se fazem presentes, as interlocuções ecologistas.

INTERLOCUÇÕES ECOLOGISTAS

Em 2015 iniciamos na instituição em que trabalhamos a produção de um novo projeto pedagógico para o curso (PPC) de licenciatura em Educação Física, necessária para adequação às novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Naquele momento, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) foi montado e regulamentado com a presença de 5 docentes da instituição, entre eles, além dos três autores deste texto, uma professora Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC São Paulo) e um mestre em Educação (USP), ou seja, um grupo com forte influência da área da educação.

O NDE fez diversas reuniões para decidir qual ser humano e profissional pretendíamos graduar, quais objetivos queríamos atingir e, obviamente, num trabalho posterior, quais componentes curriculares precisaríamos para atingir essa formação com esses valores e objetivos.

A construção, especificamente de três tópicos deste PPC, apresenta ideias mencionadas nos objetivos e valores que se aproximam com as ideias do livro “Ecologistas” e do professor Marcos Reigota e seus interlocutores, são eles: “Educação Ambiental”, “Educação em Direitos Humanos” e “Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Hanna Arendt (2013), Max Horkheimer (2020), Rodrigo Barchi (2011) e Reigota; Massari (2013) além de Paulo Freire (1996; 2000), formam a base teórica do tópico de “Educação Ambiental” que se relaciona a componentes curriculares biológicos (Anatomia, Biologia e Fisiologia Humana), mas tem seu forte ponto de discussão em componentes curriculares como “Educação Física e questões étnico-raciais”, “Inclusão e Educação Física”, “Educação Física e Direitos Humanos”, “Educação Física, qualidade de vida e meio ambiente”, “Ética em Educação Física”, “Filosofia e sociologia e Educação Física” e “Política pública”.

Já em “Educação e Direitos Humanos”, a rede teórica transita, por exemplo, por Stuart Hall (1997; 2008) e outros nomes que possuem a incumbência de remar na medida do possível contra as regulações estritamente mercadológicas, ou quaisquer outros mecanismos que incompatibilizem princípios de equidade, apoiando ações pedagógicas fundamentais para a formação de professores conscientes das necessidades educacionais do futuro. Entendemos que dessa maneira o vínculo com o estudante atravessa os mais diferentes momentos, se assim ele quiser. Vai além do registro de sua matrícula para emissão do boleto. Isso pode ser exemplificado em investimentos não obrigatórios do ponto de vista legal ou não lucrativos mercadologicamente, como a promoção de cursos de extensão gratuitos ou de baixo custo, existência de grupos de estudo abertos gratuitamente para alunos e professores da região, projetos de iniciação científica, bolsas institucionais, entre outros.

Além de tais ações, e ainda mais importante, o currículo da instituição busca promover nos seus componentes curriculares e projetos transversais apresentar para os alunos em formação as principais discussões contemporâneas sobre as lutas pelos direitos humanos. Temas como inclusão, relações étnico-raciais e multiculturalismo transcendem diversas disciplinas e momentos pedagógicos. O resultado são alunos identificados com as lutas sociais, sensíveis às questões contemporâneas e aptos a buscar a equidade através das suas aulas. O tema dos direitos humanos é trabalhado, além de um componente curricular específico, de forma trans e interdisciplinarmente por meio de alguns componentes: "Jogos e brincadeiras", "Inclusão em Educação Física", "Educação Física e direitos humanos", entre outras (técnicas e das ciências humanas).

No que diz respeito ao componente "Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", o objetivo é assumir a questão étnico-racial não como mais uma tarefa, e, sim, como um momento de reflexão sobre essa questão em sua totalidade e, também, com a preocupação de montar um programa que torne possível a formação de professores que atuem conscientemente para a educação das relações étnico-raciais, utilizando de diferentes temáticas da cultura afro-brasileira, assim como avaliações e divulgações desses trabalhos, visando com isso, superar preconceitos raciais que estimulem a viver práticas sociais sem discriminação, utilizando-se de autores como Nilda Alves; Inês Barbosa de Oliveira (2008; 1992), Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga (2016). De qualquer forma, além de uma disciplina específica que trata do assunto, outras que transdisciplinarmente a complementar, tais como: "Educação Física e Questões Étnico-Raciais", "Inclusão em Educação Física", "Qualidade de vida, saúde e Educação Física", "Ritmo, expressão e dança", além dos componentes relacionados diretamente a atuação profissional "Educação Física no ensino infantil, fundamental e médio".

Não cabe aqui, neste texto, destacar o que cada um desses componentes curriculares trabalha em si, porém, que houve no momento da construção desses textos, por parte do NDE, uma interlocução com autores e pensamentos originários de aprendizados, reflexões e discussões acerca das aulas de Marcos Reigota e do livro "Ecologistas".

"os labirintos e espelhos como metáforas para a compreensão da complexidade o período contemporâneo, na qual as/os ecologistas estão sendo inseridos, são utilizados como parâmetros nas narrativas ficcionais da práxis ecologista, quando procuro enfatizar as tentativas das pessoas de verem e de se situarem no mundo, e tendo o seu inverso refletido (espelhos) na busca de caminhos, alternativas e saídas, dos labirintos pessoais e sociais em que se encontram" (Reigota, 1999, p. 100).

Além dos componentes acima descritos, o que era muito importante ao NDE e ao curso eram as representações que faríamos com essas produções, ou seja, como os aprendizados e sentimentos dos estudantes se dariam na prática e como poderíamos demonstrar isso publicamente.

Decidiu-se, então, por alguns projetos em que os estudantes, mediante conceitos e reflexões realizados em aula, pudessem vivenciar e expor isso de várias formas e criou-se então: "Corpo e cultura", "Projeto VIVEI³"; "Projeto de Fotos "Imagens", "Programa de Iniciação à docência – PID" e o "Projeto de étnicos "Slans⁴".

3 Vivei – o projeto VIVEI é para que o aluno/aluna do curso de Educação Física possa experimentar o contato com as crianças no cotidiano escolar e, juntos, experimentarem propostas pedagógicas construídas, criadas, transformadas em aula.

4 *Slam* - Essa palavra surgiu em Chicago, em 1984, e hoje a *poetry slam*, como é chamada, é uma competição de poesia falada que traz questões da atualidade para debate, é uma expressão inglesa cujo significado se assemelha ao som de uma "batida" de porta ou janela, "algo próximo do nosso 'pá' em língua portuguesa", explica Cynthia Agra de Brito Neves, em artigo recém-publicado na revista Linha D'Água. Nas apresentações de *slam* o poeta é performático e só conta com o recurso de sua voz e de seu corpo. É voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos (NEVES, 2017).

O projeto “Corpo e cultura” é um evento interno que ocorre duas vezes ao ano, aos finais dos semestres, em que os estudantes apresentam as produções finais de vários componentes curriculares, tais como: “Ginástica Geral”, “Ginásticas”, “Libras”, “Ritmo, expressão e dança”, “Educação Física e questões étnico-raciais”, “Inclusão e Educação Física” e “Lutas”.

Como exemplo, podemos citar que o referido evento tem por objetivo levar à comunidade de Sorocaba e região a criação e produção dos alunos, alunas e egressos, apresentando as manifestações corporais refletidas, vivenciadas e experimentadas nos cotidianos da faculdade, evidenciando a cultura brasileira seja literária, musical e imagética. Uma semana intensa de atividades. Em 2019, as áreas de Ginástica para todos, manifestações corporais em dança e ginástica artística criaram um formato baseado em temas, num mesmo dia e horário para todas as turmas. O primeiro tema trabalhado foi o livro infantil utilizando: “Lampião e Lancelote” de Fernando Vilela (2007), é um livro que une as histórias de dois guerreiros que se encontram de alguma forma no sertão do Brasil.

Foi muito positivo perceber, nos alunos, a princípio com estranhamento a leitura de um livro infantil – eles, que são adultos, tendo que, por meio das disciplinas citadas, interpretar o enredo com empenho e dedicação. Num outro ano seguimos com o centenário de Vinicius de Moraes e o livro infantil “João por um fio” de Roger Mello (2005).

Apresentamos, a seguir, algumas imagens do evento realizado em 2019:

Imagem 1 - Evento Corpo e cultura - 2019



Fonte: Acervo Próprio

Imagem 2 - Evento Corpo e cultura - 2019



Fonte: Acervo Próprio

Imagem 3 - Evento Corpo e cultura – 2019



Fonte: Acervo Próprio

Neste sentido, fica evidente no evento que consideramos a cultura como “diferentes formas de expressão de ideias, experiências e sentimentos” (Reigota, 1999), não categorizados como “cultura central ou periférica”.

O trabalho da criação de “Slams” busca de alguma forma refletir “a pálida alegoria do real” (Reigota, 1999, p. 100) que, para alguns alunos, é ficção e para outros é a realidade que vivem diariamente. É uma atividade em grupo na construção de um poema ritmado que impacte e conte a realidade da cultura negra e dos povos originários.

Com esse trabalho de “Slam”, a reflexão despertada e a criação solicitada tinham como objetivo

“desconstruir preconceitos e estigmas, representações falsas e consolidadas, reverter posições e sistemas que permitem, não apenas a circulação da produção cultural

originada em países que se situam fora ou à margem do sistema de difusão e validação, mas sim a possibilidade de se reivindicar, exigir, e estabelecer diálogo político, multicultural e global, na busca de alternativas aos complexos problemas contemporâneos, com base num conhecimento mínimo possível das diferenças entre todas as partes envolvidas” (Reigota, 1999, p. 45).

Alguns alunos e alunas se identificam imediatamente, já conhecem e já participam de batalhas (que são encontros de poetas que apresentam seus trabalhos e são julgados por um júri popular), enquanto outros não imaginam o que sugerimos como proposta. Os resultados foram/são interessantes e valiosos.

Ainda em “Ecologistas” (1999), Marcos Reigota nos traz que:

Os tropicalistas buscam no folclore, na cultura popular e na cultura de massas, presentes na vida cotidiana das grandes cidades, elementos para a construção não só de uma estética contemporânea e de vanguarda, mas também de discursos estético-políticos que caracterizarão novas identidades locais, formadas a partir da “deglutição” de várias influências de ideias e ritmos, originados e encontrados em diferentes partes do planeta (Reigota, 1999, p. 26).

Muitos alunos e alunas em seus depoimentos descrevem a importância que foi conhecer essa forma de expressão e as informações, músicas, vídeos e livros que foram sugeridos ao longo do semestre e que podemos ler em seus slams:

*“São nações escravizadas
E culturas assinadas e massacradas
é a voz que ecoa no terreiro e no tambor
Você pode lutar por ele e por nós
Não basta ser não ser racista
É preciso ser antirracista” (2020)*

*“Eu também me revolto,
Porque alguém a se julgou melhor do que outros
Só por ter a cor da pele diferente,
Uma cultura diferente,
Se achando superior ao outro
E se achando no direito de tirar tudo que ele tinha.” (2020)*

Por fim, sobre o “Projeto Vivei”, traremos com a perspectiva de 3 óticas: alunos/alunas da faculdade, comunidade escolar e as crianças.

A Educação Infantil é uma fase da vida escolar que envolve crianças de 0 a 5 anos e 12 meses. É um tempo de descobertas tanto para as crianças, quanto para os professores, pois as crianças estão em um momento de exploração do espaço e das coisas, enquanto descobrem as possibilidades de seu corpo. O profissional de Educação Física quando está presente no espaço escolar, com os conhecimentos adquiridos no curso de formação, neste caso no viés das Ciências Humanas, fará muita diferença nessa fase da vida das crianças. Por isso, o profissional da Educação Física tem que entender o papel que ele ocupa neste local de troca de conhecimentos para agregar valores a todos os envolvidos e não somente ocupar uma carga horária. Tendo a consciência da responsabilidade que exerce no espaço escolar com essa faixa etária, montar o projeto VIVEI para que o aluno/aluna da faculdade possa experimentar o contato de estar com as crianças e juntos experimentarem propostas pedagógicas criadas, transformadas, construídas pelos alunos e alunas do quinto período na aula de Educação Física infantil.

Foram trinta e seis aulas e dois encontros coletivos, em um Centro de Educação Infantil (CEI) de Sorocaba, em que os alunos e alunas em grupos criaram suas aulas em um tema gerador para todos onde puderam vivenciar momentos interessantes e

produtivos com as crianças. Passado esse momento, foi quase unânime o comentário de que o projeto foi desafiador e surpreendente na questão criança e o trabalho com elas, assim como a importância e responsabilidade que se deve ter com e na escola. Alguns comentaram sobre o quanto as crianças são autênticas e verdadeiras, o quanto estar ali era muito mais produtivo para eles que estudavam as crianças do que para elas que estavam estudando aqueles adultos. Alguns comentaram o medo de trabalhar com as crianças deficientes que estudam na CEI e que, na verdade, foi importante desmistificar o que eles pensavam sobre crianças com deficiência na prática.

Reclamaram da montagem das aulas que não entendiam e foi difícil desconstruir planos soltos e que buscam a técnica e não um sentido maior de vida, de solidariedade e de diversidade. Como nos traz Reigota (1999), pudemos descobrir e aprofundar com as aulas e com as vivências o máximo possível dos conhecimentos e informações sobre a cultura, a política, a ecologia, entre outras, na infância.

Alguns gostaram da experiência, mas ela serviu, também, para terem a certeza de que não querem trabalhar com crianças dessa faixa etária e nem na escola.

A comunidade escolar é formada por duas merendeiras, duas auxiliares de limpeza, uma coordenadora, seis professoras, uma zeladora e um diretor, que sempre nos receberam muito bem, desde a primeira conversa sobre a intenção do projeto até a entrevista com as professoras sobre o espaço da escola, horário, as necessidades e o que elas pensavam sobre Educação Física.

As merendeiras relataram que, para as crianças, foram bem interessantes as aulas e que estava sendo bom para elas e importante para o desenvolvimento delas.

Já as professoras elogiaram os encontros das crianças com os alunos da faculdade, e nos disseram que as crianças estavam envolvidas e interessadas e que sempre nos esperavam ansiosos. O projeto “somou e contribuiu na rotina e desenvolvimento das crianças”, nos confidenciou uma delas.

Comentavam que as crianças contavam em casa o que fazíamos em aula e os pais queriam saber quem eram essas pessoas que estavam fazendo esse projeto. Duas professoras registravam os encontros com fotos e na reunião de pais fizeram painéis para apresentar as atividades vivenciadas. As professoras comentavam das mudanças nos alunos nas situações de corpo estudadas e de como elas os observavam nas relações pessoais, em que elas não tinham participação efetiva e se surpreendiam, perceberam as diferenças e que as crianças estavam mais soltas. Às vezes ficavam espantadas com as respostas corporais que alguns alunos apresentavam nas atividades que eram bem diferentes em sala de aula.

Sobre as crianças, decidimos iniciar com algumas frases:

“Oi, hoje é dia de fazer aquelas coisas diferentes?”

“Obaaaa!!!, vocês chegaram.”

“Eu gosto de fazer essas coisas todas, é diferente, engraçado eu gosto.”

“Não quero fazer hoje, tô cansado.”

Foi muito interessante a expectativa que as crianças tinham com a nossa chegada. Víamo-nos somente às quartas-feiras, mas já tínhamos um vínculo, nos entendíamos, criamos pequenos rituais de encontros e de despedidas. Algumas crianças deixaram suas marcas porque são muito participativas, outras o oposto, outras ainda pelos comentários, outras pela participação do corpo e sem falas ou legendas.

Eram muito amorosas e, ao mesmo tempo, desafiadoras. Isso é o mais interessante ao se trabalhar com a primeira fase, já que elas, com seus conhecimentos, sabem comentar de maneira simples e direta o que às vezes demoramos um tempo enorme para explicar. Assim como os comentários sobre o que estão fazendo:

“Só isso?”

“Que fácil!”

“Está chato isso, hein?”

Precisamos saber lidar com nossa inabilidade na aplicação e organização de aulas na Educação Infantil e isso não é nada fácil, já que a escola é um espaço de novidades diárias que é repleta de subjetividades e de inúmeras experiências sem termos que fazer nada. Estar ali já é uma vivência repleta de significados, e como fazer todos os envolvidos entenderem a importância que cada um tem nesse percurso?

O trabalho denominado “Imagens” procura levar, aos alunos e alunas, formas diferentes de trabalhar a subjetividade e as relações sociais, questões importantes para o pensamento ecologista (Reigota, 1999). A partir da explicação e tentativa de questioná-los sobre imagens, como eles veem e interpretam as mais diferentes situações, eles são estimulados a criar diferentes representações imagéticas sobre temas variados e que estão relacionados ao pensamento ecologista. Esse estudo está registrado na tese de doutorado em educação, preparada pela professora Íris que está em conexão com o pensamento ecologista nos cotidianos escolares. Algumas imagens:

Imagem 4 - Gentileza



Fonte: Acervo próprio

“(...) Gentileza (...) poder colocar quem está excluído de uma sociedade que deixa à margem quem não segue padrões preestabelecidos (...) capaz de criar relações e ambientes saudáveis”

Imagem 5 - “Gentileza gera gentileza e você, gera o quê?”



Fonte: Acervo Próprio

“Céu aberto, edifícios e árvores (...) são o meio em que vivemos, desde a nossa comunidade ao vasto universo, que recebe o que mandamos, principalmente as nossas ações de gentileza aos outros e nos manda de volta”

Imagem 6 - A gentileza de uma sociedade Egocêntrica



Fonte: Acervo Próprio

“(...) É uma semente que se planta em qualquer solo, e do nada nasce um pé de gratidão, irrigado pelas águas da igualdade ... (...)”

PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PID)

Possibilitar ao discente em Educação Física a aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula de modo a permitir que ele atue como protagonista do processo ao realizar a prática de conceitos e técnicas vistos em teoria, este é um dos objetivos do Programa de Iniciação à Docência (PID) que se iniciou no primeiro semestre de 2017.

No projeto, os discentes têm, a cada semestre, a possibilidade de desenvolver, com o auxílio dos professores das respectivas modalidades esportivas, aulas com crianças integrantes de um projeto social com idades entre 07 e 16 anos, divididas em três grupos por faixa etária, contemplando as modalidades futsal, atletismo, handebol, basquetebol, voleibol e natação.

A divisão por faixas etárias permite com que o discente vivencie as diferenças existentes em ensinar crianças com níveis diferenciados de desenvolvimento e aprendizagem sendo que, no grupo com idade entre 07 e 09 anos, os alunos desenvolvem atividades relacionadas às práticas de futsal e atletismo, enquanto, o grupo de 10 a 12 anos pratica o handebol e o basquetebol e, o grupo de 13 a 16 anos, o voleibol sendo que as atividades de natação são abertas a todos os participantes.

Deste modo, logo no primeiro mês de aula, os discentes têm contato com o conteúdo teórico/prático no qual são passadas as prerrogativas essenciais para se ensinar as diferentes modalidades. A partir disso, são divididos de maneira aleatória em grupos, recebendo o cronograma do projeto (datas e horários) e a temática que deve direcionar o desenvolvimento das práticas em aula.

O processo de elaboração das aulas tem por objetivo fazer com que os alunos procurem utilizar das suas experiências associadas àqueles observadas nas aulas para, a partir disso, pensar em atividades nas quais os aspectos técnicos sejam deixados em segundo plano a fim de possibilitar que as crianças participantes não só realizem a prática, mas, também, aprendam a partir das vivências possibilitadas.

Para o aluno da faculdade, além da organização das etapas a serem desenvolvidas previamente às aulas no projeto e que são de fundamental importância para que consiga perceber a importância

do planejamento tanto que, no cronograma são apresentadas as datas dos encontros de planejamento e realização da aula “teste” com os colegas de sala, fica a impressão de pode ser e fazer diferença na vida de crianças em situação de vulnerabilidade social, refletidas em suas narrativas:

“Nunca havia tido uma experiência semelhante, achei incrível!”

“Foi uma experiência totalmente nova, pois, nunca tinha conduzido uma aula, entretanto foi gratificante ao final da aula.”

“Essa experiência foi muito importante para se ter uma noção de como é ser professor, ser um exemplo para os alunos, algo que era longe de minhas perspectivas como leigo no assunto [...]”

“Foi muito legal, algo novo uma sensação de que é isso que eu quero mesmo.”

“[...] quando entrei na quadra e vi o sorriso daquelas crianças eu me encontrei, é isso que eu quero pra minha vida.”

“Foi inovador, me fez experimentar algo que sei que irá me fazer pensar de uma maneira mais aberta para o que eu realmente quero para mim [...] e ter o gosto de poder variar outras áreas na Educação Física.”

“Foi uma experiencia muito boa porque me ajudou a saber ainda mais o quanto é isso mesmo que eu queria.”

As narrativas dos alunos representam os sentimentos advindos das experiências permitidas pelo programa que, por sua vez, contribuem para a afirmação do aluno e de suas escolhas para a vida profissional.

Com isso e, a partir dos estudos apresentados, como podemos observar, os projetos e ações possuem forte influência

do pensamento de Marcos Reigota e seus livros, artigos e forma de ver a educação política brasileira. Poder perceber a importância da formação do currículo, formação docente e dos cotidianos vividos, que como nos auxilia Nilda Alves (1992) não acontece de forma linear.

INTERLOCUÇÕES ECOLOGISTAS: REFLEXOS

Neste momento, a partir de um currículo idealizado por um NDE com interlocuções ecologistas, faz-se necessário trazer a percepção dos alunos a partir de narrativas nas quais os “sentimentos, experiências e ideias” se fazem presentes na constituição dos seres humanos e professores que se tornarão.

Para isso, traremos dois dos momentos em que os estudantes foram ouvidos com relação ao sentimento de cursar essa faculdade.

O primeiro deles faz referência ao artigo de Oliveira, Massari e Corvino (2017) em que teve como objetivo descrever e interpretar o fenômeno “o ser aluno do curso de Educação Física”, tendo como metodologia de pesquisa a abordagem hermenêutico-fenomenológica, que possibilita a compreensão dessa vivência sem a intenção de se chegar à compreensão total e única da experiência. Para isso foi questionado aos estudantes: “Para você, o que é ser aluno do curso de Educação Física?”. Alguns recortes nos mostram os reflexos das ideias dos projetos descritos acima:

“É ser um transformador de vida, ideias e de cultura”

“Ser aluno do curso de Educação Física é bem mais do que simplesmente dar uma aula, é construir um ser

humano crítico, que possa possibilitar aos seus futuros alunos um leque de ideias, conhecimento. Ser aluno de Educação Física não é ser atleta, nem mesmo fisiculturista, não é ser magro e bonito. É ser humano”

“É maravilhoso, porque é uma área onde trabalhamos o desenvolvimento total do ser humano”

“É ser alguém que quer fazer a diferença, pois, nos dias de hoje, existe muito preconceito contra a área e um perfil criado por maus profissionais, e isso afasta as pessoas da área, porém tudo que se faz com amor e dedicação lhe dá frutos e ser aluno do curso de Educação Física é ser dedicado e ter amor pelo que faz, e sempre ter o objetivo de mudar o mundo ou parte dele, se não, apenas ser mais um lá fora”

O segundo momento de narrativas se passa no primeiro semestre de 2021 em que estudantes do primeiro semestre foram incitados a responder uma questão muito parecida: “qual sentimento a faculdade desperta em você?”. Com base nas respostas, retiramos as seguintes frases:

“a faculdade consegue despertar esse sentimento tão belo e difícil de ser sentido na atual realidade”

“A partir do primeiro dia de aula nossas vidas se transformaram, cada experiência, aprendizado e problemas que tivermos dentro da faculdade vai mudar algo em nós e, com certeza, virar conhecimento. Então, que outra palavra melhor para definir tudo isso, senão felicidade?”

“tornamos pessoas muito mais sensíveis em alguns aspectos da nossa vida, assuntos como: preconceito, racismo, cultura, etnia, coletividade coisas que muitas vezes nos passam despercebido, hoje temos uma outra perspectiva é como se estivesse saindo da “caixinha” esse conhecimento que estamos adquirindo (...) para todos nós tem sido muito valioso”

Tal qual o tecer de uma colcha de retalhos, as ideias surgidas a partir de desencontros, encontros, reencontros foram se aproximando e formando uma imagem de como pode ser compreendido o pensamento ecologista e que possuem um ponto em comum como seu fator inspirador.

INTERLOCUÇÕES ECOLOGISTAS: INSPIRAÇÃO

Foram dois anos de convites recusados devido a uma agenda de eventos, orientações e trabalhos apertada, mas em 2019 a faculdade conseguiu com que esse convite fosse atendido para a participação, com uma fala/bate-papo/palestra sobre o tema “Educação Ambiental, Educação e Educação Física” no evento científico anual oferecido pela instituição.

Um tema das ciências humanas no evento específico de um curso de Educação Física já é um indício de que a faculdade abre discussões de forma distintas às valorizadas ciências biológicas. No entanto, não poderíamos deixar de convidar e trazer para o debate o autor, professor e amigo Marcos Reigota.

A sala estava cheia e permaneceu assim até o final, pois havia, por parte dos estudantes, a curiosidade em conhecer uma inspiração de nosso cotidiano no ensino superior, um autor comentado em sala, um interlocutor presente.

Reigota chega com o livro “Pedagogia da Solidariedade” (2016) em mãos, passeia pela história e trajetória pessoal e da educação ambiental no Brasil e diz que “odeia” Educação Física, que nunca praticou. Porém, a Educação Física veio até ele pelos

inúmeros orientandos dessa área que chegavam ao programa de mestrado e doutorado, os quais cita um por um com muito respeito e admiração.

Imagem 7 – Prof. Marcos Reigota na Mostra Anual de Produção Acadêmica



Fonte: Acervo Próprio

Essa visita/bate-papo/palestra reforçou e representou a interlocução das ideias ecologistas com um curso de Educação Física e seus atores e autores. As “ideias, sentimentos e experiências” disparadas nos alunos do mestrado e doutorado chegam às discussões de um NDE e impactam estudantes de um curso de Educação Física, interlocuções provocadas pelo cotidiano!

REFERÊNCIAS

- ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) **Pesquisanos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3 ed. Petrópolis: DP et Alli, 2008.
- ALVES, Nilda. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alij, 2008.
- ALVES, Nilda; GARCIA, R. L. A construção do conhecimento e o currículo dos cursos de formação de professores na vivência de um processo. *In*: ALVES, N. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ARENDRT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um retrato sobre a banalidade do mal**. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 2013.
- BARCHI, Rodrigo. Educação e meio ambiente entre a biopolítica e a biopotência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 1, p. 167-179, Jun. 2011.
- CARDOSO, Íris Adriane Santoro. **As costuras adentram o cotidiano escolar: as práticas pedagógicas na perspectiva ecologista em educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araujo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da solidariedade**. 2° Ed. São Paulo: paz e terra, 2016.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, S. **Quem precisa de identidade? In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Centauro, 2002.

KABENGELE, MUNANGA, GOMES, NILMA LINO. **O negro no Brasil de hoje**. 2ª ed.-São Paulo: Global, 2016

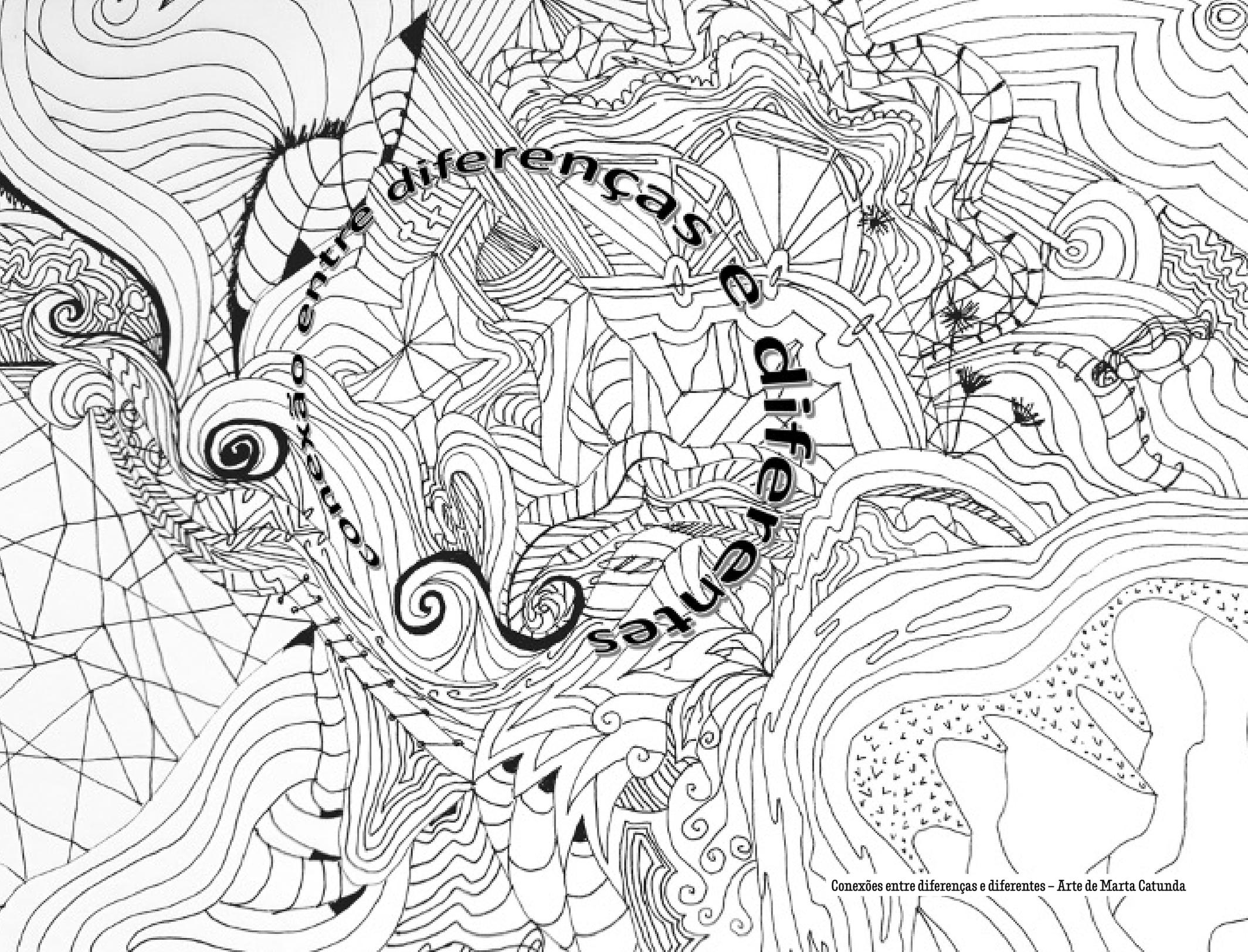
MASSARI, M.; REIGOTA, M. A. dos S.. O solitário anônimo adentra o cotidiano escolar. **Revista Saúde e Transformação Social** - Pesquisa, Teoria e Metodologia - Dossiê, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 29-36, 2013.

MELLO, Roger. **João por um fio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 1999.

VILELA, F. **Lampião & Lancelote**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



Conexões entre diferenças e diferentes

9

Rodrigo Barchi

**ECOLOGIAS EXTREMAS,
COTIDIANOS BRUTAIS,
DEMOCRACIAS RADICAIS:
OU DE TRÊS RETORNOS DA MORTE**

*Drop the high and mighty facade
Do the dect thing
Consider mouthing one word of truth
Blow open the grand scheme
Yes man? Always. Yes man?
Always. Yes man? Always.*

*(“The Great and The Good”, Composição
de Napalm Death, gravada em 2005,
na parceria com Jello Biafra, ex-vocalista
da banda punk Dead Kennedys)*

<https://www.youtube.com/watch?v=D70s68YxVCs>

SOBRE O QUE ESTÁ MORTO

Novembro de 2000 em Macapá. Havia me encontrado com o Marcos no bar do Trapiche Eliezer Levy, na Orla do Amazonas, em frente à região central da cidade. Era final de tarde, com céu limpo, e com muita movimentação de famílias e pessoas praticando esporte, aproveitando o vento “fresco” que batia com certa intensidade. Para alegria de todos perante o calor equatorial, visto que eram dias sem chuva. Ele me perguntava como estava sendo a estadia e o estágio – eu, na época, com 23 anos e estudante de segundo ano de Geografia na Universidade de Sorocaba – no Estado do Amapá, e como, até aquele momento, compreendia e absorvia a experiência do Programa do Desenvolvimento Sustentável que o governo do Capiberibe havia implantado.

Mas mal comecei a falar, e de repente Marcos avista, ao longe, a figura de Nilson Moulin¹, fazendo sua caminhada de final de tarde, trajando bermudas, sandálias de couro e uma camisa social semiaberta, de longas barbas e óculos escuros. Marcos imediatamente começa a rir, me dizendo:

– *“Olhe para aquilo, parece um profeta sacerdotal se destacando na paisagem, com aqueles cabelos brancos e barbas ao vento, aguardando que seus seguidores e súditos comecem a lhe seguir! Falta só o cajado. O que acha de irmos atrás dele? Ahahaha”*

E então, começa a acenar para Nilson, que nos vê e caminha em nossa direção. Marcos faz uma série de divertidos escárnios para Nilson, que por sua vez estava tão envolto em seus próprios pensamentos, que começa a imediatamente criticar a cidade, os gestores do governo, e atropela dezenas de assuntos, para com os quais eu fiquei somente de ouvidos, perante a conversa de ambos. Nessa, o tempo passou, e a minha resposta mesmo, ao Marcos, eu acabei não dando, pois logo depois eles se encaminharam ao hotel, e fui ao alojamento onde estava acolhido, cerca de dez quilômetros dali, nas margens da estrada para Santana, em meio à mata amazônica.

Essa passagem eu nunca havia descrito ainda, pois era muito mais quase que uma tirada cômica dos meus até que raros encontros com Marcos – pensando em 25 anos de amizade, sim, foram poucos – e nunca tinha a possibilidade de escrevê-la nos textos e artigos que exigiam a seriedade e sobriedade sorumbática acadêmica. Mas que, ao mesmo tempo, puxadas da memória, acabam por trazer à tona, com total intensidade, o que venho construindo ao redor desse

1 Tradutor, no Brasil, de obras de autores italianos como Italo Calvino, Carlo Ginzburg, Norberto Bobbio, Giovanni Boccaccio, Primo Levi, entre outros. Publicou obras com o escritor e artista Rubens Matuck, além de ter organizado o livro de entrevistas e conversas (Moulin, 2000) com o ex-governador João Alberto Capiberibe sobre a experiência do Desenvolvimento Sustentável no Estado do Amapá. Naquele momento, assim como Marcos Reigota, exercia papel de consultor sênior para os projetos daquele programa.

texto, há mais de três anos, e que lá no fim do capítulo espero que fique um pouco mais nítido.

Isso porque a presença de Marcos e Nilson, no Amapá, naquele momento – e conseqüentemente a minha, como estudante de Geografia da Universidade de Sorocaba, em pesquisas, estágios e experiências na foz do Amazonas, entre a mata, o rio e o mar – tinha toda a relação com o projeto político das perspectivas ecologistas em educação. As quais, ao invés de submeter à ecologia aos planos de expansão ininterrupta de uma economia predatória de consumo e descarte ilimitados e ininterruptos, fazia delas a própria economia política, consonante ao escopo ético-político dos ambientalismo mais radicais e libertários, críticos aos despotismos dos projetos dos Estados capitalistas e socialistas autoritários.

Projeto que queriam morto, quando não o mataram...

Neste sentido, eu tinha pensado, para esse livro, em republicar o texto que foi lançado pela conceituada revista "*Utopia Y Praxis*", em 2017, com alguns ajustes, correções e atualizações, como forma de fazer com que os leitores e leitoras que não tiveram acesso àquela edição, o fizessem quando acessassem esse livro organizado pela Andreia, pelo Márcio e por mim. Aquele escrito (Barchi, 2017), em forma de *portadilla* (uma seção presente na revista venezuelana em reconhecimento a grandes pensadores/as e pesquisadores/as latino-americanos/as), confesso, "saiu de sopetão" em um dia, e minha vontade foi sempre ampliá-lo e corrigi-lo em suas celeridades, superficialidades e incompletudes.

Mas entre 2021 e 2022, quando comecei a escrita deste capítulo, já tinham se passado cinco anos, e 2017, que na época parecia um ano terrível em relação às conjunturas políticas, educacionais, ecológicas, econômicas, sociais e éticas, hoje é lembrado como próximo à sobriedade, ao que foi o período pandêmico. Logo após a extrema direita vencer as eleições presidenciais no Brasil,

em outubro de 2018, Marcos me afirmou, na sua sala de trabalho, categoricamente, que todo o projeto que nós ecologistas radicais tínhamos de existência, havia sido massacrado, vencido e enterado. Era necessário fugirmos para as montanhas, e além, para resistirmos até o fim.

Um aviso, não vou dizer aqui nada o que já não disse em outros momentos, mas serei mais direto e cru...

Demorou a entender e concordar com aquela afirmação, visto que, mesmo em tempos de bonança econômica, política e social do Brasil – o que não é lá grande coisa, visto a desigualdade brutal que residiu no país, mesmo em tempos de economia crescente e ampliação das possibilidades sociais – entendíamos que aquilo que muita gente considerava vitória para o movimento ecologista e da educação ambiental, como a implantação das políticas públicas e os órgãos de educação ambiental, não era necessariamente um trunfo, mas um sequestro.

Mas longe de fazermos um *"mea culpa"* ao redor de "ai como era bom antes e não sabíamos", e muito menos esperando que haja realmente grandes alterações nas micro-esferas de poder, há a necessidade de reafirmarmos aqui que todo o caos fascistizado e escravo de um neoliberalismo totalitário, é também resultado daquilo que criticávamos ao redor da institucionalização das reivindicações dos movimentos sociais e das práticas excludentes e discriminatórias contra quem alertava sobre as práticas autoritárias. Nesse sentido, particularmente na minha posição, nunca entendi que nosso projeto de sociedades construídas sob as perspectivas ecologistas, sequer estivesse perto de vencer um dia. Nem sabia que era de vitória e competição que tratávamos...

Ainda penso que nossas perspectivas ecologistas de educação são aquelas flores amarelas, azuis e roxas que nascem nas brechas entre os muros das casas e as calçadas, que conseguem

se espriar e multiplicar enquanto o poder público não contrata as ceifadeiras, para deixar as ruas limpas, brancas e sem a ameaça das “pragas” que podem se multiplicar enquanto tomamos o espaço. Se aquele matinho crescer e virar árvore frutífera que alimente e abrigue fauna, melhor, pois as conexões nos deixam mais potentes e vivos, conseqüentemente.

Lembro da fala constante do Silvio Gallo, em suas aulas e inspirações libertárias e anarquistas, que sempre há uma liberdade restrita perante o Estado e o capital, e que qualquer coisa que possa sair do controle, será, ou sugestivamente, ou brutalmente impedido de tal. E ainda de Antonio Negri, ao pensarmos o poder constituinte e a democracia não como subalternas ao Estado/Capital contemporâneos, mas como o outro daquilo instituído (Negri, 2002).

Por outro lado, talvez nossas perspectivas também sejam como os pardais, bem-te-vis, beija-flores, suiriris, sanhaços, chopins, maritacas, papagaios e outras numerosas espécies de aves, que povoam a cidade, e sejamos vistos como livres, múltiplos e transversais em nosso pensamento, de forma a causar inveja a quem não voa no pensar. Mas que, por outro lado, ao nos alojarmos nos telhados, gritarmos e cantarmos cedo demais, nos aglomerar em bandos numerosos ou mesmo causarmos, por isso, demasiada invidía, também passemos a ser chamados de pragas.

Sempre me conformei que nosso pensamento ecologista fosse ora exageradamente utópico, ora intensamente perverso/inverso/reverso aos projetos hegemônicos do estabelecimento da ordem social. Nosso lugar era na margem, na periferia, nos becos, nas esquinas, nas bordas, nas trincheiras e frestas. Nas *gigs* e *show* de metal e punk extremos, que sempre ocorrem em quadras, *squats*, salões de festas e outros espaços não convencionais. E por mais fascista que fosse uma governança, nós estaríamos senão incólumes, mas irrepreensíveis, por mais sofridos que fossem os tempos.

Havia em mim uma vontade tremenda de discordar do Marcos, justamente para não arrefecermos em nossa militância e luta. E por muito tempo discordei daquela posição: “Perdemos... nosso projeto fez água!”

ECOLOGIAS EXTREMAS

Caramba. Marcos nos inspirou, nos motivou, nos deu a esperança ativa na qual era possível, se não modificar o mundo, mas tornar tudo menos insuportável, insalubre, violento e barbárico. Não que ele estivesse próximo a uma liderança messiânica de uma seita de ecologistas que à la Antônio Conselheiro – ou outras pseudocelebridades acadêmicas de esquerda que se lambuzam do neoliberalismo como se fossem aristocratas do século XVIII – se refugiará na última mata existente na Terra, e resistiríamos até o fim contra os demônios antiecologistas que queriam nos matar e matar aos nossos amigos, humanos e não-humanos.

No entanto, o projeto ético e político que nos sugeriu a partir de seus escritos, de seus interlocutores e inspiradores, é pertinente, potente, coletivo e praticamente via múltipla de mão única para quem quer se manter em pé perante o caos. Eu, particularmente, desde os seis anos, quando, como escrevi nas primeiras linhas de minha tese – ou foram os filmes da Lassie, ou os documentários sobre a morte de filhotes de elefantes? As mortes bárbaras de Dian Fossey e Chico Mendes nos anos 80? – já havia assumido a perspectiva ecologista, e encontrei, na parceria com seu pensamento e militância, mais potência para minha posição (Barchi, 2016). Como diria Spinoza, dois são mais fortes que um, e isso é a mais intensa integração entre política e ética.

Mas aí, em 2021, o sepulcral estalo...

De forma a pensar, quase – quase – que irreversivelmente, aquilo que propomos como educação ambiental, educações ambientais e perspectivas ecologistas em educação, muito mais como uma prática de impedir completamente a barbárie que se avizinha, do que qualquer outra coisa. Segurar o firmamento, adiar o apocalipse, recusar a instauração plena do inferno sobre a Terra, combater até a última gota a produção da ausência de sentido (Reigota, 2021), em nome do Deus-mercado, contra o qual nos posicionamos, orgulhosamente, como pagãos e hereges (Japiassu, 2006). O que era um projeto de extrema transformação em nossas condições políticas, sociais, culturais, econômicas e, principalmente, ecológicas, tornou-se segurar a abertura total dos portais do inferno, ao máximo.

Fazer educações ambientais para manter o maior número possível de árvores em pé, permitir a sobrevivência das aves no céu, termos chuva, água, comida, tardes de sábado regadas a boas companhias. Essa mudança brusca daquilo que vemos em nossa perspectiva ecologista em educação, devido ao avanço daquilo que venho cada vez mais chamando de Infer(ce)no (Barchi, 2022, 2023a, 2023b, 2024), em uma distorção ampliada brutal às noções desenvolvidas nas teorias de Antropoceno (CRUTZEN; STOERMER, 2000), Capitaloceno (MOORE, 2016; MALM, 2018) e Plantationceno e Chthuluceno (HARAWAY, 2016; 2019), com a diferença na qual entendo a atual época como um período de instalação das trevas, mas não ainda do inferno pleno. E faz parte dessa imposição infernal, justamente essa produção da ausência dos sentidos.

A questão é que, se mergulhei na educação ambiental pensando na construção de mundos menos violentos, barbáricos, cruéis e sádicos, hoje, acabamos por lutar para o impedimento da imposição plena desse mundo. Apesar da multidão de pessoas e coletivos que não se furtam na tentativa de melhorar a qualidade de vida das pessoas, monitorar e garantir a existência de espécies de animais e plantas ameaçadas, de movimentos que arriscam a experimentar

novas possibilidades como forma ou de fuga, ou de resistência ou de enfrentamento aos agentes da destruição, e sendo que muitos e muitas influenciados justamente pelo que se produz na ecologia política e nas educações ambientais, meu maior temor é o cansaço... Estamos condenados ao trabalho de Sísifo, punido a uma labuta interminável justamente por sua rebeldia? Não veremos ou sequer teremos uma nesga de garantia de que aquilo que fazemos teve um pingo de êxito, sequer? Jamais teremos sossego?

COTIDIANOS BRUTAIS

Sim, malditos anos que nos estremeceram a verve e que nos deixaram de temer por nós mesmos. Sim, maldito fascismo que nos faz pensar que a esperança – mesmo a freireana, de luta constante – acabou, e que estamos somente a caminhar enquanto nos houver vida orgânica. Sim, o projeto parece destruído. O Infer(ce)no, além da ampliação das paisagens infernais em pleno planeta, também é feito de completo apagamento das nossas lutas. São as chamas de Dante com o completo escuro de John Milton, associada ao amalgamento alienante ao espaço infernal, como sugere Sloterdijk (2004), no qual se esquecem as subjetividades, os (bons) afetos, as potências, as alegrias e incríveis encontros, para tudo tornar-se trabalho, consternação, horror, desesperança e imobilidade.

Estou terminando a escrita desse texto em agosto de 2024, e por mais que o fascismo retrógrado da Bozolândia (Barchi, 2023c) tivesse, por detalhes, saído do poder institucional do Estado brasileiro, um fascismo *kitsch*, dos engravatados especuladores financeiros associados aos empreendimentos brutais e ecocidas do agronegócio, da mineração, do garimpo e da especulação imobiliária urbana, tornou a vida cotidiana brutal, insalubre e com vistas à morte. De novo, a morte.

Os dados das queimadas na Amazônia e no Pantanal são recordes, as queimadas criminosas se espalharam pelo Estado de São Paulo (com mais de 2300 focos de incêndio no Estado de São Paulo em 48 horas, entre os dias 22 e 24 de agosto de 2024²), as temperaturas de inverno são recordes, e muitas cidades do Rio Grande do Sul sequer começaram a ser reconstruídas após as enchentes absurdas de maio de 2024, causadas pela bolha de ar quente que conteve as frentes e chuvas no sul do Brasil, consequência do desmatamento, da ampliação das áreas urbanizadas e das alterações climáticas como um todo.

O próprio Márcio José, nosso colega de organização de livro, quando a fumaça das queimadas chegou a Campinas, em suas redes sociais publicou a imagem do sol vermelho, visto entre a névoa, e ainda teve que responder que não havia usado filtro para captar tal foto.

O fato é que a brutalização do cotidiano, como Marcos havia já diagnosticado, não é um fenômeno recente, mas graças ao avanço do fascismo grotesco, especialmente nos últimos dez anos – e que ainda não teve fim, o que o torna mais perigoso diante de um caráter *kitsch* que ele assume pós-2022 – o caos se torna impressionantemente barbárico, mas aparentando não mais ser. Isso se dá por causa de uma falsa ilusão que uma derrota eleitoral a nível nacional pode ter livrado uma sociedade das políticas fascistóides, quando, na verdade, elas estão entranhadas em todas as esferas econômicas, culturais, sociais e políticas.

Isso porque não nos livramos de uma imposição financista e especulativa de um sistema socioeconômico que cada vez mais, institucional e politicamente, se coloca como a única forma de vida viável, e sob a qual ou se submete, ou se marginaliza, de modo,

2 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/sp-registrou-2316-focos-de-incendio-nas-ultimas-48-horas-segundo-inpe.shtml>

inclusive, criminal e persecutório. Se não pelas mãos do Estado – como o caso da Marco Temporal, de destruição plena das possibilidades das demarcações de terras dos povos originários e a impossibilidade de vidas econômicas/políticas/ambientais outras – mas também pela leniência e impunidade para quem promove garimpos, crimes ambientais, saques aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, assassinato de lideranças camponesas/periféricas/ecológicas e envenenamento de produções comunais/orgânicas/agroecológicas. Isso para não dizer do bombardeamento midiático das benesses das novas tendências do trabalho, da ciência, da informação e do sucesso, voltadas ao que se chama aleatoriamente de inovação, empreendedorismo, competitividade, resiliência e o “cada um por si”.

É nesse sentido que há um cotidiano que, cada vez mais, se despolitiza – e também se descosmopolitiza, pois a relação com os *espaçotempos* cotidianos, naturais/culturais se esvai, no amalgamento infernal sloterdijkiano que se aprofunda – pois cada segundo da vida passa a ser exclusivamente dedicado ao ganho de quireras, sob o risco da impossibilidade da sobrevivência, da saúde física e mental, e de qualquer chance de convívio social. Mesmo estando esse último, cada vez mais atomizado.

Essa brutalização cotidiana, inerente à produção de ausência de sentidos na teoria reigotiana (Correa, Bezerra, 2023), é intencional e articulada, mesmo sendo extremamente desestruturada e esquizofrênica, como já sugeriam Deleuze e Guattari, já que o processo é de atravessamento de nossos corpos, o tempo todo, pela multiplicidade de informações, de verdades e não-verdades, posicionamentos frágeis e construídos nos processos de arrebatamento de rebanho, e de infundáveis temores sociais, políticos, bélicos, climáticos, entre outros movimentos, que buscam impedir a construção de projetos e vidas em comum, mesmo na nossa diversidade.

No entanto, e lá vamos nós – com nossas sobreposições de cascas grossas, graças às pancadas que tomamos e também à nossa teimosa recusa de aceitar esse mundo em ruínas – juntarmos mais uma vez os cacos, e ver o que é necessário ser feito. Porque cada vez mais – e de novo Spinoza me socorre – aquilo sobre o que nossas perspectivas ecologistas em educação estão pautadas é em fazer muito mais o que é necessário, e não tanto criar alguns utopismos estéreis e insalubres sobre o que é possível. Já diria Spinoza que o possível está intimamente associado a uma esperança imobilizante, criada nos devaneios dos messianismos grotescos do charlatanismo de rebanho – palavras minhas, mas carregadas de um nietzschismo que ora se alinhou ao pensador holandês – e alienação, que se impõe como um modelador das massas e do pensamento único. O Um como o mal (Tible, 2020), das críticas marxistas à lógica política hobbesiana.

Nossa militância ecológica e educacional perante o caos, cada vez mais, em primeiro plano, é uma das formas de não mergulharmos de vez no abismo, e aceitarmos de uma vez por todas a condenação capital. Ou seja, aquela de nos transformarmos em zumbis catatônicos perante um ambiente que nos será ambivalente e completamente alheio, e ao mesmo tempo, amalgamado a nós, como o inferno dantesco do texto de Sloterdijk. Por sua vez, luta que está fadada ao fracasso e ao extermínio, se quixotescamente formos, sozinhos, entregar flores às hordas fascistas e predatórias. E aí que entramos numa outra seara, muito cara à discussão que Marcos sempre fez sobre a violência...

DEMOCRACIAS RADICAIS

Espero que o Marcos, ao ler as últimas palavras, não se assuste e não pense que irei desvirtuar toda sua militância pela cultura de

paz e pela radical ecologia política pautada pela não-violência, que levou, inclusive a mim, às perspectivas políticas, filosóficas e culturais que vem pautando o que venho pensando, estudando, escrevendo e ministrando. As quais, em Marcos, são amplamente disseminadas em seus textos e aulas a partir dos horrores nas Guerras da Iugoslávia e de Ruanda, nos anos 90, da explosão da Usina de Tchernobyl, e, em especial, das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

Aliás, governança japonesa que cada vez mais se afasta de uma cultura de paz ao resolver, com toda a violência possível, desrespeitar cada vez mais as convenções internacionais de proteção ambiental, ao ampliar a caça às baleias no Oceano Antártico, perseguir e criminalizar ambientalistas, a ponto de conseguir fazer com que o criador da Sea Shepherd, Paul Watson, fosse preso na Dinamarca e, enquanto esse texto é escrito, ele aguarda julgamento da justiça dinamarquesa, que resolverá se irá extraditá-lo ou não. Enquanto isso, as empresas japonesas e dinamarquesas, ao redor do mundo, desfilam discursos de sustentabilidade, de combate às mudanças climáticas e de atendimento às ODS da ONU.

Portanto, quando falamos na violência, estamos nos referindo à necessidade de recusar uma resiliência de grande parte do discurso ecologista, que cada vez mais vem sugerindo uma nova prática ecológica de adaptação às mudanças climáticas – num discurso que me assustou muito no livro de Tsing (2022), a qual, apesar do realismo da noção ao redor de um aprendizado na vida em ruínas, sucumbe a um fatalismo que considero muito imobilizante – e até, uma forma de se conseguir benefícios e privilégios perante o mercado de trabalho, cada vez mais “flexível perante às novas necessidades ecológicas”.

Um discurso ecológico que foge do combate direto contra as forças nefastas “plantationcênicas” e ecocidas, e se insere muito mais na formação de seitas isoladas que aguardam o fim do mundo numa propriedade rural isolada do que de produção e criação de práticas de enfrentamento a um sistema socioeconômico neoliberal,

que se delicia cada vez mais de um Estado refém – como sempre foi, nos sugere toda a discussão socialista do século XIX e XX – que legitima o horror.

Lamento, Epicuro, mas teu jardim despolitizado de desfrutadores da vida e degustadores de uvas também será queimado quando as forças alexandrinas destruírem tudo, em nome do soberano único.

Não, claro que não há a força bélica e armada para fazer o enfrentamento direto contra as forças do Estado-capital. O qual, aliás, como vemos no Brasil, cada vez mais não se distingue de grupos, teoricamente anti-Estado, como as milícias paramilitares e os grupos narcotraficantes – associados, inclusive, ao garimpo, ao desmatamento, ao tráfico de drogas, armas, pessoas e animais – que só conseguem se manter em pé devido à sua presença no Executivo, no Judiciário e no Legislativo, conforme as notícias pipocam Brasil afora. Portanto, não é a partir da luta com revólveres, mísseis, drones, metralhadoras, granadas e foguetes que pensamos na violência necessária para resistir ao despotismo neoliberal e criarmos formas outras de vida política, econômica, cultural, social e ambiental.

A violência física e psíquica que as lutas armadas contra o regime de coisas estabelecido, só fará o mesmo se fortalecer. Tanto na criminalização das lutas legítimas na reivindicação de uma vida não barbárica – aumentando a necessidade das forças de segurança que manterão o Estado/Capital fortalecido contra os sujeitos e a multidão – quanto pelo escárnio em relação aos necessários anseios de transformação radical das relações humanas e com o cosmos.

A radicalidade de nossos anseios políticos, cada vez mais emergentes perante o horror implantado, corre o risco, perante a violência armada e institucionalizada, de se tornar um discurso exclusivo de pensadores e militantes sectarizados, que não “seriam capazes de entender a ‘realidade’ imposta”, e a necessidade de nossa adequação ao horror. E se a violência física for a arma dessas

minorias, que se criminalize. A radicalidade freireana é condenável. Mas o fundamentalismo do capital predatório, devastador, homogeneizante e uniformizador, é a regra.

Em outras palavras, é necessário inverter a lógica perante o discurso e a prática que se fazem contra o meio ambiente, as margens, os excluídos e os outros do fundamentalismo especulativo financeiro do neoliberalismo fascista. Se há um discurso gentil, “civilizado” e pseudo ordenador e uma prática de violência e extermínio por parte do Estado/Capital, é necessário que nossa fala seja extremamente dura, intensa, radical, intransigente e sim, violenta contra a barbárie. No entanto, nossos esforços são para que nossas práticas se furtem, sempre, à violência física e psíquica, para que não se tornem, justamente, o mesmo da violência institucional.

As preocupações mostradas tanto pelos órgãos de governo, passando pelas grandes corporações privadas, quanto pelas instituições transnacionais multilaterais, em relação ao meio ambiente, quando não são exclusivamente a maquiagem *greenwashing* adequada para garantir as vendas de “ações verdes” nas bolsas de valores, são apenas tentativas de submeter as reivindicações ecológicas ao jugo do capital, esse sim, o que há de mais importante.

Um capital, que por sua vez, ao ampliar as desigualdades sociais, políticas e econômicas, amplia o caráter antidemocrático que cada vez mais se expande ao redor do globo. Os pleitos eleitorais, longe de se caracterizarem por amplas participações coletivas nas tomadas de decisões, cada vez mais somente legitimam o poder exercido pelas corporações e pelo grande empresariado, mesmo que a impressão seja de que o fascismo tenha sido vencido nas urnas, devido à vitória de discursos menos fundamentalistas e violentos contra as margens.

Não que seja uma ilusão, pois há um certo bloqueio e/ou adiamento da agenda predatória no âmbito da institucionalidade.

Mas, como presenciamos, cada vez mais o progressismo no executivo, e talvez em alguns espaços no judiciário e no legislativo, não será suficiente para vencer o caos e o horror da barbárie que se amplia. Repito, as queimadas de agosto de 2024, as tempestades no sul de 2024, as secas na Amazônia no outono/inverno de 2024, a perseguição aos povos originários, o assassinato de ecologistas e camponeses, a criminalização cada vez maior da população negra periférica, a impunidade aos criminosos dos deslizamentos das barragens de Mariana e Sobradinho, e o avanço das pautas de destruição das áreas preservadas e de mananciais, não nos deixam dúvidas que o Estado e suas instituições estão tomadas quase que exclusivamente, pelos interesses do capital financeiro, especulativo e plantationcênico.

É nesse sentido que, de modo ainda mais radical, pensamos como irrefutavelmente necessária a construção da participação coletiva no cotidiano. Da escola, das comunidades, dos bairros, das associações, e de agrupamentos e coletividades outras, para além da representação realizada nos pleitos eleitorais, cada vez mais assemelhados a concursos de popularidade do que exercício de participação política.

A aposta na construção democrática micropolítica nas esferas cotidianas, associadas e intimamente ligadas a um poder constituinte ininterrupto, insubmisso e fluido, é um dos exercícios políticos que Marcos, a partir da contribuição política e científica das/dos que vêm das margens, considera como práxis por excelência. Não somente porque a diversidade, constituída na recusa ao uno representado por um Estado Nacional alinhado exclusivamente ao capital, não se vê representada como lei, órgão ou política pública, atendidas somente após os rateios de recursos nas mãos das elites econômicas. Mas também porque, constituída como assembleia múltipla, carregada de diferença e recusa à uniformização, torna os *espaços-tempos* – e sempre, como educadores, pensamos em escola, mas

não é somente elas esse *locus* privilegiado – uma teia emaranhada de sentidos, significados, desejos, saberes e potências.

Essa tessitura emaranhada, numa democracia cotidiana, própria de como Negri sugere, a partir de Spinoza, Maquiavel e Marx, como multidão inventora e criadora de poder constituinte, se alinha justamente ao que Ana Godoy sugeria como as menores das ecologias, resistentes, desafiadoras e execratórias dos projetos universais de modos únicos de viver.

E SOBRE O QUE VOLTA DOS MORTOS...

Marcos me ensinou a perceber que a ecologia está presente nas lutas políticas, sociais e culturais. Por mais que tivesse um dia, quando jovem, achado estranhíssimo aquilo, foi o que acabou convencendo de me embrenhar de vez na ideia de que tudo aquilo que eu pensava sobre a Música Extrema – ou seja, todos aqueles estilos marginais e dissidentes do punk e do metal – estava recheado de sentido que podemos chamar de ecológicos.

Não que eu não soubesse da presença da ecologia nas músicas, nos textos vendidos nas *gigs punks*, nas capas dos álbuns, ou mesmo na postura de muita gente que estava no *underground*, em seus vegetarianismos/veganismos, nas recusas em consumir insuamos e produtos de grandes corporações, nos *patches* costurados nas calças, jaquetas e mochilas, e na própria diversidade constitutiva dos movimentos.

E, nesse sentido, esse texto é até repetitivo, pois já abordei bastante essas questões antes. São quase 25 anos de pesquisa nessa seara. No entanto, parece que nunca é demais abordar essa contenda pois, quanto mais o horror do fascismo do neoliberalismo fundamentalista assedia as vidas cotidianas e busca destruir

o que se produz de sentido nas coletividades, mais surgem grupos e vozes de recusa.

E isso só no nicho em que estou mergulhado. Ao me encontrar com as mulheres do congo, com os narradores da Maré, com ecologistas foucaultianos, com professores da Educação Física dedicados a ouvir e produzir saberes em suas aulas, com os movimentos dos tambores, com as escolas-bosque e escolas agrícolas e com grupos extrativistas no Amapá, entre outra série de movimentos/grupos/iniciativas/invenções de recusa, percebo, cada vez mais, que cada um de nós no seu grupo e em suas rodas de amizades não estávamos sozinhos com nossos “exotismos” no âmbito universitário. Nós estávamos fazendo multidão, assembleia, poder constituinte, ecologias menores e insubmissas.

E quando Marcos sugeriu que nosso projeto havia morrido, sido enterrado, acho que ele mesmo não percebeu que a cova estava rasa, e que não havíamos passado pelo devido funeral, e muito menos haviam nos colocado a moeda para entregar ao Caronte. Voltamos como vírus, como vampiros, como monstros, como multidões demoníacas, para sabotar o projeto unívoco de um Deus neoliberal canalha fascista egoísta.

Nunca vamos nos esquivar de nossos legados comunais, libertários, coletivos, solidários, compromissados, responsáveis, ética-politicamente aliados não somente aos que nos fazem fortes, (re)existentes, insubmissos, indignados, alegres, intransigentemente inconsequentes perante o que o horror nos impõe. Que nos inspiraram, lá atrás, no Amapá, a recusar o que é imposto como derrota, pois não é de vitória que nós estamos sedentos. É de conexão, de junção, de parceria, de calma, de respiro, de ar puro e sons de passarinhos (ah, Marta Catunda...).

É por isso que o projeto não morre. Ele, na verdade, se desfaz. Em milhões de pedaços e partículas, e se espalha e se conecta

a outros programas, fazeres, saberes, práticas e militâncias. E por mais que a barbárie sempre intencione a morte e o apagamento através das sepulturas, dos fogaréus, dos silêncios impostos e das deslegitimações para instâncias oficiais e policiais, nós voltamos e insistimos até o último respiro para que nós e os nossos tenhamos paz.

E talvez essa paz só venha com a destruição da Humanidade. Ah, a violência... e aqui é necessário enaltecer um dos mais intensos sons de uma das mais importantes obras do underground, chamado *World Downfall*, do conjunto *grindcore* Terrorizer, que na penúltima canção, berrava: *“Dead shall rise, from the grave, to destroy, the all Mankind”*.

Na versão original, a letra *m* está em minúsculo, mas tomei a liberdade de inserir a letra *M* maiúscula, pois aqui, em encontro com o underground, evoco Jean Tible (2020), que ao colocar Kopenawa, o perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro e um Karl Marx libertário e selvagem em diálogo, reforça a ideia na qual para a cosmopolítica dos povos originários, todos os seres são humanos, e o tempo acabou os separando em sua forma e conteúdo. A humanidade, com *h* minúsculo, é aquela composta de todos os humanos que foram humanos no princípio da criação por Omama (Kopenawa, 2015), que compõem o mosaico diverso da existência, a que compõe a ecologia em seu cerne e sua potência.

A Humanidade, com *H* maiúsculo, constituída pela razão moderna, que sobrepujou e desprezou todas as outras formas de vida existente e as transformou em objeto, mercadoria, produto e radical outro, é a que possui as pilhas de cadáveres, que nem é mais capaz de enterrar. É dessa montanha de “vencidos” que os mortos – e como nós, ainda não tão mortos assim – queremos destruir a Humanidade da guerra, do horror, da brutalidade, dos incontáveis holocaustos, e compormos outras políticas, culturas, economias, sociedades, relações e amizades de humanidade/ecologia. Só ela

garantirá algo que não seja a morte, o infer(ce)no, a produção de ausência de sentidos, a barbárie.

Nosso projeto não morreu. Ele foi retalhado, mas é sempre (re)costurado, remendado, interconectado, entrelaçado e cada vez mais impossível de ser cooptado. Pois, como diria você e Alda, é disso que se trata. De recusa.

Ele vive, Marcos!!!!

Ele vive!!!!

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa).**

Tese de doutorado em Educação. Campinas: Unicamp, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2016.966747>. Acesso em 30 jun. 2024.

BARCHI, Rodrigo. Portadilha: À Marcos Reigota, e sua vibrante presença ecológica militante, freireana e pacifista (e vice-versa) entre nós. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 22, n. 79, p. 9-13, 14 nov. 2017. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/22972>. Acesso em 13 de junho de 2024.

BARCHI, Rodrigo. Infer(ce)no na Música Extrema: das ecologias e das trevas nas capas de álbuns grindcore. *In*: BAHY, Cristiane (et al.). **Música Extrema: ruídos, imagens e sentidos**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2022.

BARCHI, Rodrigo. As ecologias e as trevas: educações ambientais no Infer(ce)no. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 11-35, 2023a. DOI: 10.14295/remea.v40i2.15063. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/15063>. Acesso em: 2 jun., 2024.

BARCHI, Rodrigo. O devir-pássaro das perspectivas ecologistas em educação contra o apagamento no infer(ce)no. *In*: CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes. **Perspectiva Ecologista de Educação: o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023b.

BARCHI, Rodrigo. O Anti-Bozo: Imagens da resistência política, educacional e ecológica na Música Extrema brasileira entre 2013 e 2022. **Espacios Transnacionales**, n. 21, año 11, jul./dic. 2023. Dossiê Comunidades em resistência. Disponível em: <https://espacios.transnacionales.xoc.uam.mx/espacios-transnacionales-21/> Acesso em: 15 mai. 2024.

BARCHI, Rodrigo. O Infer(ce)no: Perspectiva ecologista e exercício ético-político de filosofia da educação. *In*: SILVA, Fabiany de Cassia Tavares; GARCIA, Fabiane Maia. **Educação em Tempos e Momentos**. Manaus: EDUA-UFAM: ANPED, 2024.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes. **Perspectiva Ecologista de Educação: o legado reigotiano nos cotidianos aprendentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. "The 'Anthropocene' (2000)". **The Future of Nature: Documents of Global Change**, edited by Libby Robin, Sverker Sörlin and Paul Warde, New Haven: Yale University Press, 2013, pp. 479-490.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom Cultura Científica**. Campinas, ano 3, n. 5, p. 139-146, abr. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 10 set. 2023.

HARAWAY, Donna. **Seguir com el problema: generar parentesco em el Chthuluceno**. Trad. Helen Torres. Bilbao: Consoni, 2019.

JAPIASSU, Hilton. A crise da razão no ocidente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 1, n.1 – pp. 27-41, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol1.n1.p.27-41>. Acesso em: 05 ago. 2024

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomâmi**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MALM, Andreas (2018). A perspectiva da Dominica: Antropoceno ou Capitaloceno? **O Correio da Unesco**, n. 2, abr-jun. 2018, p. 23-25. <https://pt.unesco.org/courier/2018-2/perspectiva-da-dominica-antropoceno-ou-capitaloceno>. Acesso em 29 de jun. de 2024.

MOORE, Jason. **Introduction: Anthropocene or Capitalocene?** Nature, History and the Crisis of Capitalism. Oakland: PM Press, 2016.

MOULIN, Nilson (Org.). **Amapá: um norte para o Brasil**: diálogo com o governador João Alberto Capiberibe. São Paulo: Cortez, 2000.

NEGRI, Antonio. **O poder constituinte**: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Trad. Adriano Pilatti. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

REIGOTA, Marcos. Fragmentos de Havana: "Al final de este viaje..." com Nita e Paulo Freire. *In*: FREIRE, Ana Maria Araújo. **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II: Globos**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

TIBLE, Jean. **Marx Selvagem**. 3ª ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

TSING, Anne Lowenhaupt. **O Cogumelo do Fim do Mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 Edições, 2022.



10

Tânia Aversi

**UM LIVRO E OS
DESLOCAMENTOS
DE UMA PROFESSORA
PESQUISADORA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-439-1.10

Não era o livro. Continha as ideias do autor sobre o tema e era isso que deveria importar, mas não era o livro. Tratava-se, na verdade, de fotocópias das páginas do livro digitalizadas e disponibilizadas pela gentil bibliotecária, com a devida autorização do autor, evidentemente, as quais a estudante tratou logo de mandar encadernar.

Coloriu, em tons esverdeados, a capa copiada em branco e preto, na tentativa de torná-la o mais parecida possível com a original. Acreditava que desse modo também estaria dando alguma vida ao volume. Só não conseguiria imprimir à imagem o alto-relevo que Rudinei Kopp capturou da aquarela, pintada pelo próprio autor do livro, transpondo-a para a capa. Efeito que, para a estudante, revelava a força e, ao mesmo tempo, a delicadeza do artista contidas em suas pinceladas.

Sim, ela conhecia o autor e, assim como outros e outras, o encontrava todas as terças-feiras em uma universidade comunitária de Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, para conversarem sobre o tempo presente e pensarem o cotidiano escolar sob uma perspectiva ecologista de educação.

Já havia tido um exemplar daquele livro em suas mãos e experimentado folheá-lo, sentindo a textura da capa e o cheiro que daquelas páginas emanava. Teve inveja do colega que, por sorte, conseguiu comprar pela internet não somente essa, mas outras raridades que a interessavam. O rapaz emprestava seus livros para os(as) demais integrantes do grupo com tamanho desapego que, não raras vezes, acabou tendo seu patrimônio dilapidado. Soube, anos mais tarde, pelo próprio rapaz, que aquele volume, autografado, havia sido emprestado a um colega que viajou para a Europa, do qual perdera completamente o contato.

A estudante também já havia lido o prefácio da referida obra, escrito por uma pesquisadora da psicologia social - a quem ouviu em um congresso, à época, e para quem, inclusive, viria a ser

apresentada algum tempo depois - que despertou ainda mais sua curiosidade sobre o “coleccionador de histórias”, o “fazedor de quebra-cabeças, (que) corta cada história em múltiplos fragmentos e, embaralhando-os, cria novas histórias: as narrativas ficcionais”. A prefaciadora, no livro, fazia exatamente as perguntas que a estudante gostaria de ter elaborado quando esteve com o autor, pela primeira vez, por ocasião do exame de qualificação dela para o mestrado, em uma tradicional universidade privada da cidade de São Paulo.

O que ele sugeriu a ela que revisasse, desconstruísse e reformulasse em seu trabalho, naquele dia, pareceu tão pouco acadêmico. Era quase kafkiano, mas, ao mesmo tempo, fazia muito sentido. Ele perguntava pela presença da mestrandia no trabalho, pois notava a ausência, no texto, de registros que mostrassem os impactos que a fala dos sujeitos entrevistados por ela, na pesquisa, havia provocado no conhecimento, sentimentos e experiências dela...

Indicou literatura, poesia, música, arte, fotografia e cinema. Artefatos culturais que, segundo ele, poderiam ajudá-la a compor um trabalho acadêmico para além daquele que ela conhecia. Algo que, de fato, contribuísse para questionar as formas de compreender o outro, para desconstruir a ideia de neutralidade do(a) pesquisador(a) em educação e para evidenciar um comprometimento e ativismo político – elementos não facultativos a ele ou ela, enquanto ser humano. Ainda teve tempo para dizer que dessa forma o trabalho serviria para aproximar a academia do cotidiano escolar, no sentido de produzir teoria/prática de forma não dicotomizada.

O arguidor externo, naquela banca, falava da base teórica que sustentava as possibilidades metodológicas dos trabalhos de seus orientandos como as *Bio:grafias* e as *Narrativas Ficcionais*. Enquanto o ouvia, a atônita estudante pensava, não de forma tão clara, o que Mary Jane Spink havia exposto no prefácio daquele livro: Teria o pesquisador “licença poética para inventar seus personagens para dar voz a seus próprios argumentos? (...) Se

trabalho acadêmico, qual o “status científico de personagens fictícias? (...) Seria mesmo ficção? Se ficção, por que a preocupação com a fundamentação teórica?”

O interesse pela narrativa, a estudante trazia da adolescência e a preferência pela crônica desde que uma professora de Português lhe apresentou a coleção infantojuvenil “Para Gostar de Ler”, publicada pela Editora Ática. Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, entre outros destacados cronistas brasileiros adentraram e povoaram o imaginário da estudante. Os preferidos dela, entretanto, eram os textos de Paulo Mendes Campos e de Clarice Lispector e, mais tarde, os escritos de João Ubaldo Ribeiro. Crônicas que provocavam deslocamentos de várias ordens na leitora. Narrativas que, para além de “aprender a gostar de ler” ou “bem-humorar”, o que já é esperado de um texto desse gênero, sempre se entrecruzavam com a própria experiência cotidiana da garota.

Por vezes, entretanto, era atravessada por narrativas que a levavam a se colocar no lugar das personagens e a se identificar com elas de modo tão visceral, em determinadas situações, que chegava a ter insônia ou a pensar no texto por vários dias tentando compreender os novos sentidos que eles estavam dando à sua forma de ser e estar no mundo.

De modo que, quando a estudante, ainda concluindo o mestrado em educação, conheceu o trabalho daquele autor e de seus orientandos, logo compreendeu que teria que se juntar a eles e elas se quisesse contribuir para subverter a compartimentalização e a linearidade do conhecimento, paradigmaticamente concebido e reproduzido na universidade.

Se conseguisse romper, ao menos, com uma escrita padronizada, talvez suas colegas professoras, pesquisadoras também, não reconhecidas academicamente, entretanto, tivessem a chance de acessar uma tese de doutorado na qual se sentissem representadas

e cujo conteúdo lhes fosse palatável. Aquele livro abria-se para essa possibilidade e a estudante de doutorado o devorou.

A única edição da publicação esgotara-se praticamente ao ser lançada, em 1999. Tornou-se uma relíquia a ser diligentemente garimpada nas andanças pelos sebos da cidade, mas também nos endereços cadastrados na maior loja virtual especializada em comércio de livros novos e usados. Há anos, a estudante visitava periodicamente o site dessa loja, na esperança de encontrá-lo.

O que tinha em mãos não era o livro, mas por hora – e por anos – foi material de consulta e de inspiração para a pós-graduada. Fez orelhas, sublinhou trechos, marcou frases em neon amarelo, fez anotações nos rodapés e laterais em branco das páginas sem a mínima preocupação com a conservação do material, afinal, era somente uma cópia do livro. E voltava àquela encadernação, que ficava na parte da estante mais próxima à escrivaninha, toda vez que acreditava ainda não estar compreendido muito bem, durante os encontros com o autor, o seria uma narrativa ficcional e se estaria, na escrita sobre o cotidiano de uma professora/pesquisadora assumindo, de fato, essa possibilidade teórico-metodológica em sua tese de doutoramento em educação.

Diante do seu notebook, concluindo o texto de sua tese sobre pedagogias em deslocamento no cotidiano da indiferença, desde uma revisita à perspectiva freireana, eis que a estudante recebe uma mensagem eletrônica, remetida por dois colegas já doutorados, convidando-a para participar de um projeto cujo principal interesse seria o de publicar uma coletânea de textos produzidos por orientandos(as) e ex-orientandos(as) do autor, inspirados justamente no pensamento dele impresso naquele livro. O combinado era para que ela, e os(as) demais convidados(as), estabelecessem uma conversa entre a obra e a ideia de movimento, tão cara ao autor. Coincidência? Se alguém perguntasse isso ao autor, ele certamente responderia que não acredita em bruxas, mas que elas existem, existem.

Ela queria muito poder escrever alguma coisa como “desde que adquiri a obra, a degluti por anos...”, mas a estudante, na verdade, não tinha o referido livro. Em um movimento quase involuntário, acessou, pela enésima vez, aquele site de venda e... lá estava: um exemplar de “Ecologistas” - usado - disponível. Coincidência?

Não alimentou esperanças. Somente acreditou que o processo de compra havia sido concluído com êxito quando recebeu o volume em sua casa. Dividiu a façanha com o seu orientador - sem, evidentemente, mencionar a parte do projeto secreto ao qual havia aderido - e com colegas do grupo de pesquisa, postando fotos dela com o livro numa rede social mais íntima. Alguns a cumprimentaram pela “conquista”, outros vibraram com ela.

Na primeira página, há uma dedicatória do autor, datada do mesmo ano do lançamento do livro, a uma tal de Mônica que, na perspectiva da estudante, seja lá quem for... perdeu! Agora, aquele objeto tão desejado pertenceria à aspirante, à quase doutora. O autor, certamente, não iria se negar a fazer uma nova dedicatória, tão logo a pandemia por Covid-19 fosse definitivamente aplacada e ela pudesse reencontrá-lo pessoalmente.

Dizia ainda a mensagem dos mentores do projeto que o mais interessante seria que os(as) participantes relatassem o modo como o livro e o encontro com o autor os(as) haviam marcado, enquanto pessoas. Sendo assim, como poderia a estudante deixar de participar do tal coletivo?

Durante todo o percurso do seu doutorado, ela debruçou-se sobre a questão dos deslocamentos ocorridos no cotidiano docente e as relações desses deslocamentos com a construção de um mundo mais solidário. Marcos Reigota, seu orientador, representa a própria ideia de deslocamento que visa defender em sua tese.

Em tempos de mobilidade possível, Reigota viaja, geralmente às suas próprias custas, pelo menos duas vezes por ano. Tais

deslocamentos, invariavelmente, se desdobram cognitivamente em inéditos ou inusitados saberes, os quais faz questão de compartilhar, tornando-os públicos, na maioria das vezes, de forma gratuita. No debate, ou melhor, no diálogo, tão caro ao professor freireano, provoca movimentos políticos e afetivos viscerais, daqueles do tipo que realmente importam, capazes de deslocar o interlocutor de tal forma que o sujeito não consegue mais voltar ao seu estado original. Reigota é, finalmente, uma bússola, invertida, naturalmente, necessária àqueles que desejam olhar para o “Sul” e contribuir para descolonizá-lo.

Constava, também, no escopo do projeto encabeçado pelos colegas, diretrizes quanto ao layout do texto (fonte, tamanho, espaçamento, número de páginas etc.), mas a estudante desconfia de diretrizes, então foge delas, sempre que possível. Prefere dizer a sua palavra e se fazer compreendida em poucas linhas. Imaginou que nesse coletivo poderia contribuir com uma singela “crônica acadêmica”, para provável desespero de colegas ortodoxos.

MARTA AO ÉDER

Marta Bastos Catunda

CLIQUE AQUI PARA OUVIR

TRANSCRIÇÃO¹

Oi, Éder, querido, que saudade de você. Então, vamos inventar alguma moda juntos? É o seguinte, você sabe que o Rodrigo está fazendo um livro de comemoração dos “Ecologistas”, né? Eu acho que você sabe disso, ele e a Andréia estão organizando. Eu fiz os desenhos da capa, mas em vez de eu fazer texto, eu estou com vontade de fazer um áudio.

E aí eu conversei com o Rodrigo, o Rodrigo é aquela criatura, ele quer um livro silencioso. Então, ele não quer um livro com muito ruído, e aí ele só quer umas imagens. Mas eu falei pra ele, não, eu queria fazer um áudio numa plataforma de streaming, e a gente coloca o link no livro.

Aí quem quiser ouvir, vai lá, senão vai ser uns desenhos meus com umas frases, e a gente está trabalhando aquele texto, eu e a Laurinha estamos trabalhando o texto das cinzas do norte. Eu falei, a gente podia chamar o Éder, porque a gente teria uma outra voz, né? Porque a minha ideia é pegar algumas daquelas frases do Marcos, que ele vai falar da produção de sentido, a partir da literatura do Milton Hatoum, a gente trabalharia com aquele das cinzas do norte.

E os meus desenhos, eles são muito caóticos, né? Tem aquela coisa assim, tudo misturado, parece que está acontecendo alguma coisa, alguma destruição, e é tudo preto e branco.

E aí a gente colocaria algumas frases, atravessando os desenhos, assim que eu estou propondo fazer. E aí essas frases com esses desenhos, elas iam no livro, vão para o livro, e lá nas preferências vai ter um link para as pessoas escutarem os áudios. E a minha ideia é fazer um cânone de vozes, ou seja, você fala uma palavra, a Laurinha fala e eu falo.

Aí essa palavra vai assim, como se tivesse um eco de três, sabe? Para mostrar a reverberação da perspectiva ecologista, né? É isso que eu quero fazer. Topa? Está na parada? Se você topar, vou ficar feliz. Beijo, querido.

GIAR INFLUXO

CLIQUE AQUI PARA OUVIR

*Marta Bastos Catunda
Laura de Aro
Eder Proença*

TRANSCRIÇÃO²

Produção de sentido.
O silêncio e as entrelinhas ecoam.
Conexão entre diferentes diferenças.

A aventura de desnudar-se.

Do que se esvai

A floresta

A cidade

A arte

Os amigos

A família

As utopias

.....

.....

.....

Depois do fim

O cotidiano.

NOTA DE VOZ – RIO SOROCABA

Marta Bastos Catunda

CLIQUE AQUI PARA OUVIR

TRANSCRIÇÃO^{3,4}

Lá lá ram lá ram ram lá lá ram
lá lá ram, lá lá riiii

Aqui na beira do rio Sorocaba
Tem um bando de passarinhos
Tem o sauquê

Pássaros pretos
E também
Cambacicas

.....
.....
E também
O sanhaço
Todos em alvoroço
Tão feliz e tão.....

E deixa

.....
.....

.....

Essa linda manhã
De chuva
Que vai indo embora

.....

Quando chove o rio Sorocaba
Fica.....

Quando chove o rio Sorocaba
Fica vermelho

E a chuva
Ficar aqui.....

.....

Que sorte

.....

.....

.....

E ficar aqui

3 Transcrição feita por Márcio José Andrade da Silva

4 Nota do transcritor: Parte do áudio não foi possível compreender. O que não entendi coloquei (.....) marcando a frase pela respiração dela. Porém, o compreendido é lindo!

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Eu vou embora, mas eu não
quero
Porque o.....
Porque.....
.....
Porque o.....

Eu quero dessa vida
..... pra cantar
Minha verdadeira missão nessa
vida
Serenidade, criatividade, tran-
quilidade
Com meu espírito com isso
possa servir.....

.....
Seguir a minha jornada nesse
universo
..... eternidade

.....
.....
Eu também canto: tenho que
ir embora

POSFÁCIO

PERSEVERANÇA ECOLOGISTA:
O FLORESCIMENTO DAS PALAVRAS
QUE QUASE NÃO FORAM...

Thiago Henrique Barnabé Corrêa

A responsabilidade que precede a escrita deste posfácio foi acompanhada de uma dimensão afetiva. Conforme visitava as páginas do livro '*Ecologista é a Educação*', senti, na pele do mundo, a força do mosaico de vozes, experiências e reflexões que transcendem o ato de escrever, registrando a presença pulsante de uma amizade-passarada.

Cada texto traz em si perspectivas ecologistas que semeiam o nosso eu-território. Palavras que ecoam um compromisso profundo com uma educação inédita e viável, entendida não apenas como uma prática pedagógica, mas como um modo de *serestar* no mundo. A obra, que se desdobra em cartas, relatos, provocações e confissões, é, na minha humilde opinião, um convite à escuta atenta das múltiplas narrativas que compõem a teia da vida.

Este livro, que agora repousa em suas mãos, tornou-se um testemunho de resistência, um ato de perseverança diante de um mundo que, muitas vezes, parece conspirar contra a esperança. Ele quase não existiu. Esteve à beira de ser engolido pelo tempo (Cronos), pela sensação de que suas palavras seriam apenas mais um eco perdido em meio ao ruído de um mundo cada vez mais infernal. Mas, contra todas as probabilidades, ele emergiu. E não por acaso, mas porque a força das amizades, dos alinhamentos éticos e da recusa em se render ao cinismo falou mais alto.

Para muitos, a tessitura deste livro pode parecer mais um grão de areia em um deserto de indiferença, porém, vejo a potência de suas ideias rasgando os céus como uma revoada migratória. E às vezes, migrar é um ato de resistência. Afinal, vivemos em tempos de neofascismo, de apagamento de sentidos, de destruição de projetos coletivos e ecológicos. Em tempos aziagos, encontramos força no esperar. Assim como nos lembra Spinoza, há uma força em nós que nos impulsiona a perseverar na existência, a recusar a destruição e a buscar uma vida que seja mais do que a mera sobrevivência. Foi exatamente essa força que permitiu a finalização deste livro.

Não posso deixar de dizer que esta obra não nasceu como uma homenagem formal. Ela é fruto de afetos e encontros, de cuidados mútuos, de uma ética que entende a educação não como um discurso distante, mas como uma prática cotidiana, visceral, trans-formativa, que se faz na interação com o outro e com o mundo, portanto, é uma educação ecologista.

A semi-dormência teve seu fim, e o tempo certo (Kairós) oportunizou sua florescência.

E aqui estamos. Este livro é, literalmente, um presente. Não apenas para Marcos Reigota (o jardineiro de sentidos), cujo legado reverbera em cada linha, mas também para Marta Catunda, cuja presença sensível plana sobre nós, inspirando-nos a seguir adiante. As artes e as transcrições aqui compartilhadas são uma forma de manter viva sua memória, de celebrar sua contribuição e de honrar seu compromisso com um mundo mais justo e sonoro.

Por fim, não se sinta excluído, pois o livro *'Ecologista é a Educação'* é para todos, sobretudo, aqueles que acreditam que a educação é muito mais do que teoria: é prática de reinvenção. Mesmo em tempos sombrios, exercitemos nossa **perseverança ecologista!**

Que este livro seja um chamado para que não nos rendamos à imobilidade. Que ele nos inspire a seguir construindo pontes, tecendo redes e cultivando afetos. Que na irmandade da Perspectiva Ecológica de Educação possamos inter-agir e inventar mundos outros melhores para/de se viver.

Thiago Henrique Barnabé Corrêa
Uberaba, 23 de fevereiro de 2025.

POR ELAS MESMAS E POR ELES MESMOS...





HEAD | RÉINVENTER LA PÉDAGOGIE DES OPPRIMÉ-E-S POUR FAVORISER LA PARTICIPATION CULTURELLE DANS LES INSTITUTION D'ART CONTEMPORAIN SUISSES



La Pédagogie Freireianne, l'art et l'écologie dans la vie quotidienne: une(re)lecture anthropofagique.

Genève, 28.05.2021.

Marcos Reigota (Université de Sorocaba/CNPq- Brésil)
Avec la participation de Daniele de Oliveira Garcia (Université de Sorocaba/Brésil).

Andréia Teixeira Ramos

Capixaba, nascida na Ilha de Vitória, 50 anos, filha da Dona Maria de Lourdes e do Seu Anselmo. Mãe da Maria Luiza. Esposa do Soler. Andréia Teixeira Ramos é pedagoga com pós-doutorado em Educação pela UERJ. Doutorado em Educação pela UNISO. Mestrado em Educação pela UFES. Atualmente, Andréia é pesquisadora e está Professora adjunta substituta do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (DTEPE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Além do mais, Andréia já atuou como Professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena - Tupinikim e Guarani (Prolind) da Ufes. Realiza pesquisas nas áreas de Educação Ambiental, perspectivas ecologistas de educação, ecologias cotidianas, ecologias insubmissas, educação ambiental antirracista, racismo ambiental, educação das relações étnico-raciais, diversidade, questões de gênero, feminismo negro, mulheres negras e indígenas, práticas pedagógicas, artefatos culturais, artefatos tecnoculturais, cinema negro e educação, literatura negro-brasileira e indígena, escrituras, pesquisas narrativas, estudos com os cotidianos, pedagogia de Paulo Freire, todas relacionadas com os cotidianos escolares e outras redes educativas.

Ariane Diniz Silva

Tenho quinze anos de experiência como educadora no ensino superior, com doutorado e mestrado em Educação pela Universidade de Sorocaba (2012 e 2017). A minha graduação foi em Projetos Mecânicos pela Faculdade de Tecnologia de Sorocaba (2007). Atualmente, sou professora nos cursos de Engenharias na Universidade de Sorocaba e no curso de Mecatrônica Industrial no SENAI Sorocaba. Já atuei como professora e tutora de disciplinas EAD e ministrei aulas em outras universidades também.

Daniele de Oliveira Garcia

É a sexta filha do Sr. José e D. Nirce, trabalhadores rurais que sonharam que a educação poderia transformar a vida de seus filhos. Teve a oportunidade de ingressar na Universidade por meio do PROUNI, com bolsa integral. Atualmente, é Doutora em Educação (orientada pelo Prof. Marcos Reigota) e Mestre em Comunicação e Cultura. Também é especialista em Design Instrucional e graduada em Design Gráfico e Letras. É docente nos cursos de Comunicação, Jogos Digitais, Design e Coordenadora de licenciaturas EaD na Uniso. Como seus pais, acredita que a educação (pode ser) libertadora e transformadora.

Eder Rodrigues Proença,

Graduado em Geografia e Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação pela Uniso, com estágio na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Possui mais de 15 anos de experiência como professor de Geografia no ensino fundamental II, ensino médio e educação de jovens e adultos, na rede estadual de ensino de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação. Atualmente é diretor de escola efetivo na rede municipal de ensino de Sorocaba-SP, atuando na Educação Infantil, onde o principal foco de trabalho é o desamparado da infância, ou seja, criar ambientes onde os elementos naturais serão referências para as brincadeiras e interações

das crianças, fora das salas. Também atua para a formação contínua da equipe escolar, buscando contribuições de professores pesquisadores freireanos, assim como busca o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade, promovendo ações no intuito de pensar e utilizar a cidade e o entorno da escola, como espaços de aprendizagens.

E-mail: eder.proenca@gmail.com

Íris Adriane Santoro Cardoso

Arteira dos remendos, dos retalhos e dos bordados. Seus pais são os artistas plásticos Ida Santoro e Carlos Augusto Cardoso, casada com Paulo e madrastra da Victória. Professora de Educação Física- FEFISO. Mestre e Doutora em Educação – UNISO. Professora da FEFISO - Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba e do Colégio Objetivo Sorocaba

Kleber Trevisam

Formado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba, ex-atleta de futebol, maratonista, ecologista, doutor em educação pela Uniso (2021) na linha de pesquisa Cotidiano Escolar (2021), procura despertar a partir dos componentes: Pedagogia do Esportes Coletivos I: futsal e futebol; Educação Física, Qualidade de Vida e Meio Ambiente; Pedagogia dos Esportes Individuais: atletismo; Metodologia do Treinamento Esportivo; Fundamentos do Exercício Físico e Orientação de Estágio Obrigatório no Bacharelado a importância na amorosidade e da empatia no cotidiano.

Laura de Aro

É Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e psicóloga formada pela Universidade de Sorocaba (UNISO).

Márcio José Andrade da Silva

Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba (2016), mestre em Filosofia Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), especialista em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter (2000) e graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997). Atualmente é professor titular do Instituto de Filosofia Clínica de Campinas e Região. Editor da Revista de Filosofia Clínica do IMFIC. Sócio Proprietário do Instituto Mineiro de Filosofia Clínica (IMFIC). Autor em Projeto Clareando (poesia) 1988; Sê-los (poesia), 2014; e Filosofia Clínica e Cinema, 2014.

Maria Aparecida Crisóstomo

Psicóloga Clínica, Mestre e Doutora em Educação. Profa. Adjunta da Universidade Paulista. Temas de Pesquisa: Psicologia das Relações Étnico-raciais e de Gênero, Psicologia e Compromisso Social, Psicologia- Meio Ambiente e Relações no Ambiente Escolar, Inclusão e Diversidade.

Marta Bastos Catunda

"Sou Marta Catunda⁵, minha árvore é o jatobá. Vivo em Sorocaba. Pensei invencionices para trazer para o Arvorescer em casa e aninhar várias experiências. Um processo que vai se desdobrando, mas sempre alinhado e ancorado à cartografia ecologista dos pássaros que venho pesquisando já há alguns anos. Assim, cada experiência vai acontecer em um lugar na minha casa. No terraço, o oráculo dos pássaros. Leitura das cartas dos pássaros que pode ser individual ou para grupos e aqui agendada no site do Arvorescer. No comedouro, o recanto dos beija-flores, vou oferecer pilulas de escuta, que são pequenos áudios de três a cinco minutos, unindo uma mensagem dos pássaros a vários convidados intercessores. Na horta, vão brotar os desenhos, fotomontagens, aquarelas, colagens, que revelam as mais diversas experiências, que adentram em casa. Por fim no quintal, vou oferecer canções de minhas autorias e parcerias. E é com essas invencionices que pretendo aninhar para Arvorescer. Até lá.."

Maurício Massari

Filho do José e da Lúcia. Marido da Verônica e pai da Maria Raquel. Professor de Educação Física. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Professor da Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba (FEFISO).

Rodrigo Barchi

Ecologista de perspectiva radical, que acabou se tornando professor tanto devido às limitações impostas pela vida, quanto pela percepção na qual os bichos, as plantas e toda a composição de seres que sustentam a vida precisavam se tornar imprescindíveis como preocupação ética, estética e política na educação humana. Se embrenhou pela geografia, pelas educações ambientais, pela filosofia política da educação, entre outros, até se tornar pesquisador dos campos, em atravessamento com a Música Extrema. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, onde também é coordenador do GEDECE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares)

Tânia Aversi

Licenciada em Pedagogia e Artes Visuais; Mestre em Educação pela PUCSP e Doutora em Educação pela UNISO. Foi professora na Educação Básica e no Ensino Superior. Aposentada, atuou como Secretária de Educação do Município de Torre de Pedra-SP e, hoje, presta assessoria pedagógica em projetos educativos e na formação de professores nas redes de ensino pública e privada. Temas de interesse e pesquisa: Cotidiano Escolar, Perspectivas Ecologistas de Educação, Arte-Educação, Pedagogias em Deslocamento e Formação de Professores.

E-mail: taniaaversi.livro@gmail.com

5 Apresentação de Marta Catunda, na página do YouTube do Projeto "Arvorescer de casa em casa". Reproduzimos aqui integralmente a tua fala gravada e postada na página em doze de abril de 2021, pois, como nós organizadores/organizadora sugerimos às e aos colegas que contribuíram ao livro, cada um traria sua apresentação do modo que fosse mais adequado a si. Por isso trouxemos Marta por ela mesma, publicamente anunciada.

ÍNDICE REMISSIVO

A

afetos 21, 28, 32, 34, 38, 39, 72, 94, 104, 193, 221, 222
 amizades 19, 20, 21, 31, 32, 135, 137, 202, 203, 220
 anticoloniais 33, 102
 arte de viver 16, 41
 arte:grafia 15
 artes 22, 23, 36, 86, 157, 221

B

bio:grafia 15, 17, 49, 50, 62, 63, 103, 118, 137

C

capixaba 28, 33, 34, 39
 cartas 16, 24, 55, 58, 60, 136, 157, 182, 220, 227
 cidadania 29, 32, 82, 105, 109, 150
 coletividades 200, 202
 congo 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 202
 cotidianos escolares 27, 31, 34, 35, 40, 92, 95, 103, 110, 126, 140, 173, 225

E

ecologia 20, 21, 24, 31, 34, 171, 188, 193, 197, 201, 203
 educação ambiental 24, 82, 107, 127, 133, 148, 151, 180, 189, 192, 225
 escrevivência 37
 esperança 23, 24, 32, 39, 40, 64, 75, 112, 191, 193, 196, 212, 220
 estética 24, 34, 94, 139, 156, 169, 227
 ética 24, 34, 36, 139, 156, 191, 202, 221, 227
 experiência 16, 36, 52, 53, 56, 61, 70, 72, 92, 94, 95, 97, 146, 150, 171, 177, 178, 179, 186, 187, 211, 225, 227
 experiências transnacionais 16, 96

F

feminismo das oprimidas 16, 35

G

geografia 34, 38, 112, 227

H

histórias 17, 27, 29, 36, 40, 49, 55, 56, 67, 72, 74, 126, 136, 150, 166, 210

L

liberdade 41, 42, 55, 106, 147, 151, 157, 190, 203
 livros 19, 22, 37, 41, 48, 50, 55, 67, 75, 82, 89, 118, 119, 120, 125, 157, 158, 169, 178, 209, 212

M

margens 16, 23, 31, 32, 35, 48, 64, 87, 92, 110, 143, 149, 150, 187, 199, 200
 memórias 16, 17, 38, 67, 72, 74, 75, 92, 101
 micropolítica 103, 200
 mulheres negras 37, 38, 42, 146, 149, 225

N

narrativas 15, 16, 17, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 50, 55, 57, 70, 74, 80, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 97, 103, 104, 110, 118, 121, 122, 126, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 148, 151, 157, 161, 165, 177, 178, 179, 210, 211, 220, 225

P

patriarcado 32, 35, 36
 pedagogia 17, 41, 58, 60, 78, 92, 102, 103, 118, 144, 225
 perspectiva ecologista 15, 18, 34, 77, 86, 145, 182, 191, 192, 209, 216
 pesquisadora-conversadora 33
 política 16, 17, 24, 34, 37, 48, 64, 67, 82, 86, 87, 88, 92, 94, 102, 108, 110, 111, 115, 116, 147, 150, 155, 171, 178, 188, 189, 191, 193, 196, 197, 198, 200, 205, 227
 práticas pedagógicas 18, 31, 33, 91, 100, 108, 127, 150, 182, 225
 produção de sentidos 16, 148, 151

R

racismo 179, 225

re-existência ecologista 27, 29, 31, 34, 36, 40

Reletran 16, 51, 53, 54, 62, 63

resistência 17, 20, 31, 34, 36, 38, 40, 41, 55, 103, 107, 165, 193,
204, 205, 220, 221

S

solidariedade 29, 34, 40, 118, 171, 182

subjetividade 36, 87, 173

T

tessitura 16, 32, 201, 221

*And in the end/
The Love you take/
Is equal to/
The Love you make*

(The End - Lennon e McCartney)

<https://www.youtube.com/watch?v=12R4FzIhdoQ>



www.PIMENTACULTURAL.com

ECOLOGISTA É A EDUCAÇÃO

cartas, relatos e diálogos